

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA

Elaine Aparecida Paraguai

HISTÓRIAS E GEOGRAFIAS DE BRUMADINHO:
o lastro/rastro da mineração

Belo Horizonte

Outubro/2024

Elaine Aparecida Paraguai

**HISTÓRIAS E GEOGRAFIAS DE BRUMADINHO:
o lastro/rastro da mineração**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado Profissional da Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais como requisito parcial para a conclusão do Mestrado Profissional em Educação.

Orientador: Gustavo Alvarenga Oliveira Santos

Belo Horizonte
Outubro/2024

P222h
T

Paraguai, Elaine Aparecida, 1978-
Histórias e geografias de Brumadinho [manuscrito] : o lastro--rastros da mineração / Elaine Aparecida Paraguai. -- Belo Horizonte, 2024.
123 f. : enc., il., color.

Dissertação -- (Mestrado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

Orientador: Gustavo Alvarenga Oliveira Santos.

Bibliografia: f. 113-117.

Anexos: f. 118-123.

1. Educação -- Teses. 2. Memória coletiva -- Teses.
3. Esquecimento -- Teses. 4. Minas e mineração -- Barragens de rejeitos -- Acidentes -- Teses. 5. Brumadinho (MG) -- Acidentes -- Teses.
6. Brumadinho (MG) -- Minas e mineração -- Teses. 7. Brumadinho (MG) -- História -- Teses.

I. Título. II. Santos, Gustavo Alvarenga Oliveira. III. Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação.

CDD- 900.07

Catálogo da fonte: Biblioteca da FaE/UFGM (Setor de referência)

Bibliotecário: Ivanir Fernandes Leandro CRB: MG-002576/O



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FAE - COLEGIADO DE MESTRADO PROFISSIONAL EM EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA

ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO/TESE

Realizou-se, no dia 21 de outubro de 2024, às 10:30 horas, por videoconferência, na Faculdade de Educação, da Universidade Federal de Minas Gerais, a 570ª defesa de dissertação, intitulada Histórias e Geografias de Brumadinho - o lastro/rastro da mineração, apresentada por Elaine Aparecida Paraguai, número de registro 2022658595, graduada no curso de GEOGRAFIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Mestre em EDUCAÇÃO E DOCÊNCIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(o). Gustavo Alvarenga Oliveira Santos - Orientador(o) (Universidade Federal do Triângulo Mineiro), Prof(a). Grazielle Ramos Schweig (Universidade Federal de Minas Gerais), Prof(a). Andrea Casa Nova Maia (Universidade Federal do Rio de Janeiro).

Título do recurso educacional:

Tecendo memórias para Brumadinho

- (X) Aprovada.
() Reprovada.
() Aprovada com indicação de correções.

A Banca sugeriu e o candidato acatou a mudança do título da dissertação para:

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.

Belo Horizonte, 21 de outubro de 2024.

Prof(o). Gustavo Alvarenga Oliveira Santos (Doutor)

Prof(a). Grazielle Ramos Schweig (Doutora)



Documento assinado eletronicamente por **Graziele Ramos Schweig, Professora do Magistério Superior**, em 24/10/2024, às 09:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Andrea Casa Nova Maia, Usuário Externo**, em 24/10/2024, às 11:33, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **GUSTAVO ALVARENGA OLIVEIRA SANTOS, Usuário Externo**, em 05/11/2024, às 21:07, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufmg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **3630987** e o código CRC **CC26D8DE**.

Dedico esta pesquisa à Brumadinho e a todos os seus moradores, um pedaço bem grande do meu coração;

À minha família, com grande amor e gratidão: pai João, mãe Nevita, quatro “irmãs” Jane, Nara, Lilian e Priscila, esposo Dênis, filho João Pedro;

Às minhas amigas de infância, sobretudo àquelas que tiveram participação fundamental nesta pesquisa: Carmen, Maria Angélica e Nádia;

Às 272 joias não ausentes e suas famílias.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as pessoas que concordaram gentilmente em me conceder as entrevistas e todas aquelas que participaram sensivelmente da produção desta pesquisa, seja disponibilizando fotos ou simplesmente acompanhando o processo, representadas aqui pela querida conterrânea, Letícia de Lourdes, a quem agradeço de forma especial por ter escrito uma espécie de prefácio à minha pesquisa e que deixo registrado nesta página:

Todo Brumadinhense é apaixonado por essa cidade e sente saudade dos tempos que antecedem o rompimento da Barragem - e com a Elaine Paraguai não seria diferente. Cria raiz da cidade e filha do memorável Sr João Paraguai, Elaine Aparecida Paraguai é formada em Geografia pela UFMG, Pedagogia pela UEMG e especialista em História e Cultura do Brasil e vem desenvolvendo a pesquisa intitulada HISTÓRIAS E GEOGRAFIAS DE BRUMADINHO - O RASTRO/LASTRO DA MINERAÇÃO, para obter o título de Mestre em Educação, Ensino e Humanidades.

Com este trabalho, que eu tive a honra de contribuir, Elaine visa expor ao mundo que o acontecido em 25/01/2019 não acabou ali - nós sentimos os reflexos do rompimento da Barragem diuturnamente, não importa se estamos locados na cidade ou não (como é o meu caso). A cada dia vivemos um absurdo diferente, inclusive agora estamos sujeitos a ter que provar a cidadania Brumadinhense e provar que sofremos com o ocorrido. Ignoram totalmente o fato de que vários fragmentos de nossa história foram brutalmente arrancados de nós, afinal de contas em uma cidade "pequena" as histórias e vivências de todos acabam por se entrelaçar.

Desejo de coração que este trabalho alcance seu objetivo e nos traga voz. Obrigada Elaine, e boa sorte! Disponível em:

<https://www.facebook.com/ledice86/videos/874269784374092>

Ao meu esposo, Dênis, que sempre me incentivou mesmo quando eu preferia ter desistido, persistir é coisa de quem cresceu no Santa Efigênia.

Aos cunhados Charle e Luciano que contribuíram e incentivaram esta pesquisa desde o início.

À amiga Flávia Schettino que leu e contribuiu com meu projeto, antes mesmo de ser aprovada no Promestre.

Aos colegas do Promestre que sempre me ouviram com muito carinho e empatia.

Agradeço à Deus e a esta força espiritual que traz inspirações ao nosso ser, as quais muitas vezes não nos parecem possíveis, mas que a força da fé faz com que se materializem.

Resumo

O dia 25 de janeiro de 2019 ficou gravado dolorosamente na memória da população de Brumadinho – MG. Depois dessa data, os dados, as notícias, as referências à cidade passaram a remeter ao rompimento da Barragem da Vale, mineradora que atua naquele município.

A presente pesquisa pretende compreender o quanto da memória afetiva dos habitantes de Brumadinho foi modificada após este evento, que é chamado de crime por muitos e tragédia por outros tantos. Nessa análise serão discutidos temas e conceitos, tais como o esquecimento, a utilização intencional do discurso, o silenciamento pedagógico e as resistências.

No que se refere à metodologia, foi realizada uma pesquisa qualitativa com a utilização da História Oral e da Autoetnografia que unirá os relatos dos moradores na transcrição de suas memórias à participação ativa da pesquisadora, enquanto brumadinenses e culminará na produção de um recurso educacional que servirá como ponto de partida para discussão da categoria lugar, como espaço de vivência em geografia e da história dos bairros Santa Efigênia, São Sebastião e Carmo.

Palavras-chave: Brumadinho; Memória; Esquecimento; História; Lugar.

Abstract

January 25, 2019 was painfully recorded in the memory of the population of Brumadinho – MG. After that date, the data, the news, and references to the city began to refer to the collapse of the Vale Dam, a mining company that operates in that municipality.

This research aims to understand how much of the affective memory of the inhabitants of Brumadinho was modified after this event, which is called a crime by many and a tragedy by many others. In this analysis, themes and concepts will be discussed, such as forgetting, the intentional use of discourse, pedagogical silencing and resistance.

With regard to methodology, qualitative research will be carried out using Oral History and autoethnography, which will combine the residents' reports in the transcription of their memories with the active participation of the researcher, as a Brumadinhense resident, and will culminate in the production of an educational resource that will serve as a starting point for discussing the place category, as a space for experiencing geography and the history of the Santa Efigênia, São Sebastião and Carmo.

Keywords: Brumadinho; Memory; Forgetting; History; Place.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 EU E MINHA PESQUISA – UM ENVOLVIMENTO INEVITÁVEL	16
3 BRUMADINHO: O LUGAR QUE VIVE EM NÓS	21
3.1 PRIMEIRAS LEMBRANÇAS – A INFÂNCIA NOS BAIRROS SANTA EFIGÊNIA, CARMO E SÃO SEBASTIÃO	23
3.2 – O FAZER COTIDIANO NOS BAIRROS SANTA EFIGÊNIA, CARMO E SÃO SEBASTIÃO (ESCOLA, TRABALHO, IGREJA, LAZER)	45
3.3 – O DIA 25/01/2019	64
4 DIZER O INDIZÍVEL E DISCUSSÃO DE RESULTADOS	85
4.1 TECENDO MEMÓRIAS PARA BRUMADINHO – O LUGAR QUE PERMANECE NO AFETO	94
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS (OU PROVISÓRIAS)	109
REFERÊNCIAS	113
ANEXOS	118

1 INTRODUÇÃO

*Eu sou estas casas
Encostadas
Cochichando umas com as outras.
Eu sou a ramada
Dessas árvores,
Sem nome e sem valia,
Sem flores e sem frutos,
De que gostam
A gente cansada e os pássaros vadios.*

(CORALINA, 2004, p.38)

Esta dissertação foi realizada através da escuta participativa de moradores e ex-moradores de Brumadinho totalizando onze pessoas. Através das metodologias História Oral e da Autoetnografia, foram discutidos conceitos das Humanidades, principalmente ligados à Geografia e à História. Recorri a estas duas metodologias por compreender que, além da escuta dos meus entrevistados, eu sou uma pesquisadora participante e estou imersa no problema de pesquisa. Como brumadinense, portanto, além de registrar o que eu ouvi, farei também o registro de minhas impressões, incômodos e sentimentos em um diário de campo.

O recurso educacional proposto é um livro paradidático digital que será destinado aos estudantes do terceiro ciclo da Escola Municipal Padre Machado, no Bairro Santa Efigênia, Brumadinho, Minas Gerais, podendo se estender às outras escolas do município.

A presente pesquisa partiu de um questionamento pessoal. Após um acontecimento que desestruturou a cidade onde vivi minha infância, matando vários moradores, um desconforto tomou conta de minhas visitas semanais e Brumadinho passou a ser sinônimo de angústia, tristeza e dor. Aquela cidade, antes pouquíssimo conhecida, tomou conta dos noticiários e da mídia exibindo predominantemente o sofrimento de milhares de famílias que ali viviam. As memórias afetivas desta pesquisadora, aquelas ligadas à Brumadinho, romperam-se dramaticamente e uma raiva estava crescendo dentro de minha mente. Assim, as visitas estavam minguando e a minha relação com a cidade progressivamente diminuindo. Até que, ao ouvir uma canção de Elomar Figueira Melo, cantada por Xangai, cujo título é *Incelença do Amor*

Retirante, passei a me lembrar da cidade onde cresci e de minhas tantas memórias de infância e adolescência. A canção se inicia da seguinte maneira: “Vem amiga visitar, a terra, o lugar, que você abandonou”

Certo trecho diz o seguinte:

Faz um ano em janeiro
Que aqui pousou um tropeiro
O cujo prometeu
De na derradeira lua
Trazer notícia tua
Se vive ou se morreu
Derna aquela madrugada
Tenho os olhos na estrada
E a tropa não voltou

É como se a canção conversasse comigo. Eu sou a amiga convidada a visitar o lugar que abandonei e em todos os janeiros completam-se anos de sofrimento e angústia porque a tropa não voltou e os olhos continuam na estrada aguardando o regresso.

Passei, então, a questionar o que modificou meus sentimentos em relação à cidade onde vivi e, além disso, a me perguntar se isso teria acontecido também com meus amigos, familiares e conhecidos e o quanto isso beneficiaria a algoz, a responsável por tudo isso, a empresa Vale.

Inicia-se, então, um processo de busca. Naquele momento, eu fazia uma especialização em História na Universidade Federal de Juiz de Fora. Lá, devido a uma tarefa do curso, assisti com outro olhar ao filme *Narradores de Javé* (NARRADORES, 2004), que tratava de uma comunidade que também foi afetada pela inundação para construção de uma barragem. Fez-se, portanto, a relação entre o problema e como seria pesquisado. O problema é a perda da memória antiga e das vivências ou sua substituição pela história recente de forma descontextualizada, e história oral é a primeira metodologia de pesquisa selecionada para a efetivação do estudo.

Dado o caráter de pessoalidade da presente pesquisa, escrevo em primeira pessoa. Seria falso e ineficiente escrever demonstrando um falso distanciamento. Assim, de forma a resolver a questão, utilizo como estratégia metodológica, além da História Oral, a autoetnografia. A escrita em primeira pessoa permite uma maior transparência e autenticidade na narrativa. Ao assumir a autoria da pesquisa, evidencio meu papel como sujeito ativo no processo de investigação, o que reforça a legitimidade da minha perspectiva e das minhas interpretações. Afinal, a autoetnografia se propõe a explorar a intersecção entre o pessoal e o cultural, e essa conexão só pode ser estabelecida de forma genuína quando a voz do pesquisador se faz presente de forma clara e assumida.

De acordo com Ellis e Bochner (2000), a autoetnografia é um gênero autobiográfico de escrita e pesquisa que apresenta múltiplos níveis de consciência, conectando o pessoal ao cultural, expondo frequentemente um self vulnerável. Diferente da etnobiografia (Gonçalves; Marques; Cardoso, 2013) – na qual a antropóloga reflete sobre a trajetória de uma outra pessoa para analisar fenômenos socioculturais – na autoetnografia, a antropóloga reflete sobre sua própria experiência, ou a partir dela, para analisar questões da sociedade e/ou cultura à qual pertence. (GAMA, 2020, p. 190)

A presente pesquisa será realizada, portanto, a partir de minha própria experiência e com a participação de familiares, amigos e conhecidos conterrâneos de Brumadinho num processo autoral e colaborativo.

Segundo VERSIANI (2002, p.68) a “presença do prefixo *auto*, do grego *autós*, serve de alerta contra a supressão das diferenças intra-grupo, enfatizando as singularidades de cada sujeito/autor, enquanto o termo etno localiza parcial e pontualmente, esses mesmos sujeitos em determinado grupo cultural.” Ou seja, meus pontos de vista são levados em consideração na pesquisa, bem como as emoções e sentimentos suscitados por ela, ressaltando-se que dentro de um grupo cultural que compartilha características comuns, existem diferenças significativas entre os indivíduos.

Sou nascida em Belo Horizonte, na certidão de nascimento, entretanto, na barriga de minha mãe, já era moradora de Brumadinho. Minha família mudou-se para Contagem, onde permaneceu por uns 4 anos e, depois, voltou para Brumadinho, onde eu residi fixamente até os meus 25 anos. Portanto, cresci e vivi minha infância e adolescência entre os bairros do Carmo, Santa Efigênia e São Sebastião, na sede urbana da cidade. Meu sentimento em relação à Brumadinho tem passado por mudanças e contradições desde o dia 25 de janeiro de 2019. Inicialmente, experimentei o desespero de milhares de famílias, a angústia de ser absorvida por um acontecimento simplesmente impossível para aqueles que cresceram nessa cidade. Depois, uma tristeza que não passava e a sensação de que a cidade simplesmente havia sido destruída e todas as lembranças dali também.

Minha infância começou a me atormentar e a relação com a cidade tornava-se uma mistura de aversão e saudade. Comecei, então, a forçar minha memória, pois conforme LEVINE (2023, p. 37):

As memórias dolorosas moldam a nossa vida de maneiras inimagináveis. Como a Hidra de várias cabeças (e a nossa luta inglória e inútil para cortar uma cabeça após a outra), essas lembranças retornam para nos fisgar, nos perseguir e nos moldar, por mais que queiramos eliminá-las, negá-las ou santificá-las.

Compreendi que muito do que estava sentindo não estava nas minhas raízes, mas nas fontes exteriores que vinha recebendo de notícias, disputas e conflitos por narrativas. Onde estava a minha história e a história dos meus vizinhos? Daqueles que cresceram comigo? Dos

que corriam pelas ruas do meu bairro e sujavam os pés na terra vermelha? Desbotada, ela estava se apagando. O que estava se fixando eram as lembranças negativas sobrepostas por um imenso emaranhado de informações recentes. Essa foi a motivação desta pesquisa. Trabalhar a favor e junto à memória e resistir ao desejo, movido pelo trauma pessoal, de apagar o acontecimento doloroso e toda uma vivência em minha antiga cidade.

Nas próximas páginas, procurei discutir detalhes dessa dramática “história coletiva” que ainda está em construção. O tema que é, ao mesmo tempo, muito caro a esta pesquisadora, traz muita dor e, incontáveis vezes, pensei em desistir ou me senti inapta para continuar. Persistir será sempre um ato de resiliência em memória dos meus amigos e conforme complementa LEVINE (2023, p. 37) sobre as memórias dolorosas: “trabalhar com elas e não contra elas, acessando e utilizando sua “energia comprimida”.”

Por isso, utilizo um trecho da canção Galos, noites e quintais de Belchior para descrever como me sinto:

Eu era alegre como um rio
Um bicho, um bando de pardais
Como um galo, quando havia
Quando havia galos, noites e quintais
Mas veio o tempo negro e, à força, fez comigo
O mal que a força sempre faz
Não sou feliz, mas não sou mudo
Hoje eu canto muito mais. BELCHIOR, 1977

Assim como ocorreu em várias cidades do estado de Minas Gerais, na região mineradora do estado, o Quadrilátero Ferrífero, Brumadinho foi parcelada entre mineradoras pelo menos desde a década de 1940, com a primeira concessão de lavra da Mina Córrego do Feijão à Companhia de Mineração de Ferro e Carvão S. A. (MINAS GERAIS, 2021, p. 21). Posteriormente, o empreendimento mudou de dono, mantendo e ampliando a exploração econômica. Quem eram os brumadinenses e onde estavam nesse ínterim? Durante muitos anos, viveram suas vidas e trabalharam na agropecuária ou para as mineradoras e setores de serviços que se desenvolveram impulsionados pela instalação delas. Mas, quem eram eles além de trabalhadores? Essa pergunta talvez nunca tivesse sido feita até 25 de janeiro de 2019 quando, às 12 horas, 28 minutos e 25 segundos, a Barragem 1 do Córrego do Feijão desmoronou e a lama dos rejeitos matou 270 pessoas e 2 bebês no ventre de suas mães. A partir desse dia, Brumadinho passou a fazer parte dos noticiários nacionais e internacionais. As vidas e o cotidiano de seus habitantes passou por uma modificação tão intensa que existe o risco de que, a pergunta em questão, jamais possa voltar a ser respondida de forma a honrar as memórias ali existentes.

Mudanças fazem parte da movimentação do tempo. O ser humano altera a paisagem por meio de suas atividades econômicas e de suas relações no e com o espaço. A efemeridade do espaço geralmente está relacionada ao espaço material quando se refere a parcelamento do solo, compra e venda, valores ou interesses imobiliários que mudam de acordo com as leis que regulam o uso e ocupação do solo e até mesmo com aquelas que regem a oferta e a procura. Contudo, o espaço imaterial das relações sociais, do convívio, dos sentimentos e das vivências também passa por transformações intensas, capazes de alterar as relações essenciais que definem o sentido do lugar. Segundo Ana Fani A. Carlos, “Os guindastes, motosserras, as britadeiras, os caminhões de concreto são metáforas da criação de formas fluidas, efêmeras; isso reflete nos pontos de referência da vida cotidiana por meio dos usos” (2001, p. 33). Não por acaso, Ana Fani cita Olgária Matos, que afirma que “no espetáculo da multidão o indivíduo se perde e, para ele, a cidade se torna ora passagem ora vitrine” (MATOS, 1982, *apud* FANI, 2001, p. 33). Por isso, pode-se afirmar que o espaço material ou concreto e o espaço imaterial são inseparáveis.

Quando se compra ou vende “um espaço”, tal negociação, pensada racionalmente, resumir-se-ia ao espaço material. No entanto, não é o que acontece. O comprador leva o pacote completo: porção de terra somada às relações afetivas que, por sua vez, são somadas ao ambiente natural que é somado às raízes históricas locais... E, então, o que ocorre? Transformação. Mais que isso, poder-se-ia dizer que há uma reconfiguração espacial na medida em que todas as estruturas espaciais são redimensionadas e elevadas a um novo patamar. Aquele espaço não será nunca mais o mesmo. Pode haver outra concepção ou representação por seu novo proprietário, fundamentada nos seus interesses. O que existia de autóctone, por sua vez, será adaptado, podendo se transformar em resíduo ou resistência aos padrões homogeneizantes.

Nesse contexto, Brumadinho foi vendida num pacote fechado a partir do momento em que a empresa Vale se instalou no local. Isso ocorreu quando a antiga estatal Companhia Vale do Rio Doce (CVRD) comprou a Ferteco Mineração S. A. em abril de 2001 (MINAS GERAIS, 2021, p. 21). Como principal atividade econômica do município, a mineração passou a ser sinônimo de segurança e ascensão social. As memórias e histórias passaram a se ligar profundamente à empresa, porque o espaço foi modificado por ela e a memória liga-se ao espaço por meio do lugar.

Entretanto, houve uma profunda ruptura com o espaço. Partes e, talvez, para alguns, totalidades dos sentidos do cotidiano desfizeram-se após o inacreditável dia 25 de janeiro de 2019. Casas, terrenos, vidas, lembranças, documentos, fotografias foram soterrados por 13

milhões de m³ de lama, conforme dados do relatório final da CPI da Câmara dos Deputados (BRASIL, 2019, p.213).

A história de Brumadinho estará segura? Talvez esteja nos relatos de seus habitantes. Conforme DELGADO (2006, P. 10), “[...] o olhar do homem, no tempo e através do tempo, traz em si a marca da historicidade. São os homens que constroem suas visões e representações das diferentes temporalidades e acontecimentos que marcaram sua própria história”.

Os moradores de Brumadinho não imprimiram a tempo suas histórias de forma “científica”, como diria Antônio Biá, em *Narradores de Javé*. A presente pesquisa garantiria um status de ciência às narrativas populares, tal qual o conceito de documento/monumento na análise de LE GOFF (1990) para quem o monumento podia ser representado pelas narrativas e o documento pela prova escrita – no caso, a transcrição.

Em princípio, havia uma diferença entre documento e monumento que podia ser explicada tendo em vista a herança da memória. Segundo LE GOFF (1996, p.546) “o monumento é tudo aquilo que pode evocar o passado, perpetuar a recordação”, inclusive documentos escritos. No entanto, o documento escrito foi considerado, principalmente pelos positivistas, como sinônimo de prova. Ou seja, se houvesse algo escrito, o historiador poderia comprovar determinada memória como fato e não como reflexo das lembranças de um grupo específico.

Entretanto, conforme o autor, a partir do século XIX, as relações entre os conceitos de documento e monumento passaram a se transformar para os historiadores. Num primeiro momento, passaram a considerar que não deveria existir pelos historiadores, uma ideia preconcebida em relação aos documentos escritos, que permaneceram aceitos como sinônimos de documento, pois também refletem as intenções de determinado grupo social e devem ser analisados sob esse ponto de vista. Não são, portanto, provas imparciais.

Posteriormente, outros tipos de fontes passaram a ser consideradas como documentos. Na ausência de documentos escritos, qualquer registro da passagem do ser humano poderia ser analisado pelo historiador. Num dos trechos mais interessantes desse texto, Le Goff cita a obra *Annales d'histoire économique et sociale*:

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas daninhas. Com os eclipses da lua e a atrelagem dos cavalos de tiro. Com os exames de pedras feitos pelos geólogos e com as análises de metais feitas pelos químicos. Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do

homem, serve o homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem (LE GOFF, 1996, p. 166).

As definições e o entendimento sobre documento/monumento ampliaram-se e, atualmente, o documento histórico é muito mais do que o texto escrito, felizmente. O historiador pode considerar, para sua análise, as subjetividades de um povo, a história oral e interpretar diferentes fontes, conjugando-as para que todas as passagens do ser humano pela Terra sejam consideradas.

Na contemporaneidade, isso se faz extremamente importante, pois contribui para que possamos viver a história do tempo presente e refletir sobre o que será contado por meio dos documentos/monumentos no futuro. No caso do crime da empresa Vale, em Brumadinho e Mariana, por exemplo, a dicotomia entre documento escrito, prova e outros documentos/monumentos, como relatos, cultura, objetos pessoais e histórias de vida das pessoas do lugar, deve ser considerada ao se imprimir essa história, ao transmiti-la às próximas gerações. Se apenas os documentos escritos fossem considerados, será que alguma das histórias dos trabalhadores e moradores da região seriam contadas? O ofício do historiador, segundo LE GOFF (1996, p. 470), “é criticar o documento enquanto monumento, ou seja, enquanto memória de uma sociedade, o que ela quer deixar para a lembrança, a imagem de si própria”. E essa lembrança, essa vivência acontece no espaço.

Assim, a geografia contribuirá para essa análise por meio da categoria lugar que pode ser compreendida como construção afetiva, onde se estabelecem os relacionamentos, as alegrias ou dissabores. Como ficarão, portanto, as memórias individuais e coletivas dessas comunidades?

Os distritos e bairros de Brumadinho têm se transformado em “não lugares”, na medida em que sua geografia e sua história foram radicalmente modificadas após esse acontecimento?

Para Marc Augé (2007, p. 73-74),

Um mundo onde se nasce numa clínica e se morre num hospital, onde se multiplicam, em modalidades luxuosas ou desumanas, os pontos de trânsito e as ocupações provisórias (as cadeias de hotéis e os terrenos invadidos, os clubes de férias, os acampamentos de refugiados, as favelas destinadas aos desempregados ou à perenidade que apodrece) onde se desenvolve uma rede cerrada de meios de transporte que são também espaços habitados, onde o frequentador das grandes superfícies, das máquinas automáticas e dos cartões de crédito renovado com os gestos do comércio “em surdina”, um mundo assim prometido à individualidade solitária, à passagem, ao provisório e ao efêmero, propõe ao antropólogo, como aos outros, um objeto novo cujas dimensões inéditas convêm calcular antes de se perguntar a que olhar ele está sujeito.

Famílias que tinham toda uma vivência, uma rotina, um *lôcus* fundamentado em seu trabalho/vida/lugar estão agora sem trabalho, sem vida, sem lugar. Moram noutros espaços, perderam entes queridos e suas relações afetivas. Perderam suas memórias?

Segundo Halbwachs (1990, p. 142):

[...] não há memória coletiva que não se desenvolva num quadro espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem, uma a outra, nada permanece em nosso espírito e não seria possível compreender que pudéssemos recuperar o passado, se ele não se conservasse, com efeito, no meio material que nos cerca.

Assim, apresenta-se a temática desta pesquisa. Parte da memória dos atingidos será reconstituída, assim como a história, construída por meio dos relatos orais, da espacialidade e do lugar, num recorte espacial selecionado conforme as vivências desta pesquisadora, brumadinense que é, considerando seu espaço de vivência de infância e adolescência, unindo as humanidades por meio da prática e da escuta.

1.1 Objetivo geral

O presente estudo tem como objetivo geral verificar possíveis impactos nas memórias afetivas dos moradores com a cidade de Brumadinho decorrentes do que foi vivido no dia 25 de janeiro de 2019, quando houve o rompimento da barragem da mineradora Vale, além de produzir um livro paradidático digital que expresse essas memórias.

1.2 Objetivos específicos

O presente estudo orienta-se de acordo com os seguintes objetivos específicos:

- a) narrar, por meio de uma perspectiva autoetnográfica, poética e recorrendo aos procedimentos da história oral, as histórias dos moradores entrevistados, reunindo-as em excertos para organizar o recurso educacional, de modo a potencializar as narrativas de seu espaço de vivência;
- b) registrar a história dos bairros Santa Efigênia, Carmo e São Sebastião, por meio de relatos de seus moradores antigos e atuais, lembrando cenas do cotidiano de antes, durante e depois de janeiro de 2019.

- c) contribuir com os estudos de geografia e história na Escola Municipal Padre Machado, no bairro São Sebastião em Brumadinho, podendo expandir-se para outras escolas dentro ou fora do município.

2 Eu e minha pesquisa – um envolvimento inevitável

A história de Brumadinho precisa ser contada sob o ponto de vista dos afetados. Do ponto de vista da empresa, do poder público, da mídia, ela já está sendo contada. É essencial ouvir a narrativa de quem está sofrendo com o que aconteceu.

Para tal, a história oral será utilizada nesta pesquisa, pois, conforme PORTELLI (1997, p. 37),

Fontes orais são condição necessária (não suficiente) para a história das classes não hegemônicas. Elas são menos necessárias (embora de nenhum modo inúteis) para a história das classes dominantes, que têm tido o controle sobre a escrita e deixaram atrás de si um registro escrito muito mais abundante.

A metodologia já apontada por DELGADO (2006), em seu livro *História oral: memória, tempo e identidades*, propõe o exercício da escuta, o respeito e a empatia. Para colher os depoimentos, é necessário estudar previamente o espaço, pesquisar e selecionar fontes documentais. Conforme DELGADO (2006, p. 23), “[...] a relação entre história oral e pesquisa documental é bidirecional e complementar. Ambas fornecem simultaneamente subsídios e informações à outra, tornando o processo de construção de fontes orais extremamente desafiante e rico.”

Realizada dessa maneira, a pesquisa se torna um memorial que será construído como representação dos diversos sentidos – visual, auditivo, olfativo, gustativo e tátil, composto por registros de falas, sentimentos e documentos. Num mundo cada vez mais multimídia, as representações possuem cada vez maior importância. Entretanto, o que foi contado e mostrado na mídia sobre o dia 25 de janeiro de 2019 borrou o sentido profundo de lugar da afetividade. Ver e rever essas imagens não acalenta, não acolhe. É necessário, porém não é suficiente. Não é apenas esse fato. Brumadinho é mais que isso, as famílias são mais que um dia, suas histórias merecem ser contadas e registradas levando em conta múltiplos sentidos. Esse tipo de comunicação pode se transformar em material de pesquisa e consulta para nossos estudantes.

A oportunidade de desenvolver a percepção de que temos nossa própria forma de registrar a história, reafirma que nossa “memória coletiva” pode ter seu pertencimento na

comunidade que desejamos formar e, assim, publicizar a nossa forma de contar a história, como brumadinenses que somos, considerando como isso nos impactou.

A pesquisa é essencialmente qualitativa. Ela foi realizada no mundo e com os sujeitos vivendo nesse mundo. Conforme o conceito de Husserl (HUSSERL, 1977, apud BICUDO, 2005, p 22.), “como o onde em que se está com os outros, todos imersos no contexto histórico e cultural que os renova e renova-se concomitantemente mediante o percebido.” Esse trecho parece descrever os moradores de Brumadinho, vivendo suas vidas antes, durante e depois do rompimento da barragem. A intenção foi realizá-la de forma discreta, sem direcionamento, mas num processo de entrada, com pedido de licença, da pesquisadora nesse dia a dia, de modo que possa coletar dados a partir da observação da vida natural dessas pessoas. Ou, conforme Bento (2012), com o objetivo de compreender e encontrar significados por meio de narrativas verbais e de observações, em vez de focalizar apenas os números.

Os pedidos de licença nem sempre foram aceitos. Tentei entrevistar algumas pessoas que considerava muito importantes, do ponto de vista das narrativa. Entretanto, tive alguns pedidos recusados, como o de uma vizinha da casa de minha mãe, no bairro Santa Efigênia. A família dela foi duramente afetada, perderam, no rompimento, dois filhos (seus irmãos) e um cunhado. A princípio ela havia aceitado o convite, porém ao chegar mais próximo do dia de nosso encontro, ela se desculpou e me disse o seguinte: *“Ainda não consegui superar a dificuldade de falar sobre o assunto, relembrar fatos e acontecimentos ligados ao rompimento. Só de pensar meu coração fica apertado, me dá crise de ansiedade.”* Por respeito e sensibilidade à sua dor, agradei e cancelei essa entrevista. Outra entrevista que não foi possível realizar foi com o filho de uma moradora muito importante para a história do Bairro Santa Efigênia. Entrei em contato com ele diversas vezes, entretanto, a entrevista não se concretizou. Acredito que o fato da mãe dele ter falecido recentemente, em maio de 2023, tenha relação com a negativa. Como se trata de um assunto que desperta ao mesmo tempo nostalgia e dor, não foi possível insistir. A minha própria dor me impediu de persistir nas tentativas e dificultou qualquer distanciamento.

De acordo com PORTELLI (1999), Pietro Clemente reflete sobre o impacto emocional da pesquisa de eventos traumáticos:

“É como se os pesquisadores que entram em diálogo com uma dor que a razão não consegue controlar ficassem contaminados por ela e precisassem começar a fazer sua própria elaboração dessa perda” (PORTELLI, 1999, p.107).

Por tudo isso, descrevo esta pesquisa também como autoetnográfica, Segundo Magalhães (2018, p. 18):

A autoetnografia permite o envolvimento do pesquisador e possibilita transpor para o seu estudo as suas experiências emocionais, revelando detalhes da pesquisa. Assim, a pesquisa autoetnográfica destaca a experiência pessoal no contexto das interações sociais e práticas culturais, buscando o engajamento reflexivo por parte do pesquisador e revelando o conhecimento de dentro do fenômeno pesquisado. Podemos concluir, então, que a autoetnografia promove a reflexividade no processo de pesquisa.

Adotando essa abordagem, busco não apenas compreender o objeto de estudo de forma distanciada, mas também explorar como minhas experiências pessoais moldam minha interpretação e interação com ele, enriquece a pesquisa, permitindo acessar nuances e significados que poderiam passar despercebidos em uma abordagem puramente objetiva. A autoetnografia, portanto, se torna uma ferramenta adequada para aprofundar a compreensão do fenômeno, revelando as complexas relações entre o pesquisador, o objeto de estudo e o contexto sociocultural em que ambos estão inseridos.

As características da pesquisa qualitativa, conforme apontam BOGDAN E BIKLEN (1994), são extremamente pertinentes ao que pretendi realizar nesta pesquisa, de modo que mencionarei algumas delas, por grau de interesse.

A primeira característica selecionada leva em conta que “O investigador está preocupado em saber como diferentes pessoas fazem sentido ou dão significado às suas vidas e quais são as perspectivas pessoais dos participantes” BOGDAN E BIKLEN (1994, p.2). É justamente essa a abordagem pretendida, ou seja, as conversas com os moradores fluirão no sentido de deixá-los livres para relatar como estão vivendo e como pretendem viver, como estão os laços e a identidade com a comunidade, se as memórias ainda se constituem como amor ou se foram transformadas em dor. A partir desse momento, ressalto outra característica selecionada: “Assume-se, portanto, que toda a investigação está eivada de valores” BOGDAN E BIKLEN (1994, p.2). Ao considerar essa característica, assumo que a pesquisa está marcada por meu próprio viés como brumadinense, de modo que a dor perpassa a interpretação dos dados coletados. E, por fim, o interesse mais no processo do que nos resultados, a conversa ao pé do fogão de lenha, o frango com quiabo, o café com queijo e o cheiro de mato farão parte da pesquisa e trarão memórias do vivido nesse contexto.

Conforme PORTELLI (1997, p.17), a história oral “tende a representar a realidade não tanto como um tabuleiro em que todos os quadrados são iguais, mas, como um mosaico ou colcha de retalhos, em que os pedaços são diferentes, porém, formam um todo coerente depois de reunidos”. Dessa forma, o título do meu recurso educacional é “Tecendo memórias para

Brumadinho”¹. O verbo, no gerúndio, indica continuidade já que alguns relatos estarão no livro digital, porém a intenção é de que ele seja aberto, de modo que os próprios estudantes registrem suas vivências, experiências e memórias.

As conversas aconteceram com diversas pessoas no município de Brumadinho, totalizando onze (11) pessoas ouvidas. Ocorriam às vezes de maneira informal, como foi com minha mãe e dois dos meus cunhados, outras vezes formalmente, com o aparato de pesquisadora, gravador, câmera, bloco de anotações para diário de bordo. Muitas conversas aconteceram sem agendamento prévio, no entanto, devido à qualidade dos relatos para a pesquisa, optei por usá-los, com o consentimento dos narradores. Ouvi suas histórias, registrei minhas impressões e falei, como partícipe e conterrânea. A intenção é que essa memória fique registrada e seja também uma homenagem a todos os moradores desse lugar de afeto.

PORTELLI (1997) compara a história oral com a literatura, o que também me interessa bastante, pois o recurso educacional tem aspecto literário, um livro com o registro das memórias ouvidas, ilustrações dessas memórias e poemas dedicados aos personagens da história de Brumadinho. Desejo trazer o valor sentimental do lugar para além da tristeza. Dar destaque às boas memórias que a Vale não comprou e que não podem ser apagadas, que precisam resistir ao processo de esquecimento.

A importância do indivíduo e a ética do pesquisador são imprescindíveis em todas as metodologias, mas na história oral, ainda mais, pois é necessário um cuidado ainda maior com o registro das conversas e a interpretação para a transcrição. As transcrições precisam ter a aprovação dos participantes para que o processo seja ético e transparente.

Eu precisei de preparo emocional para ouvir histórias de dor, mas também de amor, de amizade, de companheirismo. Passei por fases de choro e risadas e, ao final da pesquisa, o meu tecido poderá ser costurado junto aos demais, como um irmanar de sentimentos e um processo de reaproximação com o lugar de vivência de minha infância e adolescência.

PORTELLI (1997) explicita os cuidados que o pesquisador deve tomar como, por exemplo, deixar que a fonte estabeleça seus próprios limites sobre o que dizer e ser educado. Para o autor, “A arte essencial do Historiador Oral é a arte de ouvir” (1997, p. 22). A escolha por essa metodologia advém dessa frase. Quero ouvir as pessoas e registrar suas histórias de maneira fidedigna. Todos os entrevistados assinaram um Termo de Consentimento Livre e

¹ No trecho do prefácio à edição brasileira de *Trauma e Memória* de Peter A. Levine, Liana Netto afirma que: “a memória continua se modificando pela tapeçaria que o cérebro tece entre nossas bases de dados biográficos prévias, com uma fonte sempre renovável de informação – o fluir das experiências.”

Esclarecido e autorização de uso dos áudios da pesquisa, submetido ao Conselho de Ética em Pesquisa – CEP.

Foram selecionadas para participar da pesquisa moradores de Brumadinho diretamente envolvidos com a comunidade a ser pesquisada – o bairro Santa Efigênia e seu entorno, sendo atuais ou antigos moradores. Todos eles têm com principal critério de seleção o fato de terem participado diretamente da infância e adolescência da pesquisadora o que é justificado pela possibilidade de análise cronológica (o antes, o durante e o depois) de um evento possivelmente disruptivo: o 25 de janeiro de 2019. Trata-se da comunidade de destino que, conforme MEIHY E SEAWRIGHT (2021, p. 95), “é caracterizada pela força do vínculo subjetivo existente entre pessoas afinadas em torno de motivações comuns, dramas e sofrimentos”. Os autores, à página 99, citam Brumadinho como exemplo de comunidade de destino, caso claro de interesse social devido à forma como a população vivencia “mudanças radicais” após o rompimento da barragem de rejeitos da Vale S.A.

Foram selecionadas pessoas de diferentes faixas etárias, de forma a abordar experiências geracionais diferentes na relação com o espaço-território-lugar. Insere-se, assim, o que MEIHY E SEAWRIGHT (2021, p. 75) denominam como “História Oral Testemunhal” e definem como “gênero narrativo que combina aspectos da história oral de vida e da história oral temática”. Ainda segundo esses autores, “a história oral testemunhal mais do que registra, permite análises tópicas de problemas que questionam e incomodam o bem-estar estabelecido”.

As entrevistas agendadas foram semiestruturadas e, conforme orienta MANZINI (1990/1991, p. 154), seguiram um roteiro com perguntas principais, essenciais ao foco da pesquisa, porém com flexibilidade para que o entrevistado se sinta à vontade se desejar mudar de assunto. Além do gravador, foi utilizado um diário de campo, de forma a possibilitar o registro das sensações da pesquisadora como observadora participante.

Após as entrevistas, foi realizada a transcrição e, posteriormente, a transcrição que, de acordo com MEIHY E SEAWRIGHT (2021, p.149), representam uma maneira de “consagrar o processo de entrevista” narrando, além da fala, as emoções do entrevistado.

A análise de resultados foi realizada através da comparação das entrevistas e citações de maneira temática. Conforme DELGADO (2006, p. 29), será necessário “construir evidências e estabelecer correlações e análises comparativas, que possam contribuir para que os objetivos da pesquisa sejam alcançados da melhor forma possível.”

Inicialmente foram selecionados temas gerais, organizados do ponto de vista cronológico: primeiras memórias (o início, os primeiros contatos com o lugar de vivência, as lembranças da infância); Memórias transicionais (a mineração, a influência das mineradoras, o

trabalho, o dia a dia); memórias recentes (pós 25/01/2019: como está minha vivência em Brumadinho hoje? Como percebo os demais moradores?). Em seguida, após a transcrição, as narrativas foram revisitadas, conforme os temas elencados, de modo a buscar sutilezas e especificidades de cada um dos entrevistados. Após essa análise mais refinada, foi realizada uma busca de pontos em comum e cruzamentos possíveis entre os depoimentos, de modo a comparar as versões de um mesmo fato ou opiniões convergentes.

Organizada dessa maneira, a análise de resultados tornará possível responder às seguintes questões: Houve impacto nas memórias afetivas dos participantes entrevistados após 25/01/2019? O lugar, como categoria geográfica, está refletido nas narrativas dos moradores e em suas experiências relatadas nas entrevistas? Os resultados serão apresentados, a seguir, no capítulo 4 desta dissertação e parte da transcrição das narrativas coletadas comporá um livro – o recurso educacional idealizado e explicado no capítulo 4.

3 Brumadinho: o lugar que vive em nós

“Comunidades são feitas de matéria de gente e gente é feita do calor de memórias”

(Leandro Seawright)

Das onze pessoas selecionadas para serem entrevistadas, três mudaram-se de Brumadinho. Duas mudaram-se antes do rompimento da barragem e por motivos relacionados ao trabalho e/ou estudo e uma mudou-se após o rompimento por motivo diretamente relacionado a ele. Entretanto, todos reconhecem Brumadinho como sua cidade natal, e todos se apresentam como brumadinenses, apesar de estarem residindo em outra cidade no momento. Assim, enquadram-se na *comunidade de destino* que, conforme SEAWRIGHT (2023, p.17) afirma: “é parte que permanece no enlace, mesmo que alquebrada – pela elaboração conjunta dos afetos, dos afetados, dos estilhaçados”. Os sentimentos em relação à cidade mudam drasticamente e isso pode ser percebido na maneira como foi realizada a entrevista. Optei por dividir a entrevista em duas etapas sem que os entrevistados soubessem inicialmente, com a intenção de verificar o problema de pesquisa que propus: Houve impacto nas memórias afetivas dos moradores com a cidade de Brumadinho após o que foi vivido no dia 25 de janeiro de 2019?

Sendo assim, iniciei com as memórias antigas e, na segunda parte, citei a data do rompimento a fim de inserir dessa forma, as oralidades referentes ao trauma ligadas ao acontecimento dramático desta data. Assim, como oralista e pesquisadora participante e parte

da comunidade de destino, como sugerem MEIHY E SEAWRIGHT (2021, p.98) me deixarei “afetar, com limites e cuidados, pela potência narrativa de grupos atingidos ou pelas sutilezas que instruem expressões de memória”. Os autores citam especificamente Brumadinho, em seguida, como caso de interesse social pelo fato de vivenciar todas as consequências desse evento.

As entrevistas foram transcritas e transcriadas. Ou seja, num primeiro momento, o texto oral foi transformado em escrito e, posteriormente, foi aprimorado de forma a passar ao leitor a ambientação da entrevista e os sentimentos suscitados por ela. Além disso, no decorrer dos relatos ou após eles foram tecidas considerações, em alguns casos, utilizando o referencial bibliográfico selecionado. Os trechos apresentados foram comparados e selecionados com base no problema de pesquisa. É importante enfatizar que os entrevistados aprovaram e autorizaram o uso do texto transcrito conforme se apresenta.

Os relatos foram divididos conforme as temáticas abordadas e as entrevistas serão apresentadas em três partes:

3.1 – Primeiras memórias – a infância nos bairros Santa Efigênia, Carmo e São Sebastião

3.2 – O fazer cotidiano nos bairros Santa Efigênia, Carmo e São Sebastião (escola, trabalho, igreja, lazer)

3.3 – O dia 25/01/2019

A seguir, a lista dos entrevistados conforme ordem cronológica crescente em que as entrevistas foram realizadas.

Nome	Idade	Bairro de origem	Data da entrevista
Charle Ferreira de Almeida - CFA	50 anos	Santa Efigênia	15/06/2023
Dênis Lúcio dos Santos - DLS	45 anos	Santa Efigênia	15/07/2023 18/05/2024
Danival Vinicius dos Santos - DVS	48 anos	Santa Efigênia	21/10/2023
Luciano Maciel Passos - LMP	40 anos	Santa Efigênia	11/02/2024
Maria Angélica Firmino - MAF	46 anos	São Sebastião	19/05/2024

Nádia Michele Rodrigues - NMR	46 anos	Carmo	03/06/2024
Lara Ceres Carvalho Lopes	38 anos	B. Canto do Rio e professora no São Sebastião	06/06/2024
Nara Alves Paraguai - NAP	55 anos	Carmo e Santa Efigênia	09/06/2024
Nevita Alves Paraguai - NAP	80 anos	Carmo e Santa Efigênia	13/07/2024
Carmen Lúcia Martins - CLM	46 anos	Santa Efigênia	14/07/2024
Jane Alves Fernandes - JAF	57 anos	Santa Efigênia	31/07/2024

Todos os entrevistados autorizaram a divulgação dos nomes e iniciais e a gravação dos áudios e utilização no recurso educacional, caso fosse necessário. Os termos de consentimento livre e esclarecido encontram-se arquivados conforme orientações do Conselho de Ética em Pesquisa e serão descartados após cinco anos. Nem todas as entrevistas serão utilizadas neste capítulo, pois serão priorizadas aquelas que ofereceram maior quantidade de relatos sobre assuntos que permitiram o cruzamento de informações.

3.1 Primeiras lembranças – a infância nos bairros Santa Efigênia, Carmo e São Sebastião

I - Dênis

A primeira entrevista deste capítulo aconteceu em minha casa, atualmente no Bairro Salgado Filho, em Belo Horizonte. O entrevistado é meu marido, Dênis e já havíamos conversado algumas vezes sobre a nossa infância, porém nunca de forma estruturada e seguindo um procedimento metodológico formal. Por isso, a entrevista começou de maneira descontraída, quase engraçada, mas logo, dadas as memórias trazidas à tona, tornou-se uma narrativa potente e emotiva. O Dênis foi selecionado por ter sido um menino criado livremente nas ruas dos Bairros Santa Efigênia, Carmo, São Sebastião e adjacências nas décadas de 1980 e 1990. Ele conhece aquele espaço como ninguém e alguns de seus amigos de infância, que também viviam ali, faleceram no dia 25/01/2019.

A entrevista tem início com a pergunta:

- Qual é a lembrança mais antiga que vem à sua mente, quando você pensa em Brumadinho?

Essa mesma pergunta foi feita a todos os entrevistados e, para fins comparativos, serão relatadas sequencialmente.

Após a primeira pergunta, Dênis logo inicia o relato falando sobre sua infância.

- Eu não preciso nem pensar muito pra te dizer do que me lembro primeiro quando penso em Brumadinho. Quando a gente fala de infância, eu lembro muito da minha, porque ela foi totalmente diferente da de hoje. Naquela época, a gente brincava na rua, jogava bola, brigava, era uma confusão danada. Então, as lembranças que eu tenho da minha infância são excelentes. Eu ficava jogando bola, bolinha de gude, papagaio, perna de pau. Era uma infância excelente. Nas condições que a gente se encontrava, a gente podia brincar, fazer acontecer e se divertir. A minha infância foi a melhor que eu pude ter e acho que não teria uma outra melhor.

Eu morei durante algum tempo, bastante tempo, em Brumadinho, na Rua Suzana. A Rua Suzana é uma das principais ruas do bairro. Eu não sei se eu poderia dizer isso, mas a gente morava praticamente no centro do bairro. Nem sei se posso falar um negócio desse, mas, se você for ver no mapa, realmente é uma das ruas centrais do bairro. Quando eu falo central eu quero dizer que, pelo menos do meu ponto de vista de criança, as coisas aconteciam onde eu estava. Eu morava do lado da casa da minha avó, um pouco mais para baixo. Lá perto tinha um campo. Eu imaginava, na minha época, quando eu era criança, que as coisas sempre aconteciam lá. Toda vez que eu ia lá, tinha gente brincando, tinha gente chutando bola, tinha gente correndo. E para mim tudo acontecia ali. Então, ali era o centro das atenções e tudo acontecia ali. E se eu quisesse brincar, eu ia para lá. Então, sempre tinha gente. Pelo menos até o limite que uma criança pode ficar acordada. As minhas principais lembranças são desse espaço.

Eu tenho muitos amigos de infância no Bairro Santa Efigênia e que somos amigos até hoje. Pelo menos os que tão vivos ainda, né? Sempre que vou lá, todo mundo me conhece. Mas, hoje eu conheço pouca gente. As coisas mudam. Mas todo mundo que viveu comigo naquela época, na minha infância, é meu amigo.



Rua Suzana, 191 (casa da avó do Dênis) 2009
Google Maps



Rua Suzana, 191 (casa da avó do Dênis) 2023
Google Maps

No São Sebastião eu tenho menos amigos.

(...)

Dênis faz uma pausa, esboça um leve sorriso e continua narrando.

- Digamos assim que, quando a gente era mais novo, a gente meio que tinha uma disputa entre bairros. Era um negócio louco. Quando a gente ia jogar bola no outro campinho, Santa Efigênia contra o São Sebastião, era uma disputa terrível. Então, a gente não era muito amigo do povo ao redor, não. A disputa era por causa de jogo de futebol. Porque tinha muito campo. A gente saía lá do campinho da Rua Susana e ia jogar bola lá no campinho do lado da escola, do Padre Machado. E a gente queria ganhar, não queria perder. E aí ficava essa rixa. Mas é só de disputa, por isso eu não tinha muitos amigos no São Sebastião, minha turma era do Santa Efigênia.

(...)

Os campos de futebol mencionados, na verdade não eram campos estruturados, mas terrenos vazios que as crianças utilizavam como campo. Atualmente nenhum dos campinhos citados pelo Dênis existe mais. Todos deram lugar a construções diversas.

A seguir, Dênis descreve a paisagem na qual brincava.

- Era um lote grande, era como se a gente tivesse uns seis lotes. E aí, a gente tinha um lote inteirinho. Tinha um pé de... Como é que chama? Oropronóbis. Tinha esse pé de oropronóbis no meio do lote. E aí, ao redor desse lote tinha um monte de espinhos.

Então, tinha uma área que era só isso. E aí, eu lembro que a gente, quando ia jogar, fazia o gol atrás desses espinhos. A gente ficava chutando e aí eu lembro que a bola caía lá atrás, a gente ia pegar e espinhava o pé. Quando alguém maior vinha jogar com a gente, os caras chutavam, batia nos espinhos do oropronóbis e furava a bola. Era um negócio de maluco. A

gente era pequeno e, geralmente, como é que era? Os pequenos ficavam no gol e os caras maiores ficavam chutando na gente. E aí, a gente ficava... A gente ficava servindo de bobo.
(...)

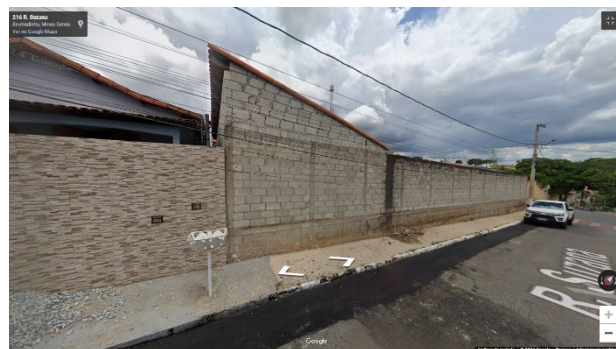
Nós dois rimos dessa lembrança. Oropronóbis é uma planta alimentícia não convencional - PANC muito utilizada na culinária mineira. O frango com oropronóbis é um prato tão tradicional quanto o frango com quiabo em Brumadinho e presente no quintal de muitas famílias.

Pergunto ao Dênis como está essa área hoje.

- Hoje só tem casa. Lotearam. O pessoal comprou. A gente não sabia de quem eram os lotes. E a gente está falando de quanto tempo isso? Eu estou com 44 anos. Então nós estamos falando das minhas lembranças de quase 40 anos atrás.



Esquina da Rua Suzana com José Maria Bibiano, terreno onde antigamente era o campinho utilizado pelas crianças. Foto de 2009 – Google Maps



Esquina da Rua Suzana com José Maria Bibiano, terreno onde antigamente era o campinho utilizado pelas crianças. Foto de 2023 – Google Maps

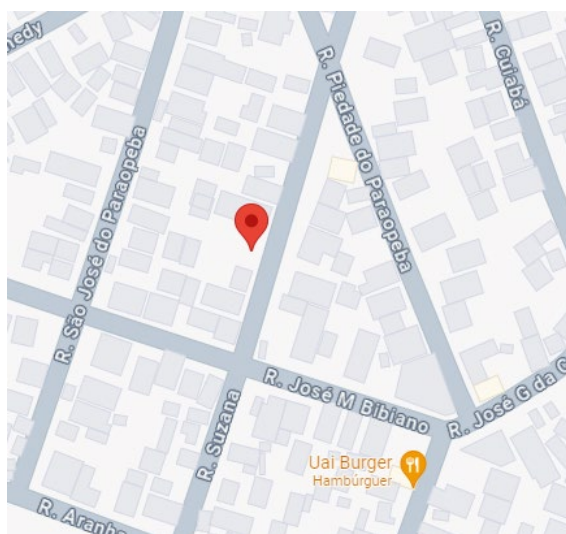
Eu tinha em torno de cinco anos. E eu lembro que minha avó era vizinha desses lotes. Era o lote do fundo. E minha avó tinha uma cerca de bambu antiga. E o que segurava a cerca de bambu era arame farpado. Naquela época a gente fazia o gol voltado para a cerca de bambu. Tinha um gol que era virado para a rua. Naquela época, nós meninos, só tínhamos dinheiro para comprar bola de plástico, sem vergonha. E aí quando a gente chutava a bola que batia na cerca de bambu, quando não pegava no arame era uma maravilha. Mas, quando pegava no arame, furava a bola. E ainda tinha um problema. Minha avó ficava brava porque a cerca era de bambu e o pessoal chutava e as janelas ficavam geralmente abertas. E aí, quando chutava, a bola passava por cima da cerca e caía dentro das janelas. Aí batia nos pratos. Minha avó rasgava as bolas com a faca e jogava do lado de lá.

Não me esqueço disso. Tinha mais de 40 meninos lá para jogar bola. E aí, a primeira coisa que faziam era escolher o Rubens, que era meu tio, para jogar no time. E para jogar no time

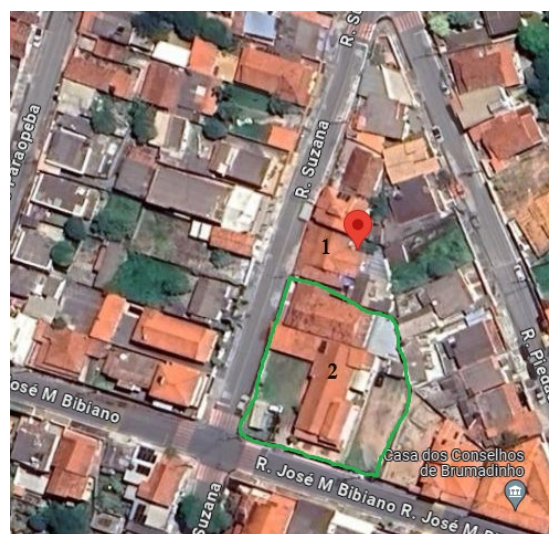
que é onde ele defendia o gol da cerca de bambu. E aí ele ficava defendendo o gol ou então eu, o meu irmão, o Danival. Porque quando a gente estava jogando bola, quando a bola caía lá, todo mundo gritava:

- Oh, Danival, oh, Rubens, oh, Dênis! A bola, pega a bola.

Aí a gente tinha que sair gritando e chamando a vó: - Oh, vó! Não rasga a bola não! Não rasga não, que nós é que estamos jogando! Essas, com certeza são as lembranças mais antigas e as melhores lembranças que eu tenho.



Rua Suzana, 191 – Google Maps



1 - Rua Suzana, 191 (casa da avó do Dênis)
2 – Terreno que as crianças utilizavam como campinho nas décadas de 1980/1990
Imagem de satélite – Google Maps

A avó materna do Dênis, Dona Helena foi uma moradora antiga e respeitada no Bairro Santa Efigênia. Foi professora da rede estadual e lecionou até se aposentar. Meu pai costumava dizer que só permitiu meu namoro com o Dênis porque ele era neto da Dona Helena, brava que nem ele.

II – Maria Angélica

A segunda entrevista que registro foi realizada na casa da minha amiga Maria Angélica, no bairro Funcionários, em Belo Horizonte. Ela mudou-se para Belo Horizonte no início de 2020, queria uma nova vida em outra cidade, pois perdeu o companheiro e pai de suas filhas no rompimento da barragem. Ela buscava novos ares e por um ocaso (sim, ocaso) do destino, a vida se trancou para todos naquele ano. A pandemia isolou todos em suas casas e ela e as filhas viram-se numa cidade diferente, as meninas em uma escola diferente e numa realidade estranha e confusa.

Antes da entrevista, tomamos um café da manhã especial preparado pela minha amiga com carinho e o capricho de sempre. As louças combinavam delicadamente, o cheirinho da banana da terra que ela preparou com um pouquinho de manteiga e do café com canela, sem açúcar (coisa de gente chique como eu e ela) inundavam o ambiente. Somos amigas de infância e nos conhecemos desde os sete anos de idade. Ela morava no Bairro São Sebastião, próximo ao grupo Padre Machado (era assim que chamávamos a escola em que estudamos até o 4º ano - antiga quinta série). Vivemos juntas na Brumadinho das décadas de 1980 aos anos 2000. Após o café da manhã e muita conversa fiada, dou início à entrevista formalmente.

- Quais são as primeiras imagens que vêm à sua cabeça quando você pensa na sua infância? As primeiras lembranças de Brumadinho?

- *A primeira lembrança que tenho... acho que é brincar na rua. Na rua que não tinha nem calçamento, nem nada. Minha casa sem muro, o pé de mexerica, um barranco de terra E o alpendre que a gente sentava todo dia pra chupar aquela mexerica com a casca mais grossa. Cheirosa.*

Eu complemento: - Fuxiqueira.

- *Cheirava uns três dias na gente. Ficava impregnado.*

- Mexerica com sal.

- *A gente fazia esse ritual de ir lá pra casa pra chupar mexerica depois da escola. Ainda bem que era depois.*

Nós duas rimos. O cheiro da mexerica que pegávamos no pé da casa dela era forte e, por isso era chamada de “fuxiqueira” porque o cheiro delatava as pessoas que tinham chupado. Era impossível esconder.



Rua Brasília, 208 em 2011



Rua Brasília, 208 em 2023

- *Lembro da minha família, família grande. Somos seis irmãos. Quatro mulheres, dois homens. Minha mãe, meu pai, minha avó também morava com a gente. E sempre aparecia alguma prima morando com a gente também (risos). Tinha um revezamento de primas que colaboravam também nos cuidados, né? Da casa, da gente. E... Meu pai trabalhava no colégio (Escola Estadual Paulina Aluotto Ferreira) como professor de educação física. Minha mãe trabalhava na mesma escola, na secretaria. E... Mas meu pai gostava muito de jogar um baralho, apostando. Apostava mesmo, o salário (risos). Passava dias jogando. Que era o motivo de briga da minha mãe com ele, né? Normal. E a gente assistia essa briga e... Mas ninguém entrava nesse meio. A gente sabia que ia ter a briga no dia certo do mês. E que a mãe ia ficar triste. E que depois ia passar e ia ficar tudo bem. Mas a gente, lógico, ficava do lado da mãe. Mas nem por isso ficava com raiva do pai (risos). Quando a gente era mais novo, o pai trabalhava em BH, ele não trabalhava em Brumadinho ainda. Aí ele trabalhava na gráfica da Caixa Econômica. No pagamento, ele sempre levava algum brinquedo pra todos brincarem juntos. Tinha o autorama, o ferrorama, qualquer outro jogo, assim. E era nos dias de domingo que a gente brincava todo mundo junto. Ele montava, ele desmontava, ele brincava junto. Ninguém perdia peça, nem estragava, nem nada. Ficava a tarde toda. Ele ficava com a gente, jogava, ele brincava junto. E era no dia de domingo que ele fazia isso. E eu lembro que era tudo da Estrela (risos).*

Elaine – Olha, coisa boa! (risos)

Eu comento isso, pois a marca Estrela era conhecida por todas as crianças daquela época por seus comerciais de TV que inundavam nossos sonhos e desejos por seus brinquedos.

- *Coisa boa. E a gente brincava. Passava a tarde brincando. A mãe fazia o almoço, a gente brincava na sala. A família toda junto. Os filhos, naquela época, eram os quatro menores. Depois vieram os dois mais novos que não aproveitaram muito.*

Maria Angélica explica, rindo, que o irmão mais novo depois que nasceu passou a brincar com as peças dos brinquedos e elas foram sumindo aos poucos e que depois, a caçula não pôde aproveitar os brinquedos.

- *Pegou só as pistas picadas em alguns cantos por aí e o trenzinho do ferrorama, mas do resto não sobrou nada.*

Rimos juntas.

- *Era uma época boa, mas difícil. Faltavam algumas coisas, mas a gente não sentia falta. Era um quintal grande. Tinha galinhas. Lá no alto sabe, onde é a minha casa ali agora?*

Ela mantém impecável a casa em que morava em Brumadinho, ao lado da casa da família. Costuma dizer que tem várias casas. E ainda costuma ir pra lá nos finais de semana e feriados.

- *O galinheiro era ali. Tinha umas bananeiras ali no meio e a minha mãe fazia uma horta também. Vejo tudo na minha memória, tudo. E o quintal era tão grande, né? Acho que a gente era muito pequena e o quintal era muito maior, né? Tinha árvore de tudo quanto tem coisa.*

Ela ri e eu complemento:

- *O Manoel de Barros fala, né? O meu quintal é maior que o mundo.*

- *Nossa, muito! Eu lembro que tinha o pé de laranja lima, que eu lembro do livro. E aí eu tinha o pé de laranja lima lá em casa. Muita fruta! A gente tinha dificuldade, mas tinha fruta, tinha galinha. Então, não ia morrer de fome, né (risos)? Sempre se deu um jeito. E tinha farinha (risadas).*

Nós duas rimos.

- *Farinha resolve qualquer problema.*

Eu complemento: - *Fubá também.*

- *É, fubá, farinha, café com farinha. Eu conto isso para as meninas. Elas dizem: - Quê? Que nojo! (simula a expressão das filhas). E era bom, elas não sabem!*

Eu pergunto a idade das meninas, ela confirma que elas têm 15 e 11. Então eu pergunto:

- *O que você vê de diferente da sua infância para a infância delas?*

- *É, muita coisa. Primeiro, a falta de liberdade para poder brincar na rua. Ter essa turma da rua que nem sempre é só a turma da sala, de escola mesmo. Normalmente era a turma do irmão junto com a nossa turma. Com os vizinhos e tudo. Qualquer um que fosse mais ou menos da nossa idade participava do grupo.*

Eu me recordo do campinho que o Dênis mencionou na entrevista dele, era bem perto da casa dela na infância.

- *O Dênis lembrou que ele jogava bola ali no campinho (aponto para o lugar onde ficava), em frente ao Padre Machado. Hoje é a Escola Beatriz Pampuline.*

- *Sim, ah, era cheio de jogador de futebol ali. É mesmo. Tinha um campinho. Ali também era ponto de soltar papagaio.*

Eu continuo a conversa dizendo:

- *A gente brincava muito na rua, né? Esse negócio que você falou da turma de brincar ser diferente. Eu mesma, antes de mudar para o Santa Efigênia, eu morava no Carmo.*

E lá a turma da rua era grande! A gente jogava rouba bandeira, queimada. Aquela rua da frente da casa da Nádia.

- *Rouba bandeira, acho que era o que eu mais gostava de brincar. Queimada não muito, porque a pessoa (se referindo a ela mesma) só tinha ossos. Tomar a bolada com osso era horrível (risos).*

- Ninguém me escolhia porque eu era baixinha, não conseguia cruzar a bola. O povo ficava com raiva de mim, porque eu entregava a bola pro time contrário.

- *A única coisa que eu conseguia era correr, desviar mesmo. Porque nisso eu era boa, porque era magra demais.*

Nós duas rimos e concordamos que éramos um fiasco na queimada.



Antigo campinho do São Sebastião
Google Maps foto de 2009



Escola Municipal Beatriz Pampulini
Google Maps foto de 2023

III – Nádía

A entrevista com Nádía aconteceu no Centro Cultural Banco do Brasil – CCBB, em Belo Horizonte. Marcamos num lugar de fácil acesso para mim e para ela, já que ambas estaríamos trabalhando e nos encontraríamos no final do expediente. Nos encontramos numa segunda-feira.

Nádía foi minha primeira amiga de infância de que me recordo. Nos conhecemos na escola. Fomos da mesma turma do chamado Pré-escolar com seis anos de idade em 1984. Naquela época eu já morava no Bairro do Carmo, mesmo bairro de Nádía e sua família, porém numa casa em outra rua. Pouco depois passei a morar numa casa ao lado da dela, dividíamos o quintal cheio de árvores frutíferas e as ruas do bairro recheadas de aventuras e brincadeiras. Íamos e voltávamos da Escola juntas.

Quando nos encontramos, escolhemos uma mesa no CCBB do lado de fora. Disse a ela que a Maria Angélica também viria nos encontrar mais tarde e começamos a conversar inicialmente querendo saber um pouco da vida uma da outra, já que fazia tempos que não nos encontrávamos pessoalmente, só conversávamos pela internet. Depois de muitas atualizações, comecei a entrevista com a mesma pergunta do roteiro.

- *A primeira lembrança que eu tenho de Brumadinho, do Bairro do Carmo são as brincadeiras da infância, as ruas sem calçamento, de terra, os matos, as brincadeiras, os vizinhos, você (risadas).*

Rimos juntas, sinto uma nostalgia agradável e me lembro exatamente de nós duas meninas, brincando pelas ruas e quintais do Bairro do Carmo. Acredito que essa também seja minha primeira memória junto com algumas outras do Bairro Santa Efigênia.

- *A gente era vizinha, né? Uma morava do lado da outra, estudávamos juntas e morávamos juntas. Era quase tudo, só não dormíamos juntas, porque o resto tudo era o dia inteiro juntas (risadas).*

- Eu lembro das árvores que dividiam a nossa casa, a gente subia muito nas árvores.

- *Pé de amora, pé de ameixa. na sua casa tinha um pé de ameixa maravilhoso. E a gente pulava a cerca, não sei para que a gente pulava a cerca, né? (risadas)*

- Podia passar pela porta, né? (risos)

- *Porque era divertido pular a cerca. (risos)*

- A gente pulava a cerca mesmo. Eu para a sua casa e você para a nossa.

Eu lembro muito do caminho que a gente fazia pro Padre Machado, você lembra?

- *Lembro, lembro. Era uma distância que hoje a gente acha longe, né? Mas na época era maravilhoso, a gente ia andando.*

- Pelas trilhas...

- *Pelas trilhas? Eu lembro da rua.*

- Tinha a rua de cima, acho que da sua casa pro grupo, você passava pela rua de cima. E lá embaixo, em frente, porque eu morei na casa de baixo também. Antes de mudar para o lado da sua casa, eu morei na casa de baixo, tinha uma trilha.

- *No meio do mato.*

- No meio do mato, que sai lá na avenida de um lado e sai lá na rua da Lilian Jaqueline.

- *Lembro, tinha um campinho.*

- Isso, tinha um campinho, exatamente. A gente passava muito pela trilha.

Esse era mais um dos terrenos vagos que foram feitos de campinho pelas crianças. Era uma área vazia que tinha múltiplos usos além das brincadeiras. Também servia de pasto de animais e atalhos para a escola e para o centro da cidade.

- Você falou que morou 24 anos em Brumadinho.

- *Na verdade, eu morei até 3 anos na, o que era a antiga Ferteco, que atualmente é a Vale. Que inclusive foi (voz embargada) ... Ixi, vou emocionar, heim? Porque vai puxar as memórias... (pausa, voz embargada).*

(Respira, voz chorosa) Até 3 anos eu morei na vila da Ferteco, que foi o lugar que foi completamente destruído na tragédia.

Nesse momento, Nádia se emociona ao lembrar que viveu quando criança no povoado de Córrego do Feijão, onde ficava a vila dos trabalhadores da antiga Ferteco que foi comprada pela Vale em 2001. Eu também fiquei emocionada e esperei o tempo dela para dar continuidade.

- Você tem memórias de lá, da vila da Ferteco? Você era novinha ainda, né?

- Tenho, eu era novinha, mas é impressionante como lá me marcou. E como meu pai trabalhou lá muito tempo, apesar de a gente ter ido pra Brumadinho, a gente ia muito pra lá pra visitar amigos, brincar com os coleguinhas de lá. Eu voltava pra lá com muita frequência. Eu lembro da escolinha que tinha lá. Eu lembro do campinho, do parquinho. E tem fotos de lá da gente brincando. Foi uma fase bem legal. Era gostoso morar lá. Chegava em casa toda suja de minério. Depois nos mudamos para a casa no bairro do Carmo.

Mencionei para Nádia que me lembrava da casa dela sempre grande e bonita e ela me conta que ela, ao contrário, se lembrava de outra maneira.

- Nossa, minha casa tem tanto remendo, gente. Na época que eu mudei pra lá, eram dois quartos, a sala e a copa conjugada, né? Copa cozinha. Eram quatro cômodos.

E aí, éramos eu e a Denise somente. Quando a mãe engravidou do João Paulo, aí foi o primeiro puxadinho. Foi construído um porão e o puxadinho, que era o meu quarto que dava janela pra sua casa. Aí, depois foi construindo vários puxadinhos. Hoje em dia, a casa é grande, mas por causa dos puxadinhos.

Da infância, eu ainda tenho muitas memórias. Tinha o Clubinho Arco-Íris, que a gente fazia... Você ainda morava lá, que a gente fazia o escritório do Clubinho Arco-Íris. Era no antigo chiqueiro. Que tinha no fundo do quintal.

No quintal da sua casa tinha uma casinha, um depósito, e do lado dele tinha um espaço que, não sei se na época que você morava lá ou depois, era um chiqueiro. Aí desativaram o chiqueiro, o nosso escritório era lá.

E a gente fazia teatrinho na casa do Lázaro, lá do lado da nossa casa.

A gente ia lá fazer teatrinho e fazia campeonato do Bairro do Carmo contra o Santa Efigênia.

- Esses campeonatos também são famosos. O Dênis já falou, a gente falou (se dirigindo à Maria Angélica, que já havia se juntado a nós duas), agora a Nádia também falou.

- É que dava confusão, né? Continuou Nádia

- Dava confusão, dava briga.

- Sempre dava briga. (risos)

- A rixa era Santa Efigênia, São Sebastião e Carmo, eram os três bairros.

- *Tinha o São Sebastião também, né?*
- *Tinha o São Sebastião onde a Maria Angélica mora, que é onde fica o Padre Machado.*
- *Isso mesmo (risos).*

(...)

- *No bairro do Carmo era uma meninada. Por isso que tinha queimada, rouba bandeira.*
- *É, rouba bandeira em frente à sua casa. Tudo em frente à sua casa.*
- *É, tinha um espaço plano e enorme. E terra.*
- *Nossa, eu tenho um episódio de bicicleta ali naquela rua, gente. Traumático.*
- *É mesmo?*

Elaine - Uai, eu fui aprender a andar de bicicleta, a Lilian (minha irmã) me soltou, a bicicleta foi, morro abaixo. E eu também, né? Capotando. Ralei o joelho todinho. Nunca mais aprendi a andar de bicicleta (risadas). Fiquei traumatizada.

- *Eu aprendi a andar de bicicleta na Ferteco. Levei muitos tombos, mas foi mais ou menos assim. Aí soltaram... A bicicleta soltou e eu tinha que virar. Eu não sabia virar. Eu entrei mato abaixo. Como que vira?*

- *O povo ia ensinar a gente a andar, mas não explicava. Se vira nos 30. Meu Deus do céu! (risadas)*

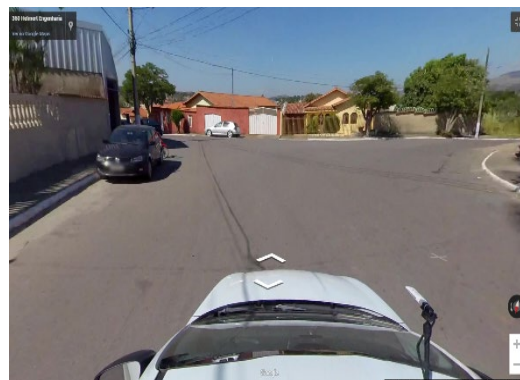
- *Verdade.*

Pergunto à Nádia o que ela considera que mudou dessa época para hoje. Ela responde:

- *Tenho o mesmo carinho que antes pelas minhas lembranças, mas a realidade hoje é completamente diferente. Hoje tenho os meus sobrinhos que não dá para fazer as mesmas brincadeiras. A rua é movimentada. Asfalto, se cair, vai machucar. Diferente da terra, que a gente caía e machucava bem menos. E casa para todo lado.*



Rua Eduardo Durcर्सino (em frente à casa da Nádia)
onde brincávamos quando crianças.
Foto Google Maps 2011



Rua Eduardo Durcर्सino (em frente à casa da Nádia)
onde brincávamos quando crianças.
Foto Google Maps 2023

Não tem mais as matas para fazer cabaninha, subir em árvore, brincar de casinha. A “arvrinha”? O apelido é “arvrinha” ...

Ao ouvir a menção à “arvrinha” que era como chamávamos uma árvore pequena, mas frondosa, que dava uma sombra perfeita para piqueniques, lembro do Catecismo e pergunto se Nádia fez a preparação para a Primeira Comunhão comigo. Nádia fica em dúvida também, mas da “arvrinha” todas nós nos lembrávamos bem. E Nádia continua:

- Não existe mais. Cortaram a árvore. Cortaram a árvore!

Ela faz uma cara de quem diz: Que absurdo isso!

- Mas eu entendo que faz parte da evolução, do crescimento. Acho uma pena, mas faz parte.

- Muita coisa que sumiu de lá, né? O Denis fala muito do pocinho, do poção, que era lá pertinho também. Eles nadavam.

O pocinho e o poção faziam parte de uma pequena microbacia do Córrego do Bananal, afluente do Rio Paraopeba. Eram pequenos meandros que formavam áreas que as crianças usavam para tomar banho e nadar. Com a crescente urbanização esses pequenos córregos foram canalizados e essas áreas deram lugar a loteamentos cercados por concreto e asfalto.

Nádia continua:

- Sim, sim. Nossa, eu tenho uma memória do pocinho que jamais esqueci. Eu não podia fazer caminhada lá, já era um pouquinho mais longe. Nossos pais não deixavam. Era proibido. E o meu pai colocava muito medo por causa de “tarado”.

Todas as três riem nesse momento. E eu comento que nossos pais eram muito parecidos, ambos muito bravos. A Maria Angélica comenta que quando nos visitava sempre mudava de uma casa pra outra: - Quando “o bicho pegava” numa casa, a gente pulava pra outra.

Nádia continua:

- E aí um dia eu fui escondida lá pro pocinho, que eu queria muito conhecer. E tinha um cavalo branco atolado. Ele estava atolado. Ele estava semimorto já. Ele não conseguia sair. Eu não lembro, eu vou puxar a memória. Quem estava comigo? Era eu e mais uma criança. E a gente ficou lá assim, paralisada, querendo ajudar. Não tinha como ajudar. O cavalo atolado, ele ia morrer. A gente não tinha como ajudar. E essa cena ficou na minha memória. Nossa.

- Ô dó. Tadinho do cavalo. Eu comento.

- Tadinho, né? E ele era tão lindo. Pode ser que ele não era tão lindo assim, mas eu achei ele...

- Ficou na sua memória.

- É, um cavalo branco assim. Coisa de filme, sabe? Eu queria que ele tivesse asa pra sair voando de lá.

- Que virasse um unicórnio e saísse... disse eu.

Maria Angélica completa:

– Agora já virou um unicórnio...

Nádia concorda e complementa:

- Na minha memória, ele está lá com o chifre e as asas.

Acredito que naquele momento, todas nós fomos transportadas para o antigo pocinho e vimos o cavalo branco sair imponente com suas asas brilhantes, enfim se libertando.

IV – Nara

Nara é minha irmã. Temos uma diferença de 9 anos de idade. Ela acompanhou todas as histórias relatadas anteriormente como irmã mais velha e catequista. Não tive dúvidas de selecioná-la para a entrevista, já que ela é uma das pessoas que mais conhece os bairros Santa Efigênia, Carmo e São Sebastião. Além de ter sido moradora durante muitos anos, foi professora no bairro, participou de movimentos sociais diversos, foi vereadora da cidade por dois mandatos e atualmente é advogada e conhece bem a realidade dos moradores da cidade. Portanto, os relatos que ela traz são extremamente importantes. A entrevista aconteceu na casa de nossa mãe, no bairro Santa Efigênia e ao longo da gravação é possível ouvir o apito do trem que passa bem próximo. Brumadinho é toda entrecortada pela linha férrea que acompanha muitas vezes as curvas do Rio Paraopeba tão castigado pelo minério que passa por cima e por dentro dele. Nos áudios da entrevista, podemos ouvir o barulho de pássaros e do trem, isso é tão comum que muitas vezes não percebemos.

Começo a entrevista e Nara relata suas memórias de infância/adolescência:

- Eu lembro da minha infância do meu bolo de aniversário de 15 anos, no bairro do Carmo. Era um bolo de aniversário bem pequeno, de um lado tinha a vela de 15 anos, as velas, e do outro tinha a vela de 9 anos da minha irmã. Era um bolo só, eu não lembro a idade direito não, só sei que o bolo era pra mim e pra minha irmã. (A idade da irmã, que no caso era eu, era 6 anos, temos 9 anos de diferença de idade).

E a gente dividia um bolo, e essa foi a minha festa de 15 anos no bairro do Carmo. Então, eu me lembro muito disso, porque depois disso eu tive filhos que fizeram 15 anos, e eu sempre lembrava, nossa, eu adorei meus 15 anos. Era um bolo de aniversário que eu dividi com a minha irmã.

Mas eu lembro também de brincar na rua, eu lembro de ler cartas pras minhas vizinhas. Eu brincava de ler cartas pras minhas vizinhas do bairro do Carmo.

E nessa época que eu comecei a ser catequista, eu atravessava o Bairro Santa Efigênia inteiro pra ir pra escola Paulina (Escola Estadual Paulina Aluotto Ferreira). Então, eu gostava de

passar na rua que tinha uns rapazes bonitos que eu gostava de ver. Eu atravessava o pastinho, e no pastinho tinha uma casa grande, bonita, e um moço cantava a música Menina Veneno pra mim, que eu adorava. Então, assim, tem muita coisa boa que eu lembro da minha adolescência... Quando eu cheguei no bairro do Carmo, eu já era uma pré-adolescente. Então, eu já tinha de 13 pra 15 anos. Então, a minha infância não foi nesses bairros.

O Bairro do Carmo era um bairro novo e a gente estava vivendo uma época muito difícil. Meu pai voltou para Brumadinho. Quatro anos eu morei na Cidade Industrial, em Contagem e depois voltamos para Brumadinho. Meu pai foi cumprir uma pena.²

E a gente morava nesse bairro do Carmo. Era um bairro novo, de chão de terra, de estrada de terra. E a gente atravessava o Santa Efigênia, que tinha as ruas calçadas, um calçamento antigo, aquele que a gente chama de pé de moleque, e eu atravessava atrás da igreja de São Cristóvão e descia essa rua de pé de moleque, mas eram poucas casas, tinha muitas árvores ainda, tinha estrada de terra, ruas de terra ainda, e nós atravessávamos o Santa Efigênia inteiro para chegar num pastinho, um terreno grande que tinha as trilhas.

A gente passava nessas trilhas para chegar no Lavrado, um lugar chamado Lavrado. E lá no Lavrado também tinha muito mato, tinha uma pontezinha que passava em cima de um rio, e a gente chegava na escola, que era lá no final, depois disso tudo.

- E desse tempo todo, você falou de várias lembranças e tudo, você tem filhos agora, dessa época antiga lá do bairro Santa Efigênia, Carmo, São Sebastião, para cá, tanto no espaço físico, quanto na vivência das crianças e adolescentes nesses bairros hoje, o que você acha que mudou?

- *Eu vejo que uma coisa que mudou muito é que a gente não vê mais criança brincar na rua, né? E a rua era quase que uma extensão da nossa casa, a gente brincava muito na rua, a rua era de terra, mas a gente brincava muito na rua, hoje a gente quase não vê criança brincar na rua, então isso mudou muito.*

Não tem uma escola no Santa Efigênia, mas tem no São Sebastião, então aqui as crianças ainda provavelmente estão estudando por perto, que é no Padre Machado. Eu acredito que as crianças ainda estudam no Padre Machado, todas as crianças aqui, elas ainda sobem o Morro da Escadinha (parte da Rua Presidente Kennedy), mas elas, por exemplo, não têm mais o pastinho para brincar, igual a gente atravessava o pastinho, não existe mais o pastinho, né? Hoje tem uma rua no lugar que a gente tinha trilha. O bairro, ele está mais vazio, você não

² Nosso pai cumpriu uma pena que iniciou na penitenciária de Itaúna e posteriormente foi transferido para o presídio de Brumadinho em meados da década de 1980. Ficou algum tempo dormindo no presídio e trabalhando durante o dia até ser definitivamente liberado já na década de 1990. Foi uma época extremamente difícil já que minha mãe teve que providenciar aluguel e sustento para suas quatro filhas, a menor com cerca de cinco anos e a mais velha com 15. Minha mãe engravidou de minha irmã mais nova também nesse período. Ela nasceu em 1984.

anda nas ruas e vê as crianças nas ruas, é como se as crianças tivessem sumido mesmo do bairro. Antigamente, a gente só via criança, parecia ser um bairro muito populoso e muito cheio de crianças e eu lidava diretamente com essas crianças, então parecia que o bairro era pura criança. Eu fui de casa em casa procurando essas crianças, então eu sabia das crianças todas, e hoje eu ando no bairro, as ruas estão desertas, onde estão as crianças? Não sei, eu não posso te falar que não tem crianças no bairro. Eu sei que tem, porque, por exemplo, no horário escolar você vê muita criança subindo o Morro da Escadinha, que hoje é asfaltado, mas a gente não vê essas crianças na rua, a não ser nos horários mesmo que o colégio abre, que o colégio fecha, que a escola abre, que a escola fecha, a gente vê as crianças, mas depois elas somem, então o bairro parece que tá vazio, a sensação que a gente tem é essa, de um bairro mais vazio, mais calado.

- Você acha que talvez seja por não ter mais esses espaços de brincar? Por exemplo, tinha o pastinho, tinha o campinho em frente aqui ao Padre Machado, que não existe mais, as ruas estão asfaltadas, o movimento de carros é muito mais intenso, então as crianças, de certa forma, perderam o espaço do brincar. Você acha que pode ser por isso?

- Totalmente, com certeza é isso. Eu aprendi uma coisa muito importante, quando eu trabalhei em Contagem uma época com a Marília (atual prefeita de Contagem), uma coisa muito importante que eu aprendi, as pessoas se adaptam a tudo nessa vida, então o espaço de encontro é muito importante no bairro. Eu lembro que tinha uma história de que não podia ter pracinha, que os jovens iam fumar maconha, que não sei o quê, as pessoas tinham uma ideia equivocada de que não podia ter pracinha, mas o resultado de não ter pracinha talvez seja isso então, porque os lotes, que eram lotes vagos, eram os pontos de encontro. Ali mesmo o pastinho era lugar de soltar papagaio. Eu lembro que era muito moleque nessa época agora do vento, que o agosto está chegando, soltando papagaio, as meninas não, porque menina não podia soltar papagaio, mas os meninos, e às vezes alguma menina ainda aventurava também, mas eu lembro que na minha época eu não soltei papagaio, quando eu era criança, mas a gente via muita criança soltando papagaio. Eu mesma levava a turma da catequese na “arvrinha”, para a gente fazer piquenique, esse era a coisa mais gostosa que a gente fazia, por exemplo, quando você queria levar a sua turminha para fazer uma coisa gostosa, era um piquenique, agora aqui se a gente for fazer um piquenique, a gente faz onde? A gente vai ter que sair para longe, algum lugar que tem lugar de fazer piquenique, e naquele tempo tinha.

Então acredito que sim, que faltam espaços públicos abertos, porque a gente sabe que tem o Centro da Juventude, que foi também uma coisa que nós ajudamos a trazer para o Bairro Santa Efigênia, mas é fechado, então festa fechada, dizem que lá tem muita festa de 15 anos, que as

peessoas utilizam o espaço para festa de 15 anos, porque é público. Mas eu não sei de outras coisas que acontecem lá, lá é fechado, então esse lugar aberto, que as pessoas têm mais acesso, não tem mesmo não, acabou.

V – Carmen

Carmen, assim como Maria Angélica e Nádia, é minha amiga de infância. Estudamos juntas da antiga segunda série (atual 3º ano) quando tínhamos 7 anos até o 3º ano de magistério – Ensino Médio profissionalizante e nossa amizade permanece intacta desde então. A entrevista foi realizada na casa de minha mãe, pois nesse dia eu estava a acompanhando. Minha mãe sofreu um Acidente Vascular Cerebral – AVC em novembro de 2023 e, desde então, precisa de cuidados ininterruptos. A Carmen nos apoiou nesse momento e cuidou de minha mãe um período. Por isso combinamos que ela iria à casa de minha mãe e faríamos a entrevista lá. Carmen morou desde sempre no bairro Santa Efigênia quase divisa com o atual bairro José Henriques que antigamente era um distrito rural e hoje pertence à sede urbana conforme novo zoneamento urbano datado de 2014. Em um momento de nossas vidas, fomos vizinhas de rua. Minha mãe ficou separada do meu pai por alguns meses e fomos morar na casa de um tio materno perto da casa dela. Foram tempos tranquilos para mim. Aprendi finalmente a andar de bicicleta. Mas a pressão social fez com que minha mãe desejasse voltar ao seu casamento e eu e minha irmã, menores de idade, tivemos que retornar com ela à nossa antiga casa. Nessa época estreitei ainda mais os laços de amizade com a Carmen que sempre foram muito fortes. Essa amiga é praticamente uma irmã, acompanhou todos os momentos importantes da minha vida. Hoje (13/08/2024), enquanto escrevo esse texto, o seu irmão mais velho faleceu em Brumadinho. Por isso, esse trabalho também é em homenagem a ele e à família da minha amiga que também é minha.

- O que eu me lembro da minha infância na rua Henriques é eu brincando com meus irmãos de bolinha de gude, de papagaio. As minhas brincadeiras eram essas. Como eu sou a única irmã no meio de dois, eu brincava de soltar papagaio, bolinha de gude. Brincadeira de menino, era mais brincadeira de menino. Eu não tinha quase nenhuma boneca, então eu brincava com meus irmãos.

A rua Henriques era calçada, só que tinha muito movimento. Eu brincava na rua, mas como a minha casa era na rua principal, tinha movimento, tinha carro, então minha mãe não deixava eu sair muito praquela rua. Eu brincava muito na Rua Aranha.

- A sua rua era um acesso pra outros distritos, né, amiga? Até hoje ela é.

- Sim, ela é pra acesso pra Águas Claras. Porque eu acho que na época não tinha aquele acesso via Grajaú ali, não. Depois eles fizeram aquela ponte. Então a rua lá de casa era acesso pra Águas Claras, pra Soares, pra todos esses distritos.



Rua Henriques (casa da mãe da Carmen)
Google Maps 2009



Rua Henriques (casa da mãe da Carmen)
Google Maps 2023

Então eu brincava na Rua Aranha, que era a rua de terra.

- Que era aquele morrão. Eu completo.

A Rua Aranha era um morro muito inclinado e bem extenso que começava na esquina com a Rua Henriques e terminava quase na esquina da Rua Eduardo Durcensino (perto da casa da Nádia). As crianças mais corajosas costumavam descer a rua Aranha de carrinho de rolimã.

- É, e que não tinha muito movimento. Mas eu brincava muito era dentro de casa. Eu lembro que o vizinho tinha caminhão e ficavam muitos caminhões estacionados na frente da minha casa. Porque eles viajavam e no final de semana eles chegavam e encostavam os caminhões todos em frente de casa pra lavar. Ainda assim era menos movimento que hoje. Hoje, o movimento lá, na rua da minha mãe, é insuportável. Quando eu vou sair com a minha filha lá agora, se não grudar a mão, é um descuido e...

- E como você ia pra escola, amiga?

- Eu ia a pé pra escola. Eu sempre estudei perto de casa, né? Porque eu estudava no Padre Machado, e é pertinho. A mãe ensinava um caminho só. Ela falava comigo assim, e é o que eu falo com meus filhos hoje: - você passa pelo mesmo caminho, porque o dia que eu precisar ir atrás de você, eu vou nesse caminho e eu quero te encontrar, se você desviar de caminho, você fica de castigo. Era o que minha mãe falava. Então, eu acho que eu subia a Rua Melo Franco... Ou a Marinhos, não lembro. Acho que era a Rua Marinhos, isso mesmo, a Rua da Karine (uma amiga nossa da mesma época). Depois subia e descia essa aqui (aponta em direção à rua), a Presidente Kennedy. Só que aí, o dia que estava chovendo, eu não podia subir a Presidente

Kennedy, que era o antigo Morro da Escadinha. Eu tinha que dar a volta pela rua Cuiabá. E passar por aqui (aponta a rua da frente). Por que eu não podia subir a escadinha? Eu tinha um uniforme só.



Morro da Escadinha
Google maps 2009



Morro da Escadinha
Google maps 2023

Nesse momento, rimos juntas porque eu sei bem o que ela está dizendo, já que morava exatamente no meio do Morro da Escadinha naquela época, e já fiquei presa no início dele porque não conseguia descer, não tinha coragem. Eu devia ter uns 9 anos.

Carmen continua:

- Eu não podia sujar o uniforme. Se eu subisse o morro e eu caísse, como que eu ia no outro dia? Subir o morro sem escorregar era complicado, na chuva. Então, eu chegava ali. Saía atrasada, uma chuva que Deus mandou. Ai, eu falava assim: - Como é que eu vou subir aqui? Até eu dar a volta, eu vou chegar mais atrasada ainda. Ai, arriscava subir o morro. Teve um dia que eu caí. Eu cheguei na escola chorando. Ai, não sei quem, uma cozinheira lá, uma merendeira, lavou o meu uniforme assim, com o pano molhado. Eu chorava dizendo que eu ia apanhar, porque eu tinha sujado o uniforme.

Ali também tinha um bueiro. Aqui embaixo (aponta para a rua de baixo da casa de minha mãe).

- Era um brejo, né? Eu digo.

O brejo era um córrego que atravessava a Rua Cuiabá e desaguava na rede pluvial, num espaço onde atualmente é a rua Dona Belmira e a casa de um vizinho de minha mãe. Parte dele foi canalizada para realização do aterro para abrir a rua. Outro trecho permanece aberto e deságua no Rio Paraopeba.

Carmen continua:

- Um brejo. Eu tinha uma sombrinha. E o dia que a minha sombrinha caiu lá embaixo nesse brejo? Eu fui passar na beirada, a sombrinha caiu lá embaixo (risos). Ai, que sofrimento. Mas

era bom, era ótimo, era gostoso, era saudável. Eu ia para a escola sozinha, porque a mãe tinha o meu irmão, que era mais novo. Ela não podia levar a gente para a escola todo dia. E ela avisava. Não era para parar em lugar nenhum. A gente vinha direto e voltava direto da escola. Se quisesse conversar, era só no caminho da escola. Terminando a aula, a gente ia embora. Mas era muito bom, muito gostoso. Muito maravilhoso.



Rotatória na esquina das ruas Dona Belmira, Presidente Kennedy, Cuiabá e Suzana.
Google Maps 2009



Rotatória na esquina das ruas Dona Belmira, Presidente Kennedy, Cuiabá e Suzana.
Google Maps 2023

Todos os trechos das entrevistas selecionados, neste primeiro momento, citaram como primeiras memórias de sua infância/adolescência na cidade de Brumadinho, e nos bairros que foram o recorte de pesquisa, as brincadeiras na rua. Ruas de terra, campos que eram terrenos vazios, brincadeiras em grupos de crianças, ir a pé para escola. Todos esses relatos revelam uma apropriação do espaço pelas crianças e consequentemente pela comunidade. Essa apropriação do espaço é o que SANTOS (2006) denomina como território usado e praticado. Esse conceito de Milton Santos revela a importância das práticas sociais na construção do território, indo além da simples ocupação física do espaço. As brincadeiras, os percursos e as interações que ocorriam nas ruas de Brumadinho demonstram como a comunidade se apropriava ativamente do espaço, moldando-o e conferindo-lhe identidade. O território, nesse sentido, não é apenas uma vitrine passiva, mas um elemento dinâmico, construído e reconstruído pelas práticas cotidianas daqueles que o habitam.

Enquanto as crianças estavam nas ruas brincando, as memórias afetivas estavam sendo construídas, ou seja, a relação com o lugar como espaço de vivência e a identidade com esse lugar estava se fixando na memória. As cenas do cotidiano infantil, vivenciadas no lugar, demonstram que “a cidade é, de fato, um organismo, um corpo onde se tatuam vivências, experiências, dores e alegrias” (FERRARA, 2017, p.136). Essas crianças, hoje adultas, ainda

se identificam com a cidade na qual cresceram e estranham a cidade que se descortina hoje. Apesar de considerarem um desenrolar natural das coisas, como nas frases de Dênis e Nádia:

- Mas eu entendo que faz parte da evolução, do crescimento. Acho uma pena, mas faz parte.

NMR

- Mas, hoje eu conheço pouca gente. As coisas mudam. Mas todo mundo que viveu comigo naquela época, na minha infância, é meu amigo. DLS

A percepção de mudança como um acontecimento natural e inevitável torna mais fáceis as mudanças estruturais das cidades e a substituição do lento pelo rápido, das ruas de terra ao calçamento e do calçamento ao asfalto. A homogeneização do espaço substitui o que identificava a comunidade. Não há mais campos, as pessoas não se reúnem nas ruas, as crianças não saem para brincar.

- Antigamente, a gente só via criança, parecia ser um bairro muito populoso e muito cheio de crianças e eu lidava diretamente com essas crianças, então parecia que o bairro era pura criança. Eu fui de casa em casa procurando essas crianças, então eu sabia das crianças todas, e hoje eu ando no bairro, as ruas estão desertas, onde estão as crianças? NAP

Os relatos de Nádia, Dênis e Nara, ilustram a tensão entre a memória afetiva do cotidiano passado e as transformações impostas pela modernidade. A "arvrinha", símbolo de um espaço lúdico e de convívio na infância, sucumbe à lógica do "progresso", materializada no asfalto e nas construções. CARLOS (2001, p. 294) ao discutir modificações do espaço da Ocupação Urbana Consorciada Faria Lima (OUFL) alerta para a alienação inerente ao processo de “modernização”, em que a experiência autêntica do cotidiano é substituída por uma realidade homogeneizada e controlada. Ela afirma que o espaço da metrópole (Brumadinho enquadra-se nessa interpretação por pertencer à região metropolitana de Belo Horizonte), da urbanização e da vida cotidiana “se redefinem e se reestruturam segundo uma lógica racional que impede contestações, redefinindo o presente e, assim, impondo “um futuro”, um modo de vida, um modo de pensar e, basicamente, uma forma de “calar-se”. O calar-se não é percebido, pois aparenta naturalidade.

Como criticar o progresso se ele é o desejo dos moradores? O asfalto é vendido como benfeitoria, geralmente utilizado por políticos como forma de visibilidade e no intuito de angariar os votos dos eleitores, o que geralmente funciona. Não há que se negar os benefícios do chamado “progresso”, percebe-se isso no antigo Morro da Escadinha. Subir a ladeira tornou-se mais fácil e o acesso à Escola Municipal Padre Machado pelas crianças foi facilitado, não sendo mais necessário sujar o uniforme como no relato de Carmen. Mas, a nostalgia presente nos relatos demonstra que nem tudo está bem. Ou seja, a vida rápida do chamado progresso

trouxe mal-estar à vida cotidiana, preferencialmente lenta, como define CERTEAU (2014). A nostalgia não é apenas um saudosismo do passado, mas uma crítica à perda da espontaneidade e da riqueza do cotidiano em nome de um progresso muitas vezes questionável.³ Entretanto, não devemos ficar presos à nostalgia e ao saudosismo do passado. É necessário que a cidade, seja tratada como “projeto coletivo, no qual os habitantes constroem possibilidades de moldar o território urbano conforme suas expectativas e necessidades” (CARVALHO; RODRIGUES, 2023, p. 54, edição do Kindle). Nesse sentido, as práticas cotidianas são formas de resistência à homogeneização.

A identidade e o pertencimento ao território do bairro também estão presentes nos relatos, especialmente quando são citados os campeonatos não oficiais de futebol entre os jogadores de futebol dos campinhos, na fala de Dênis, por exemplo: *“E aí ficava essa rixa. Mas é só de disputa, por isso eu não tinha muitos amigos no São Sebastião, minha turma era do Santa Efigênia.”*

Dênis se identifica desde sempre como oriundo do bairro Santa Efigênia, isso faz parte de sua individualidade e do seu sentimento de pertencimento a uma comunidade: “a prática do bairro é desde a infância uma técnica do reconhecimento do espaço enquanto social” MAYOL (2021, p. 41) e ainda “o bairro se inscreve na história do sujeito como a marca de uma presença indelével na medida em que é a configuração primeira, o arquétipo de todo o processo de apropriação do espaço como lugar da vida cotidiana pública” MAYOL (2021, p. 42). O bairro, portanto, atua como um alicerce simbólico e afetivo, moldando a identidade e o pertencimento de Dênis e dos demais narradores de forma profunda e duradoura, o lugar de vivência.

³ Svetlana Boym (2001) distingue dois tipos de nostalgia: reflexiva e restauradora. A nostalgia reflexiva se caracteriza por um anseio pelo passado que não busca reconstruí-lo, mas sim explorá-lo como um objeto de contemplação e interpretação. É uma nostalgia que reconhece a distância temporal e a impossibilidade de retorno, mas que valoriza as experiências e os significados do passado como forma de compreender o presente e vislumbrar o futuro. A nostalgia restauradora, por sua vez, busca a reconstrução literal do passado, idealizando-o e buscando revivê-lo em sua totalidade. É uma nostalgia que pode levar à negação do presente e à busca por um passado mítico e homogêneo. A nostalgia demonstrada nos depoimentos é reflexiva, uma vez que busca analisar criticamente o passado, sem idealizações, e utilizá-lo como ferramenta para compreender o presente e as transformações ocorridas ao longo do tempo.

3.2 – O fazer cotidiano nos bairros Santa Efigênia, Carmo e São Sebastião (escola, trabalho, igreja, lazer)

I – Luciano

Luciano é casado com minha irmã caçula Priscila. Originalmente morador do bairro Centro em Brumadinho, mudou-se para o seu atual endereço após seu casamento. A entrevista foi realizada numa manhã de domingo em sua casa onde também mora minha mãe, sua sogra. Luciano conhece a história de Brumadinho de maneira muito simbólica, pois seu avô, o Sr Abelardo é um dos personagens mais emblemáticos do município. A família do Luciano e, atualmente ele e minha irmã também, atuam no ramo farmacêutico em Brumadinho e convive com os moradores de todos os bairros e distritos. Nessa entrevista é possível compreender um pouco da visão de um morador migrante de outro bairro e, por isso, diferente dos narradores nativos, mas tão interessante e satisfatória quanto às demais narrações.

Como ele não é morador do bairro desde a infância, não iniciei a entrevista com a pergunta inicial feita aos demais. A primeira pergunta foi:

- Quantos anos você mora aqui em Santa Efigênia?

- *Por volta de 12 a 14 anos, aproximadamente.*

- O que te levou a vir morar no bairro Santa Efigênia?

- *Bom, eu morava no bairro Centro, quando eu era solteiro. E aí, quando eu conheci minha esposa, a gente começou a namorar, a família dela é aqui do bairro Santa Efigênia, e aí a gente noivou, e desde a época de namoro, eu já comecei a frequentar muito o bairro, a casa da família dela aqui, e depois a gente noivou e se casou. Um pouco antes do casamento, eu já ficava aqui alguns dias da semana, devido ao pai dela ter falecido⁴, mais pra dar um apoio, vamos dizer assim, uma proteção um pouco maior pra mãe dela, que mora com a gente até hoje, e pra ela. Porque o pai dela era, vamos dizer assim, a referência de segurança, da casa, da família assim, e aí quando o pai dela faleceu, a gente ainda namorava, depois a gente ficou noivo, eu comecei a frequentar mais a casa, ficar mais aqui com elas, pra dar um certo apoio, e depois que a gente se casou, a gente continuou morando aqui.*

- Como você descreveria a sua vida no bairro Santa Efigênia, nesses anos todos?

⁴ Nosso pai faleceu no final de 2004. Nessa época, morávamos eu, minha irmã mais nova Priscila, meu pai e minha mãe na rua Cuiabá, 175. Meu pai e minha mãe trabalhavam na Mercaria Nossa Senhora Aparecida que ficava no mesmo endereço, nossa casa era uma sobreloja. O falecimento do meu pai foi inesperado, ele se foi muito cedo com apenas 60 anos e sempre foi o patriarca no seu sentido principal: o chefe de família provedor e protetor, mesmo quando esteve encarcerado.

- Olha, é um bairro muito bom de se morar, porque ele é próximo ao centro da cidade, então, ao mesmo tempo que você não está naquela confusão, naquela bagunça de centro da cidade, muito barulho, muito trânsito e tudo mais, você está num bairro um pouco mais tranquilo quanto essa questão, e ao mesmo tempo você está perto do centro da cidade. E é um bairro assim, bem familiar, pelo menos na parte do bairro que eu moro, todo mundo conhece todo mundo, né? Tem algumas coisas, sendo bem sincero, que me incomodam um pouco, mas não é uma questão específica desse bairro, é uma questão envolvendo o ser humano mesmo, de modo geral. Mas isso em qualquer lugar, em qualquer bairro vai ter. Mas de modo geral eu gosto muito do bairro, gosto muito de morar aqui, é bem tranquilo, é bem localizado, então assim, é um bairro gostoso, aconchegante.

Conforme MAYOL (1994, p. 45) nos diz e Luciano exemplifica em seu relato, o bairro impõe uma convivência inevitável por trazer o conforto do atendimento às necessidades cotidianas. Deste modo é preciso, segundo o autor, “encontrar um equilíbrio entre a proximidade imposta pela configuração pública dos lugares, e a distância necessária para salvaguardar a sua vida privada.”

- Você reparou se aconteceu alguma mudança no Santa Efigênia, da época que você namorava com a sua atual esposa e agora que você é casado com ela, mudou alguma coisa no Santa Efigênia, nesses anos todos?

- Olha, teve algumas mudanças em questão de, de benfeitorias, vamos dizer assim, que eu sou um pouco... não sei exatamente dar a minha opinião quanto a isso, porque, por exemplo, o bairro, quando eu não frequentava tanto o bairro, assim, na minha juventude e tal, o Santa Efigênia tinha uma fama de ser um bairro um pouco mais, como que eu digo, um pouco mais violento, entre aspas, um pouco mais perigoso. Era um estereótipo que tinha na cidade, que algumas partes do bairro, não todas, era um pouco mais perigosas de se andar à noite, de frequentar e tudo mais. Ai quando eu vim morar aqui, que eu comecei a frequentar mais, eu vi que, até onde eu sei, não tem isso. Para quem vive uma vida correta, sem se envolver em coisas complicadas, vamos dizer assim, não tem esse risco que a gente sempre ouviu falar.

Eu acho que como todo bairro, toda comunidade e tudo mais, de interior, quem é trabalhador, que leva a vida de forma correta, tranquila, geralmente não tem nenhum tipo de problema envolvendo essas questões. Então, a visão que eu tinha um pouco do Santa Efigênia, até as pessoas mesmo, até as pessoas do próprio bairro, costumavam fazer piadas sobre o bairro, fazer essas brincadeiras.

- Você se recorda de alguma brincadeira desse tipo agora?

- Falavam que quem não é do bairro teria que pedir permissão pra entrar (risos), sempre em tom de brincadeira. E tem umas lendas do bairro, né? Então, alguns falavam que quando se soltava fogos de artifício, é porque estava chegando (risos)... chegando droga no bairro. Mas são essas coisas mesmo que as pessoas falam e que ninguém consegue comprovar nada.

Rimos juntos. A visão de um estrangeiro ao bairro me soa engraçada, nunca tinha conversado com ele sobre isso e sou surpreendida por essa sua leitura do “Santaimés” (apelido carinhoso do Bairro Santa Efigênia dado por seus moradores). O relato de Luciano sobre o bairro Santa Efigênia confirma o que MAYOL (1994, p. 45) diz sobre o a prática do bairro: “a prática do bairro é uma convenção coletiva tácita, não escrita, mas legível por todos os usuários através dos códigos da linguagem e do comportamento”.

O bairro é um bairro bem interessante, porque ele manteve um pouco da tradição que os outros bairros da cidade não tinham ou perderam um pouco. Então, por exemplo, aqui ainda tem a festa do... Eu não sei exatamente se é o Congado...

- Nossa Senhora do Rosário. Eu completo.

- Isso. Então, todo mês de agosto (mais precisamente dia 25 de agosto), o pessoal se reúne em frente à igreja e faz a festa, né? Ainda tem essa cultura muito forte aqui da população negra, né? Que veio do interior e veio para a cidade há décadas. Então, eles mantêm essa cultura viva. Então, alguns bairros da cidade que tinham um pouco disso, perderam. O Santa Efigênia conseguiu manter essa tradição, mesmo sem apoio, muitas vezes, dos setores públicos. Conseguiu manter essa raiz justamente por causa dos moradores que fizeram questão de manter essas culturas aqui.

Para complementar esse trecho importante da fala do Luciano, transcrevo a seguir o depoimento de Aldo Bibiano, o Aldo Tuba, como é conhecido em Brumadinho. Ele relata o início do grupo Moçambique do Rosário do bairro Santa Efigênia e o histórico da criação ligado ao avô José Maria Bibiano, cujo nome foi eternizado em uma das ruas do bairro. Esse depoimento foi publicado originalmente através do instagram de Felipe Robacenah no dia 15/08/2024 em alusão à proximidade das festividades anuais de Nossa Senhora do Rosário e ao aniversário de 52 anos do grupo. Ele pode ser acessado na íntegra em <https://www.instagram.com/p/C-n3yR2xD8/>

Meu nome é Aldo César da Silva Bibiano, sou professor de Música e Músico Instrumentista. Sou capitão regente da Guarda de Moçambique, do bairro Santa Efigênia de Brumadinho. Quando surgiu o Moçambique no bairro Santa Efigênia, ele veio pra cá com o meu avô, que morava numa comunidade quilombola do Sapê, e foi convidado a vir morar na sede pra que pudesse ajudar na organização da banda do

município. E lá no quilombo do Sapé, ele já desenvolvia, com seus familiares, com seus ancestrais, a questão do congado do reinado de Moçambique, e ele aqui juntou com o Sr Rubens, a dona Maria do seu Firmino, a dona Cinoca, e fundou a Guarda de Moçambique Nossa Senhora do Rosário, no bairro de Santa Efigênia, no ano de 1972. (...)

E a formação cultural de Brumadinho, ela se dá a partir do que se vive em uma comunidade tradicional do reinado, porque quando você pensa em reinado, a gente tenta reelaborar e reviver o que se fazia nos reinos, nas tribos, nas tradições do antigo reino, aqui em específico de Daomé, e traz isso por dentro do nosso contexto, dentro do nosso cotidiano, por isso que daqui parte a movimentação cultural do município. ela nasce aqui, porque você tem escola de samba, você tem grupos de folia de reis, você tem adoração, você tem o caminhão do Papai Noel, além do grupo de Moçambique, por quê? Porque é muito comum, nesses povos, você criar um ambiente de fortalecimento com o seu entorno, e esse fortalecimento, esse crescimento do ambiente, se dá através de diversos pontos ou manifestações culturais, nesse sentido, a gente faz através da cultura, através do que é a música, do que é a ritmo, uma forma de convívio, uma forma de fortalecimento com o nosso entorno, pra que essas pessoas tenham um conhecimento, uma compreensão do que fazem.

O relato exhibe, qual exposição artística, a Brumadinho que resiste no fazer cotidiano. Nas palavras de CERTEAU (2014, p. 199) os artistas representam o patrimônio de uma cidade juntamente com os seus objetos:

Estaria mais do que na hora de um urbanismo ainda à busca de uma estética que lhes reconhecesse o mesmo valor. A cidade já é sua permanente e móvel exposição: mil modos de vestir-se, de circular, de decorar, de imaginar traçam as invenções nascidas de memórias ignoradas. (...) Eles fazem da cidade uma imensa memória em que prolifera a poética.

Aldo Bibiano, sua família e todos os moradores do bairro Santa Efigênia e demais visitantes que prestigiam essa festividade mantêm a identidade de Brumadinho e do bairro vivas em resistência à homogeneização do espaço. Seja na rua de terra, no calçamento ou no asfalto, a tradição do Moçambique, do Congado, da Folia de Reis, do caminhão do Papai Noel⁵ e inúmeras “artes do fazer” permanecem acontecendo na vida cotidiana do município. A seguir uma imagem ilustrativa do Grupo Moçambique do Rosário subindo a rua José Gomes da Costa quase esquina com a Rua Cuiabá.

⁵ O caminhão do Papai Noel da família Bibiano e amigos:
<https://brumadinho.portaldacidade.com/noticias/cidade/caminhao-do-papai-noel-da-familia-bibiano-amigos-alegra-criancas-a-geracoes-5250>



Fonte da imagem: @mocambiquerosariobrumadinho publicada em 23/10/2022, acesso em 17/08/2024
 Legenda do post: No dia 28 de agosto de 2022, pelas ruas do Bairro Santa Efigênia se reuniam para louvar e homenagear Nossa Senhora Do Rosário, São Benedito, Santa Efigênia e Nossa Senhora Aparecida, 13 Guardas (Moçambique, Congo, Marujos, Caboclos). Juntos formando uma única Irmandade do Rosário de Maria.

Luciano continua seu relato:

- Uma coisa que o Santa Efigênia mudou um pouco é a questão também da pavimentação, que antes era um bairro de calçamento, as ruas eram de calçamento, e depois foi pavimentando as ruas. E isso me incomoda um pouco, porque eu acho que, por ser um bairro mais antigo, mais tradicional, claro que eu não sou contra a evolução, mas evolução é uma coisa muito relativa, né? Não sei se pavimentar as ruas todas do bairro é evoluir, né? Principalmente numa região em que a gente tem muito problema com enchentes, que o rio fica sobrecarregado e a vazão do rio não dá conta, e o rio transborda. Então, essa questão me incomoda um pouco, porque principalmente nas ruas mais no alto do bairro, que são as ruas onde fica a igreja, ficam as casas mais antigas, né? Foi tudo pavimentado. Por um lado, é mais confortável, mas por outro lado traz certos transtornos, né? Então, por exemplo, na rua onde eu moro aqui, o fluxo de veículos era muito menor. As pessoas passavam de carro, caminhão, muito menos aqui na região. Evitavam passar por aqui porque eram ruas de calçamento. Depois que pavimentou, praticamente a rua aqui de casa virou uma rota principal do bairro. Então, assim, eu sofro um pouco com essa questão do barulho excessivo, né? Às vezes de madrugada, as pessoas passam aqui com carro, com caminhão, buzina, essas coisas.

Ana Fani Alessandri Carlos (2001, p. 279) ilustra o relato de Luciano a respeito da pavimentação e transformação das antigas ruas de calçamento do bairro Santa Efigênia. A autora discute os conflitos existentes entre o valor de troca e o valor de uso. O asfalto como

valor de troca é valorizado até mesmo pela população. Do ponto de vista imediato, as melhorias proporcionadas pela pavimentação atraem e são bem-vistas pela comunidade. No entanto, a longo prazo, a movimentação ininterrupta de carros, o barulho, a fumaça, o pó do asfalto e a impermeabilização do solo trazem consequências ao uso ativo do espaço habitado “gerando conflitos que eclodem no plano da vida cotidiana, em que as contradições são percebidas em toda a sua magnitude.”

II – Dênis

(...)

- Na maior parte do tempo da minha infância e adolescência eu ficava na casa da minha avó, no bairro Santa Efigênia, em Brumadinho. Ela tinha muitos filhos, muitas filhas. A casa era muito grande. Apesar de ter morado algum tempo em outra cidade, eu nunca achei que tinha mudado, porque eu sempre estava lá. Eu gostava de ir lá, me identificava com o bairro, frequentava muito.

Meus tios que permanecem morando em Brumadinho que têm raiz no Santa Efigênia. Esse, com certeza, é um dos bairros que tem uma representatividade muito grande na cidade. É referência em Brumadinho, é um bairro muito importante. Tem uma história bonita, tem uma identidade cultural grande. Tem uma representatividade cultural com samba, com congado, e isso influenciou muito a vida da gente culturalmente lá. Então, é um bairro, com certeza, muito importante.

Só que o bairro mudou muito. Os lugares aonde eu ia quando era criança e que tinha lembranças, os campos, os campinhos, aquelas áreas que a gente usava para se divertir e tal, brincar, não existem mais.

As ruas eram de calçamento ou era de terra. Descíamos os morros de carrinho de rolimã, era uma bagunça danada. Hoje é tudo asfalto. A identificação com o lugar é só mesmo sentimental, porque não existem mais esses espaços. Quando a gente passa lá, é só mesmo saudosismo, a gente não vê ninguém. Ficou um lugar muito estranho assim...

Eu ainda gosto muito de frequentar o bairro Santa Efigênia, mas eu não consigo reconhecer mais os lugares que eu ia. Onde eu passo e o que eu sentia que era um lugar de pertencimento, não tem mais. Não é que não tenha pertencimento, é que eu só lembro, eu não vejo. Então, talvez seja isso. Onde eu achava que era um lugar que eu podia passar e relembrar, e viver algumas memórias, ver alguém e tal, e aí eu não vejo. Virou casa, ou virou rua e virou outro espaço público. Então, assim, ficou diferente.

Assim como Luciano, Dênis cita em seu relato a resistência presente no bairro Santa Efigênia em manter a tradição e menciona a mudança e a desidentificação que provoca ao excluir os espaços de convivência anteriormente existentes. Conforme MAIA (2021, p.129):

A maioria dos processos de “espetacularização urbana”, com forte rebatimento nas experiências cotidianas dos sujeitos na cidade, acaba não só por tentar controlar, disciplinar o espaço e o uso dos equipamentos urbanos, mas também sugerem a transformação da cidade num grande “cenário” a ser consumido, como mercadoria também. E o corpo também é o lugar da ação do poder. O poder se apoia e atravessa o corpo. A própria arquitetura da urbe procura disciplinar os corpos, controlar seus movimentos, limitar e direcionar os corpos.

A cidade foi remodelada conforme o valor de troca. Tornou-se um cenário para o qual apenas olhamos e do qual não participamos. Não há mais campinho, as ruas são feitas para os automóveis, os locais de encontro de outrora foram substituídos por concreto e construções. Não vemos as pessoas conversando nas ruas. E conforme LEFEBVRE (2012), perde-se o direito à cidade quando não há possibilidade de encontro e trocas. Não há uso pleno e inteiro do espaço.

O samba, o congado, o Papai Noel em cima do caminhão mobilizando as crianças do bairro e chamando-as para a rua permanecem buscando as memórias afetivas e resgatando as memórias do bairro Santa Efigênia e de Brumadinho. Assim como o skatista, citado por MAIA (2021, p.129) que com suas manobras, dá usos diferentes do esperado aos equipamentos urbanos, resistindo à tentativa do dito progresso de disciplinar os corpos e os usos do espaço; a ocupação do espaço urbano de Brumadinho pela arte popular consegue “subverter a lógica de controle” e permanecer como cicatriz ou tatuagem da memória afetiva. O lugar resiste.

III - Nara

(...)

- A minha pesquisa tem um recorte espacial, que é em três bairros, Santa Efigênia, Carmo e São Sebastião. Com esses três bairros, você tem alguma ligação?

- Eu posso dizer que se a alma tivesse um desenho, o desenho da minha alma seriam esses bairros, porque a minha infância, a minha adolescência e a minha vida profissional, tudo aconteceu nesses bairros. Apesar de eu ter morado um tempinho no Bairro do Carmo, a minha vida quase toda se desenrolava no Santa Efigênia, por quê? Eu comecei a dar aulas de catecismo na Igreja de São Cristóvão, então, eu era catequista na Igreja de São Cristóvão.

Aí, eu entrei para a Associação de Moradores. A Associação de Moradores era dos bairros do Carmo, Santa Efigênia e São Sebastião, era uma associação só. Eu entrei na associação e

comecei a ir de casa em casa com os membros da associação para poder fazer um levantamento de todas as crianças que tinham ficado sem vaga de pré-escolar. E nós fizemos isso durante muito tempo, por quê? Porque algumas crianças do bairro tinham ficado sem vaga de 5 anos, o “prezinho” que a gente falava, pré-1. Aí, a gente ficou querendo provar para a secretária de Educação e pro prefeito da época, que as crianças do Santa Efigênia tinham ficado sem vaga e eles não acreditavam. Então, nós, os membros da Associação, fomos de casa em casa perguntando se tinha criança nessa faixa etária de 5 anos, de 6 anos, que estava sem vaga. Então, nós fizemos isso de casa em casa, catalogamos tudo.

Esse levantamento foi realizado pela associação de moradores na década de 1990. Nesse período a educação básica obrigatória iniciava-se na antiga primeira série do Ensino Fundamental na qual as crianças entravam com 7 anos de idade⁶. Por isso, não havia vagas suficientes para atender à demanda de crianças na idade chamada pré-escolar 5/6 anos de idade. Na entrevista da Carmen Lúcia, ela refere-se à não ter feito pré-escolar. Ela é da mesma idade que eu, morávamos no mesmo bairro, porém ela passou a frequentar a escola (Grupo Escolar Padre Machado) com 7 anos e eu com 6 (em 1984). Por isso, o levantamento da Associação pretendia ampliar o número de crianças dessa faixa etária na escola. A luta teve êxito e foi criada uma turma externa da Prefeitura Municipal num imóvel alugado na Rua Piedade do Paraopeba, próxima à Igreja São Cristóvão, Bairro Santa Efigênia.

*- Então, a minha história toda é no Santa Efigênia, por quê? Porque aí eu já entrei para o Catecismo do Santa Efigênia, eu já fui ser da Associação do Santa Efigênia, que tinha mais gente, era o bairro mais populoso. Então, a associação era mais do bairro Santa Efigênia. Ela agregou os outros dois bairros para não deixar eles sozinhos, porque era uma rua só, alguma coisa assim.*⁷

Tudo que eu sou na minha vida hoje começou aí, na catequese, depois eu virei professora, na associação eu comecei a ter uma vida política, de militante mesmo, social, porque eu fui atrás de vaga para criança de 5 anos, de 6 anos, no Santa Efigênia, e depois eu me tornei a vereadora mais bem votada do município, e eu tinha tipo assim, 60% dos votos do Santa Efigênia.

⁶ A adoção do Ensino Fundamental de 9 anos passou a vigorar a partir da Lei 11.274 de 6 de fevereiro de 2006, disponível no portal do Ministério da Educação - MEC: (https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111274.htm)

⁷ Atualmente a Associação ainda existe e engloba os bairros Santa Efigênia e Carmo - AMOSEC (Associação de Moradores dos Bairros Santa Efigênia e Carmo).

Eu comecei naquela época e eu passei a desenvolver tudo que eu sou hoje ali, naquele momento, porque depois que eu fui catequista, eu entrei para a associação, e depois o meu pai comprou um lote numa pirambeira, que era um lote muito barato, um lote que ele dava conta de comprar, porque igual eu falei antes, ele estava sofrendo uma situação muito complicada, cumprindo uma pena, só trabalhava de dia e dormia de noite na cadeia. E aí ele comprou um lote com a ajuda da minha mãe, que também pegou uma máquina de costura que ela ganhou de herança da minha avó, e ajudou a comprar os tijolos, uma carroça que vendeu, uma carroça que a gente usava para plantar lá no terreno do Sr Antônio Grande. E aí a gente veio para ajudar a construir a nossa primeira casinha aqui no Santa Efigênia na Rua Presidente Kennedy, 508. Era no meio do morro, eu lembro que o pessoal ainda cantava aquela música para a gente: “meninas que moram na ladeira, que descem o morro sem parar...” Eu, a Jane, a Lilian, que éramos as mais velhas, a gente veio morar no meio desse morro, que era um morro mesmo, chamado Morro da Escadinha, e a rua de cima já era bairro São Sebastião, mas a rua de baixo era Santa Efigênia, e o Morro da Escadinha também⁸.

Depois que eu casei, fui morar na rua Presidente Kennedy 616, que é mais pra lá do Santa Efigênia ainda, atrás desse “pastinho”, que um dia eu atravessei, virou um dia a minha residência. Nesse pastinho, meu pai comprou um pedaço e fez a minha primeira casa, que eu morei depois que eu casei. O Francisco nasceu em 2005, nós ainda morávamos na rua Presidente Kennedy 616. E eu mudei pra casa nova, no bairro Grajaú, o meu filho estava com 2 anos, então foi em 2007 que eu deixei de ser vereadora e fui morar no bairro Grajaú. Então, esse tempo todo aí, eu morei no bairro Santa Efigênia.

- Uma coisa que você já até começou a falar, mas não entrou em detalhes, aquele levantamento de crianças que estavam sem pré-escolar, por exemplo, depois teve o “prezinho” no Santa Efigênia também, que você foi professora, né?

Nara - Isso mesmo, a associação começou a catalogar, foi uma exigência da secretária de educação na época, que se chamava Carolina Maciel. Nós fomos de casa em casa e coletamos as certidões de mais de 30 crianças, levamos para ela. Ela tinha falado que se a gente apresentasse (porque ela não acreditava), ela abriria o “prezinho”. Então ela abriu o “prezinho”, na época era um convênio como se fosse o Mobral, mas era feito para crianças, então chamava-se Fim Social. Foi aberta uma turma do Fim Social aqui. Mas aí, qual é seria

⁸ Esse ponto é a divisa entre os bairros Santa Efigênia e São Sebastião. Como o limite é muito fluido, os moradores sempre consideraram o Morro da Escadinha como limite prático entre os bairros. No mapa, entretanto, a divisa são as margens da rua Presidente Kennedy, sendo considerado bairro São Sebastião a margem direita e Santa Efigênia a margem esquerda. A nossa casa, portanto, ficava no bairro São Sebastião oficialmente, porém sempre nos consideramos moradoras do bairro Santa Efigênia.

local? A gente andou o Santa Efigênia inteiro, não tinha um local assim, maior, mais acessível... Mas a gente conseguiu uma garagem, que era a garagem do bar do Vicente, em frente à igreja São Cristóvão, e aí a gente conseguiu essa garagem. A Carolina mandou os móveis. No início eram aquelas cadeiras grandes, de adulto, que são ligadas, que a mesa é ligada com a cadeira, e sentam dois alunos, mas eram totalmente impróprios para as crianças de 5 anos, mas a gente foi se adaptando. Depois a gente ganhou os móveis de crianças. A gente começou a funcionar ali então, o jardim de infância, com os meninos de 5 e 6 anos. A turminha tinha 38 alunos, era muita criança que tinha ficado sem vaga. As vagas, na época eram destinadas obrigatoriamente a quem trazia transferência e naquela época, por causa da construção da barragem do Rio Manso, a Mendes Júnior veio com muitas transferências, as escolas eram obrigadas a aceitar, então matriculou os transferidos, e deixou os filhos do Santa Efigênia sem vaga, foi isso que aconteceu.

E por que eu virei professora? Eu estava acabando de me formar em magistério, isso é importante falar, e eu era da associação. A associação brigou muito para ter o pré, e ela falou com a diretora, com a secretária de educação, que nós mesmos iríamos escolher a professora. Nós fizemos uma reunião com todo mundo, os pais das crianças estavam presentes, eu lembro que até um professor meu de magistério estava, que era o José Márcio. Eu dei aula para a filha dele. E aí eles votaram, eles votaram que a professora tinha que ser do bairro, aí eu fui escolhida como a professora. Eu estava acabando de me formar, até assim, nem tinha o diploma ainda em mãos, eu acho, mas eu estava acabando de me formar e virei a professora do “prezinho”.

- E durou um ano esse “prezinho”?

- Durou um ano, foi uma turma só. Eu me esforcei muito, porque era a minha primeira experiência, depois eu fui contratada pela prefeitura, como servidora mesmo, que aí eu fui dar aula em Casa Branca, que é um outro bairro aqui de Brumadinho.

- E você sabe se depois, nos anos seguintes, essas crianças do bairro puderam ir para a escola?

- Foram todas matriculadas, né? O “prezinho” tinha valor oficial, elas foram todas matriculadas na série seguinte.

- E a prefeitura disponibilizou vagas para os próximos anos?

- Sim, todas foram encaminhadas e as matrículas foram garantidas, elas fizeram, antes tinha aquele negócio, hoje também tem, mas naquele tempo também tinha uma pré-inscrição, né? Todas elas já foram colocadas nesse cadastro e elas todas tiveram vagas garantidas no Padre Machado, nas escolas aqui vizinhas, todas.



Acervo familiar. Turma do Pré Escolar do Bairro Santa Efigênia – 1986⁹.

- Você tem conhecimento da história do Bairro Santa Efigênia? Ou Carmo, ou São Sebastião, mas eu falo Santa Efigênia porque talvez seja o mais tradicional...

- *Tenho sim alguma história, porque eu sou advogada, e eu mexo muito com os documentos dos imóveis, e os documentos antigos, e tem imóvel que ele vai passando pela mão de muita gente, mas você tem que pedir a certidão vintenária, que a gente chama, que é a que tem os registros desde o início. Quando você pede a vintenária, você vai indo, vai indo, vai indo, e vai chegando lá nas grandes fazendas, aqui era uma grande fazenda, uma fazenda enorme, e o gado era recolhido e levado pro alto, que era onde eles deixavam o gado para cruzar, então a gente chamava de alto de parir, é porque levava mesmo o gado lá em cima para parir, e isso está documentado, isso não é conto que alguém contou, está escrito assim no documento: alto de parir, o bairro era chamado assim mesmo.*

- Só que aí na linguagem popular virou “alto pari”.

- *O Paulinho do Zé Maria falava “alto de Paris”, então sim, logicamente a linguagem vai mudando muito, mas nos documentos tem esse tratamento de alto de parir.*

⁹ A formatura aconteceu na Escola Estadual Padre Machado. Nara aparece acima à direita acompanhada da secretária municipal, Carolina e eu, acima à direita. Eu participei da formatura com as crianças e tive um papel no teatro que foi apresentado. Estou com as mãos nos ombros de duas crianças, uma delas (a da esquerda) é irmã do meu marido Dênis.



Rua Piedade do Paraopeba, 221 Local onde funcionou durante 1 ano o Pré-escolar do Bairro Santa Efigênia.

Imagem: Google 2009



Rua Piedade do Paraopeba, 221 Local onde funcionou durante 1 ano o Pré-escolar do Bairro Santa Efigênia.

Imagem: Google 2021

- E você falou aí de uma personalidade aqui do bairro, que é o Paulinho de Zé Maria. Primeiro, quem é o Zé Maria?

- *Zé Maria Bibiano, que deu o nome à rua inclusive, a rua José Maria Bibiano, e o Centro da Juventude, que nós também quisemos e conseguimos dar o nome do José Maria Bibiano para o Centro da Juventude. Porque assim, pra nós era uma das personalidades mais marcantes do Bairro Santa Efigênia, com toda a sua cultura, com todo o seu saber, com toda a sua presença de espírito, de alma e física, ele envolveu, ele marcou muito o Santa Efigênia. Eu não posso te dizer, não saberia te dizer quanto tempo ele morou, como que ele veio, quando que ele chegou, nada disso, essa história eu não conheço, mas não tem ninguém, ninguém que tenha vivido, morado ou pertencido em alguma época ao bairro que não saiba quem é o José Maria Bibiano, e se ele não souber vai ficar sabendo, porque tem uma rua e um Centro da Juventude que têm o nome dele.*

- A família dele ainda tem integrantes que moram aqui, mas você acha que hoje, as pessoas que moram no bairro hoje, que vieram para o bairro hoje, por exemplo, as crianças e adolescentes que estudam no Padre Machado, você acha que essas crianças conhecem essa história? Você acha que elas sabem por que aquela rua se chama Zé Maria Bibiano e quem foi José Maria Bibiano?

- *Oh, Elaine, não sei, sabe? Deviam saber. Eu não sei por que não estou indo lá nas escolas, não estou vendo o que os meninos estão aprendendo. Eu saí da educação, mas se eu ainda estivesse, eu ensinaria porque é muito importante. Eu lembro que quando eu fui professora, fui de primeira à quarta séries. A introdução dos estudos sociais era a minha rua, aí você tinha que desenhar a sua rua, a minha casa, você tinha que fazer uma planta da sua casa, olhando*

de cima, tinha quantos quartos e tal, e aí o meu bairro. Bom, nesse momento, a história, porque é estudos sociais, é mistura de história com geografia, você tinha que misturar ali também as figuras, as pessoas, a história, como o bairro surgiu, para criança mesmo, tentar adivinhar, pesquisar. Isso é o mundo ideal, é o que deveria ser feito, mas quando você me pergunta se as crianças estão sabendo disso, eu não sei te responder, eu te digo que deveriam, se estão, eu não sei.



Imagem: Senhor José Maria Bibiano

Fonte: Memorial de Brumadinho. Facebook.

Acesso em 25/08/2024

- Aí tem o contraponto, que é a José Maria Bibiano, que fica um pouquinho mais no *alto pari* mesmo, e essa aqui na frente chama Presidente Kennedy. Você acha que essas ruas poderiam ter nome de pessoas do próprio bairro, que trouxessem parte da história do bairro para o dia a dia dos moradores?

- Olha, Elaine, na verdade, essa pergunta é muito curiosa, acho que merece até outro mestrado (risos). Eu tô te falando isso porque eu fui vereadora oito anos e nome de rua é dado na Câmara. E lá, eu tinha mania de fazer reflexão de tudo. Eu ia refletir porque estava dando aquele nome. Então, era o vereador que queria homenagear alguém e, às vezes, alguém que não tinha nada a ver com o bairro. Vou te contar um episódio que vai ilustrar bem o que estou falando.

Quando foi dado o nome da pracinha atrás da Câmara, a associação de moradores do bairro tinha feito uma reunião e queria dar o nome da pracinha pra Carmen de Oliveira Gonçalves. Era uma senhora lá do bairro que tinha falecido e eles queriam homenagear, tinha uma história muito importante pro bairro. Um vereador propôs dar o nome de Praça da Paz. A associação ficou contra. Os associados queriam a Carmen. Aí, eu, como vereadora, uni as duas vontades

e falei assim: Oh gente, não vão brigar por isso não uai, já que é Praça da Paz, vamos fazer “Praça da Paz Carmen de Oliveira Gonçalves”. E a praça lá tem esse nome hoje. Entendeu? Vamos unir todo mundo em paz e colocar o nome da pessoa que vocês querem homenagear junto com a Praça da Paz. Enfim, a gente conseguiu fazer uma relatoria, eu fui relatora do projeto. Juntamos as duas propostas.

Quando você vai dar nome à rua, às vezes, a própria população do local não concorda. Eu já vi muito bairro que é assim, as ruas são A, B, C, D, o bairro é feito assim. E aí, chega um morador que não quer que mude o nome A, B, C, D, porque ele acha que já se acostumou assim, que vai bagunçar tudo, o correio não vai saber entregar, vai dar problema. Já teve rua aqui no Bairro de Lourdes que mudou de nome umas cinco vezes porque era padre não sei das quantas, tirou padre e pôs o nome da pessoa, depois tirou o nome da pessoa, voltou o nome do padre, porque é um abaixo assinado para tirar, outro pra pôr, foi uma confusão. Então, para a gente saber direitinho o que passava na cabeça do povo daqui, será que o povo que morava aqui se via como sujeito importante? Às vezes ele achava mais importante o presidente Kennedy. E ele mesmo quis dar esse nome. Então, eu não sei se foi um vereador que pôs o nome presidente Kennedy para agradar alguém ou para fazer bonito com alguém, ou pra, sei lá homenagear o presidente Kennedy mesmo, quem sabe ele pensou que estava homenageando? Ou se foi o próprio povo que morava aqui que escolheu esse nome porque achava que eles não eram tão importantes para dar um nome e achava que o nome do presidente era importante. Então, aí, só você fazendo outra tese mesmo para poder estudar isso, minha fia, porque é muito difícil (risos).

Aqui no Santa Efigênia, a maioria das ruas tem o nome dos povoados, Piedade do Paraopeba, Suzana, tem várias ruas que são os nomes dos povoados, mas tirando o presidente Kennedy, que não é nome de povoado nenhum...

– Tem a Cuiabá também...

- *Aí eu vou até chamar um poeta aqui que eu não lembro os nomes, não vou lembrar, mas a Rua José Maria Bibiano não tinha esse nome não. Tem um poeta que fala assim.*

– É... fala da Serra do Rola Moça.

- *É, a Serra do Rola Moça não tinha esse nome não¹⁰. E eu te digo, a Rua José Maria Bibiano não tinha esse nome não. Ela veio ter esse nome recentemente, quem deu esse nome foram os*

¹⁰ O poeta é Mário de Andrade. Há uma sugestão de atividade muito interessante do governo de Goiânia relacionada ao poema A serra do Rola Moça e que traz informações tanto sobre o poeta, quanto sobre a própria Serra e ao Parque do Rola Moça.
Disponível em : <https://sme.go/iania.go.gov.br/conexaoescola/caja/lingua-portuguesa-a-prosa-dentro-do-genero-poetico/> Acesso em 24/08/2024.

vereadores na mesma época... Eu nem lembro quem foi o autor do projeto, mas ela chamava, se não me engano, rua Adutora, alguma coisa assim¹¹. Falar do presidente Kennedy agora, talvez, é falar do bairro Santa Efigênia sim. De qualquer jeito, quando uma professora resolve contar essa história, ela vai contar a história do bairro, mesmo que ela conte que a rua tomou o nome de presidente Kennedy. A gente tem de tudo um pouco aqui no bairro. Tem os nomes dos povoados da cidade, tem o José Maria Bibiano e o Presidente Kennedy (risos).

Michel de Certeau (2014, p. 197) poeticamente diz: “onde o mapa demarca, o relato faz uma travessia”. O relato de Nara sobre o espaço usado e apropriado por ela subindo e descendo as ladeiras, pelos membros da associação do bairro percorrendo as casas, contando a história do apelido dado ao bairro Santa Efigênia, o alto pari, os conflitos envolvendo a nomeação de ruas ou simplesmente mencionando aqueles moradores que não querem ter trabalho com os correios e, simplesmente preferem manter as letras do alfabeto como nomes das ruas, são travessias possibilitadas pela História Oral. Não é simplesmente um olhar para o Santa Efigênia através do traçado do mapa, é viver o bairro através da palavra – a “feitura do espaço” (CERTEAU, 2014, p.189).

O autor também alerta para o “extermínio” cometido em nome da tecnoestrutura que segundo o autor “anula a cidade habitável” fazendo com que todas as ruas se pareçam que não exista mais identificação. Entretanto, o relato sobre as ruas e lugares especiais do bairro contam o invisível. “Os demonstrativos dizem do visível suas invisíveis identidades: constitui a própria definição do lugar, com efeito, ser esta série de deslocamentos e de efeitos entre os estratos partilhados que o compõem e jogar com essas espessuras em movimento” CERTEAU (2014, p.173)

Diversos estratos partilhados puderam ser vistos nesta entrevista demonstrando o significado do tempo, do espaço e sobretudo da memória em nossas vivências espaciais.

IV - Maria Angélica

(...)

- Da nossa adolescência pra cá mudou tudo. Não tem mais nada igual. Nem os lugares existem mais. E olha que eu conto isso direto pras meninas, sabe? A Luísa sempre fala, mãe, eu queria ter sido sua amiga quando você era adolescente porque eu ia ter vivido as coisas que você

¹¹ A rua Adutora passou a se chamar rua José Maria Bibiano a partir da Lei Ordinária 572 de 12 de junho de 1989. Disponível em: <https://www.cmbrumadinho.mg.gov.br/legislacao/pesquisa>

viveu na sua época em Brumadinho, que era tão bom. As festas que a gente fazia. Eu, a Taty, a gente produzia as festas. Festas temáticas que todo mundo ia de fantasia... Era muito bom.

- Ela sente uma saudade do que ela nem conheceu, né?

- *Sente, sente. E ela fala que sente saudade.*

- Através das suas memórias.

- *Sim, sim. Ela fala muito sobre isso, de sentir saudade de coisas que ela não viveu. E que imagina pelo jeito que eu conto, ela fica imaginando.*

- Você conta com a doçura mesmo, né? Com o coração quentinho.

- *Sim. Igual era, né? Por mais que a gente não tinha muitas coisas, igual eles têm agora. Eles têm muita coisa, né? Tudo, na verdade. Tem roupa bonita, igual eu falo sempre. Vocês têm roupa bonita, vocês têm formação, vocês acompanham séries, vocês têm assunto para falar com todo mundo.*

- Não precisa alugar filme na locadora. Nem gravar a fita no som, esperando o autor ficar calado pra você gravar. Mas era até legal, a gente montava a fitinha. (risadas)

- *Era uma correria. Meu Deus do céu, como é que podia, né? A gente tava arrumando casa e de repente saía correndo na hora que acabava a música.*

- Meu Deus, a minha música! (Imito a expressão que fazíamos na época).

Nossa, a gente já deixava no ponto, apertava rec, o play e o pause. Porque aí você só saía correndo, tirava o pause e colocava pra gravar.

- *E aí tinha que correr depois que a música estava acabando pra colocar o pause de novo e já esperar a próxima.*

- E torcer pro locutor não falar nada.

- *Não acontecia, sempre tinha um... Como é que fala? Essa parte da rádio aí que sempre fala o nome da rádio. Ai, gente. Mas era muito bom, né? A nossa época era muito segura. Todo mundo conhecia todo mundo. Quando não conhecia, era filho de alguém que era conhecido.*

- Cê é fi de quem?

- *É, sempre era filho de alguém.*

- Filha do João Paraguai, filha do Luci.

- *E a gente andava em todas as turmas, né? Circulava em todas as turmas. Não tinha muita diferença.*

- Quando você sobe aquela rua ali da sua casa (rua Brasília), ou desce, né... Subir ou descer... você consegue imaginar como era antes e como está agora? Já passou isso pela sua cabeça?

- *Sim, sim. Aquela escola mesmo, eu sempre assusto com ela, porque ali era o campinho, né? (risos) Ela é grande. Ocupou o campinho inteiro, é um bloco.*

Também vi que mudaram umas coisas (depois da inauguração da escola Beatriz Pampulini). Colocaram um ponto de ônibus diferente, tirou da esquina onde era o Bar da Preta, naquela rua que ficava cheia de meninos. Não tá ficando tantos meninos ali, não. Graças a Deus, porque é muito perigoso aqui.

- É. Até isso é diferente, né?

- *Tem muitos carros agora (risos).*

- Até isso é diferente. A gente ia a pé tranquilamente, sem problemas.

- *Sem problemas.*

O relato apresentado por Maria Angélica, assim como os anteriores, evidencia a profunda transformação dos lugares e das dinâmicas sociais em Brumadinho ao longo do tempo, evocando a nostalgia de uma época marcada pela familiaridade, segurança e vivência comunitária. A narrativa permeada por lembranças afetivas de sua adolescência, contrasta com a realidade atual, caracterizada pela perda de espaços de convivência, aumento da violência e individualização das relações sociais.

Essa transformação pode ser analisada sob a ótica do conceito de "lugar" proposto por Michel de Certeau (2014). Para o autor, o lugar é constituído não apenas por elementos físicos, mas também pelas práticas e interações sociais que nele se desenrolam. No caso de Brumadinho, a construção da escola no antigo campinho, a mudança do ponto de ônibus e o aumento do fluxo de carros representam alterações físicas que impactaram diretamente as práticas cotidianas da comunidade, como brincar, encontrar amigos e circular livremente pelo bairro. “O lugar é o palimpsesto.” (CERTEAU, 2014, p. 280) e novas escritas ocupam lugar das antigas, no entanto, todas estão ali nas memórias dos passantes.

V - Carmen

(...)

- Na adolescência, eu não saí muito. Fui muito privada de sair. Hoje, eu agradeço. E, assim, não tenho raiva da minha mãe por não ter deixado eu sair. Eu era louca para ir no clube (Clube Recreativo Paraopeba), minha mãe nunca deixou. Quando eu queria sair, eu tinha que ir à missa primeiro. A missa terminava oito e meia. Dez horas, eu tinha que estar em casa. E, mesmo assim, com uma pessoa maior. Eu nunca fui para o clube, eu nunca fui para barzinhos tarde da noite, por exemplo, para a Toca. Quando eu ia, eram oito e meia, e mesmo assim, eu ia à missa, porque eu tinha que contar o evangelho para a mãe. Porque ela perguntava tudo, até quem celebrou a missa. Um dia ela descobriu que eu não fui à missa.

O Clube e a Toca eram dois dos destinos noturnos preferidos da juventude brumadinense nas décadas de 1980 e 1990. O Clube Recreativo Paraopeba era uma espécie de boate onde aconteciam shows ao vivo ou apenas música eletrônica e a Toca era um bar em frente à Igreja Matriz de São Sebastião, a principal da cidade.

- E a nossa época do magistério?

- *Eu acho que foi a melhor. A melhor fase. A gente com aquelas cabeças boas, não pensávamos em maldade. A gente ia passear entre amigos, meninos e meninas. Na época a gente ia pra Olhos d'água, onde hoje é o Inhotim.*

- E a gente andava em estrada de terra.

- *E muito. Elaine, a gente saía daqui e ia lá pros Olhos d'água. Lá em cima onde é o Inhotim*¹².

- Eu lembro até hoje da abóbora pra fazer doce.

- *Trazia uma abóbora de 10 quilos nas costas (risos)*

Numa das visitas que fizemos à nossa amiga Cleide, que morava no povoado chamado Olhos D'água, vizinho ao povoado Inhotim (onde hoje fica o museu) trouxemos uma abóbora muito grande e revezamos para carregá-la. A Carmen fez um doce e distribuiu um pouco para cada um de nós que a ajudamos a carregar. Conforme lemos em CERTEAU (2014), ao narrar práticas comuns como essa visita abrimos caminho, delimitamos um campo no qual “as frequentações, as solidariedades e as lutas que organizam o espaço” são as protagonistas das maneiras de fazer.

- *Chuchu, a gente fazia uma feira com o chuchu que tinha no caminho. (risos) E ria. E contava caso. E brincava. E na escola aqueles trabalhos que a gente fazia. Quando a gente foi pro Mineirão. Mineirinho, né? Fazíamos tudo com tanta dedicação. Tão saudável!*

- Foi um curso muito bem-feito.

- *Muito bem-feito. Tanto que eu encontro com os professores até hoje e eles falam sobre a nossa turma. Acho que foi a melhor época. Foi a época em que eu mais me divertia. porque como eu não saía pra balada, não saía pra lugar nenhum, a minha diversão era quando eu tava com a nossa turma.*

O curso técnico de Magistério foi oferecido durante muitos anos na Escola Estadual Paulina Aluotto Ferreira e formou muitos professores e professoras que até hoje estão na

¹² A distância da casa da mãe da Carmen, de onde partíamos, ao povoado de Olhos d'Água (atual Inhotim) é de aproximadamente 3 km. O atual proprietário do Inhotim, Bernardo Paz, passou a comprar os terrenos da região a partir dos anos 2000, extinguindo os povoados que ali existiam anteriormente.
<https://www.obeltrano.com.br/portfolio/o-sucesso-e-as-ambiguidades-do-inhotim>

profissão, como eu. Carmen se enveredou para outra carreira, mas o curso foi um momento muito importante de nossas vidas, como é possível perceber através do seu relato.



Formatura dos estudantes do curso técnico de Magistério da EE Paulina Aluotto Ferreira em dezembro de 1995 no Teatro Municipal de Brumadinho – Acervo Familiar

O uso da rua pelos moradores apareceu em todas as entrevistas realizadas. Seja citando o andar a pé ou a modificação de sua estrutura, ela foi citada por todos.

AULA e SILVA (2019, p.16) afirmam que:

A rua é o espaço público, o espaço comum, de acesso irrestrito e de convivência de diversidades, que se estende do compartilhado ao coletivo e onde se materializam conflitos, disputas e negociações. É o espaço da luta política, da luta pela apropriação, dos usos e ocupações, dos vínculos afetivos, das táticas que vão se delineando ao longo da história, produzindo narrativas, práticas e discursos que integram a dinâmica social e seus processos de reprodução, transformação e manutenção. Um espaço privilegiado para a legitimação e circulação de saberes e sentidos, tanto quanto para a constituição identitária e subjetiva - individual e coletiva.

Antigamente era comum andar a pé, inclusive em grandes distâncias. Essa situação se modificou por vários fatores, dentre eles a insegurança de deixar as crianças e adolescentes se deslocarem sós pela cidade que não tem mais só os conhecidos de antigamente. Entretanto, o próprio acesso aos meios de transporte foi ampliado. Assim, aquele hábito comum de ir para a escola ou visitar os amigos a pé foi se perdendo. Dessa forma, a rua torna-se o espaço dos carros, o espaço da velocidade e da passagem, o não lugar (AUGÉ, 1994).

As narrativas revelam a perda do "direito à cidade", conceito desenvolvido por Henri Lefebvre (2016). Para o autor, o direito à cidade vai além do acesso aos serviços e

infraestruturas urbanas, abrangendo também o direito à participação na vida social e política da cidade, à apropriação dos espaços públicos e à construção de uma vida urbana rica em encontros e experiências. Em Brumadinho, a perda de espaços de convivência (como os campinhos e as praças) e o aumento da insegurança limitam as possibilidades de interação social e a sensação de pertencimento à cidade e comprometem o exercício pleno do direito à cidade, dando lugar ao estranhamento e à desidentificação.

A nostalgia expressa pelos entrevistados demonstra a importância dos lugares e das práticas cotidianas na construção da identidade e da memória coletiva. A transformação de Brumadinho evidencia a necessidade de se repensar o planejamento urbano e as políticas públicas, buscando garantir a preservação dos espaços de convivência, a promoção da segurança e o fortalecimento dos laços e identidades comunitárias, assegurando o direito à cidade para todos os seus habitantes. Quando uma comunidade se une, o futuro pode ser vislumbrado de forma mais esperançosa.

3.3 – O dia 25/01/2019

Nesta parte da entrevista, deixei os entrevistados confortáveis antes de iniciar. Aviso que em qualquer sinal de desacordo ou mal-estar, que estarão livres para interromper ou não responder a qualquer de minhas intervenções. Então, cito a data 25/01/2019 e pergunto o que ela significa para o entrevistado.

I – Maria Angélica

A primeira coisa que passa pela minha cabeça é que parece que foi um filme. Um filme de fim de mundo. Desses que a gente assiste e fica pensando se seria assim se o mundo fosse acabar, com a gente assistindo a ele acabar.

É a sensação que eu tive na hora em que tudo estava acontecendo. Parece que até o céu escureceu. Nesse dia eu estava... As meninas estavam de férias.

Deixei as meninas dormindo. O Sandro saiu pra trabalhar cedo. Nesse dia ele não se despediu de mim nem das meninas, que ele sempre fazia.

Eu lembro que de madrugada a Luísa me chamou e eu acabei me deitando no quarto delas e dormi por lá mesmo. E aí eu lembro, assim, o Sandro, quando ele saía, principalmente esse horário cedo, ele despedia de mim e depois passava no quarto das meninas, abria a porta do quarto das meninas, olhava as meninas e ia embora. E esse dia ele não fez isso. Eu tava no quarto e eu acordo com qualquer coisa e ele não fez. É... não sei se ele saiu atrasado, o que

foi. Mas aí ele foi trabalhar e eu saí umas sete e meia por aí, porque eu ia fazer o café da manhã no hostel (a família de Maria Angélica tem um hostel na região central de Brumadinho), pros hóspedes, que estavam lá pra ir pro Inhotim. E deixei as meninas dormindo e toda vez que eu saía e deixava as meninas sozinhas em casa, eu já preparava o café delas, deixava um bilhetinho, deixava tudo ajeitado lá pra elas acordarem e tomarem o lanche delas. E aí eu subi pro hostel e fui fazer as minhas coisas, fiz o café, tudo normal de todo dia. Conversei com os hóspedes, as meninas acordaram e me mandaram mensagem. O pessoal saiu pro Inhotim e eu mandei mensagem pras meninas, falei que ia pedir um táxi pra buscá-las, que era um táxi que era conhecido nosso mesmo. Ia buscá-las lá pra elas descerem, porque eu ia arrumar a casa ainda, pra não demorar pra subir e fazer o almoço, pra elas não ficarem muito tempo sozinhas. Elas chegaram lá e assim, praticamente, elas chegaram, ficaram lá brincando e eu tava fazendo as coisas, aí eu peguei o telefone e vi, o Sandro não tinha me mandado mensagem e ele sempre me mandava mensagem pra saber se eu tinha chegado no hostel, pra saber como que tava né e... se as meninas tinham ficado dormindo e tal. Esse dia ele não mandou nada, nada. Não falou nada comigo, aí já era horário de almoço, eu peguei o telefone e falei: ó, o Sandro deve ligar agora. Peguei o telefone e tinha uma mensagem no grupo nosso, de família, perguntando se era verdade que a barragem do Córrego do Feijão tinha rompido. Aí eu li, e a única coisa que eu fiz foi escrever: o Sandro tá lá. E aí eu já comecei a tremer, tremer...

Ela para e respira recobrando o fôlego.

Onde eu li, peguei o telefone, tava ali, e ali eu fiquei paralisada ali, comecei a chorar, tentando ligar pra ele, mandar mensagem, ligando.

- Você tinha noção dessa barragem?

- Tinha, eu conhecia. Eu passei uma época que eu fiz estágio lá, e depois eu trabalhei lá na aprovação de um projeto deles. O Sandro também sempre contava. Teve uma vez, quando foi da Samarco, ele comentou comigo, ele falou que se estourasse essa, a da Vale, não ia sobrar ninguém. Não ia sobrar nada. Ninguém, nem nada.

- Porque uma coisa que eu comentei com o Dênis, que a gente conversou, é que nós, que estávamos de fora, a gente não fazia ideia.

- Uhum... Ela concorda. É porque se você nunca viu a barragem... Eu vi a barragem quando era líquida ainda. Quando eu estava lá, na época que fui trabalhar lá para uma terceirizada. Na época, ela era líquida, então não tinha aquela grama que tinha depois. Eu não sei se ainda usava água, acho que ainda devia usar porque ela tava toda aberta. Mas eu lembro de passar por aquela estradinha que a gente subia para a mina, a gente passava debaixo dela assim, passava um bom caminho do lado dela, na parte baixa dela.

E eu sempre falava, quando eu passava, não gosto de passar aqui, me dá um negócio ruim aqui. Não gosto. Eu já não gostava do lugar mesmo, porque era feio demais, e eu tinha que ficar lá o dia inteiro presa lá, nem ver, tem que gostar demais, você entrar no lugar desse (risos nervosos), tem que gostar, você ficar presa ali...

– Eu fico imaginando se tem alguém que gosta...

– Pois é... você almoçar, conversar com as mesmas pessoas e não ver nada, porque até a natureza lá é é...

– Degradada, artificial...

– é e assim... tudo sujo, é cheio de minério, então é laranja, né? Todo mundo igual, vestido igual. Eu, que sou uma pessoa cheia de cor, ficar num ambiente desse, da mesma cor não dá. O Sandro gostava de trabalhar lá. Ele era um cara trabalhador demais, que não perdia horário, que não enrolava, não queria faltar, nem nada. Ele gostava, ele cansava demais, mas ele gostava, gostava da turma, ele era muito divertido, cê sabe, mas ele gostava da turma dele, dava bem com todo mundo. Ele adorava dar o bom dia, mandar o bom dia no grupo, tirando foto lá, ele trabalhava na parte mais alta lá, aí ele sempre tirava foto lá da mina e ele colocava, bom dia, direto da fazenda. (risos)

E eu lá olhava aquilo cheio de neblina, credo, neblina de frio, e ele no ar-condicionado (risada). Mas ele sempre colocava a foto do sol nascendo ou qualquer coisa. Tinha dia em que ele tava lá trabalhando de madrugada e ele colocava a foto para movimentar o grupo.

Sempre tem alguém acordado, né? (risos e pequena pausa).

Mas aí nesse dia, 25, eu... (pausa e respira) aí na hora eu fui e mandei mensagem pro grupo de irmãs, eu perguntei se alguém poderia ir me encontrar porque as meninas estavam comigo e me viram chorando. Elas começaram a chorar e nem sabiam o porquê estavam chorando. Choraram por me ver chorando. Aí eu pedi para alguém, uma das minhas irmãs, qualquer uma, ir para lá, porque eu estava com as meninas e eu não conseguia fazer nada. Eu tinha pedido almoço, eu não conseguia servir o almoço pras meninas, minha mão não parava de tremer, eu não saía do lugar... e... aí a Larissa foi pra lá, bem rápido, a Larissa chegou lá, aí deu comida pras meninas. A Joana até comeu mais, a Luísa não conseguiu comer direito... A Jojô tinha seis anos, tinha acabado de fazer seis e a Luísa tava com nove, ia fazer dez... E elas tavam mexendo com o celular delas, aí na hora assim, eu pensei, vou tirar... aí eu fui e guardei o celular, guardei porque vai receber mensagem, vai ter vídeo, vai ter um monte de coisa...

Aí essa hora, engraçado eu entrei num estado estranho, né? Desconhecido até então... e depois eu travei, eu falei assim, não, eu tenho que confiar nele, eu não posso desistir, a gente viveu

quase 19 anos juntos, né? A gente ia fazer 19 anos... eu não posso, eu conheço o Sandro uma vida inteira... eu tenho certeza, ele tá vivo, ele escapou, ele tá em algum lugar...

Ele era um menino criado na rua... esperto... aí eu falei: não, eu tenho que confiar e vou esperar a notícia que seja, mas eu vou esperar chegar, eu não posso ficar pensando que acabou sem ter o fim. Ninguém falava nada. A gente não tinha notícia certa de nada, então, até então, eu podia ter a minha fé. Podia usar a minha fé de que eu ia receber uma notícia bacana (sorri, respira). Eu não quis ver nada, eu não mexi mais no meu celular, não fiquei abrindo vídeo. Porque eu também sou dessas, eu bloqueio, não quero ver, não via jornal, nada, não queria ver nada, eu só queria esperar, sem saber o que tava acontecendo. A gente já sabia mais ou menos porque era aquela movimentação de helicópteros o tempo inteiro... mas, aí até isso eu consegui desligar... Não, eu não vou ficar nisso, eu não vou ficar pensando, tipo, aí como foi, se foi, quem tava lá, porque não era só ele, tinha vários amigos nossos, tinha minha amiga Janice que tava lá também, que ela trabalhava no administrativo. O Sandro trabalhava de turno, tava lá no dia, no horário mais errado. E fora outros né? Que a gente também não sabia, mas aí foram me ligando, aí o Geraldo (pai do Sandro) me ligou, o Geraldo me ligou pra confirmar se o Sandro tava trabalhando lá. Aí eu que falei com ele que ele tava lá trabalhando. E aí o Tora (amigo do Sandro) também me ligou. E aí você vai tendo notícia também de quem não tava. Você vai eliminando algumas pessoas. Quem ficou e sobreviveu e quem não estava por pouco, né? Não tá com a cabeça boa não. E nem vai ficar... pode... aprender a reviver, né? Viver de novo, mas tá sempre... Pra gente que não tava... até hoje assim, é raro eu ver imagens sabe, mas se eu vejo, Elaine, eu também não fico pensando assim, olha, aconteceu isso, ele foi engolido, né? Daquela forma... não gosto de pensar nisso, eu penso mais no espiritual do que na parte física ali, do que foi, prefiro.

Eles tinham noção do risco disso acontecer, porque, lá dentro, era de um jeito, lá dentro tinha reunião, tinha, tinha gente que sabia. Então, teve, lógico que alguém provavelmente falou, a barragem rompeu... Só que tem muita gente que fica pensando, né, nessa parte do, do corpo mesmo, do físico, o que houve. É melhor não pensar porque ninguém sabe ao certo. A imaginação pode ser melhor, ou pode ser pior... Você só prolonga o sofrimento, porque você, cada dia, você vai imaginar de um jeito e aí, você vai colocar dor, às vezes, onde nem teve. Essa dor física... Eu acho que, se existe Deus, Ele tira antes. Já que tem que ir, por que esperar sofrer? Eu sempre falo: quem foi embora, das pessoas, que a gente conhecia, era, só gente boa demais. Não tinha gente mais ou menos não. Era só gente muito boa, gente tranquila, que não fazia mal pra ninguém. Trabalhadores, não tava pagando nada, era o fim do que tinha que ser cumprido aqui. Pelo menos nesse passeio, aqui, nessa loucura aqui... (ri suavemente).

II – Carmen

- O que vem na minha cabeça? Meu filho. O aniversário do meu filho, em primeiro lugar. Claro que eu tenho que pensar nas pessoas que morreram. Eu, graças a Deus, não perdi ninguém diretamente do meu ciclo familiar e nem muito próximo, assim, de amigos muito próximos, não. Sinto pelas outras pessoas. Não tô sendo egoísta, mas o primeiro pensamento que vem na minha cabeça é o meu filho. Por quê? Dia 25 de janeiro é o dia do aniversário dele. E no dia 26 eu tinha preparado, como sempre, um almoço familiar pra gente. E ele com nove anos, ele não entendia que aquilo ali... Entendia, mas não aceitava que aquilo ali ia atrapalhar a festa dele. E ninguém foi na festa dele. Ninguém. Por quê? Porque todos os meus familiares trabalhavam na Vale. Meu irmão mais novo trabalha ainda. Trabalhava na época também. Meu irmão mais velho trabalhou. Meus cunhados trabalharam. Então, todos conheciam todos lá dentro. No dia do almoço, ninguém foi. Por quê? Porque no dia 26, que era o almoço dele, todo mundo ficou pensando assim: Como que eu vou numa festa? Porque no dia 26 todo mundo estava descobrindo. Ah, o filho do fulano morreu. Ah, a médica não sei de onde. Ah, o irmão não sei de quem. O marido da Maria Angélica. Sabe? A gente foi descobrindo as pessoas que tinham morrido. Então, foi muito triste. E eu olhava não tinha ninguém. A comida eu joguei tudo fora. O bolo, eu lembro do bolo na geladeira de casa. Elaine, o bolo eu tive que jogar fora porque ninguém teve coragem de comer o bolo. Quem foi no aniversário dele? Meus irmãos. Meu pai, minha mãe. Meu pai não. Minha mãe. E eu acho que dois cunhados meus. Por consideração ao Miguel. Mas eu lembro que o tempo todo o pessoal chorava e o Miguel ficava assim: - Mas, minha festa só fala de gente morta. E no dia lá, nesse dia, nos primeiros momentos estava saindo foto das pessoas que estavam sendo resgatadas e partidas ao meio. Então, assim, eu lembro de uma foto que eu vi no aniversário dele, um tórax de um e a parte de baixo, o membro inferior de outro. Um do lado do outro.

- Você já trabalhava na UPA (Unidade de Pronto Atendimento) nessa época?

- Já. Já trabalhava na UPA. Só que na UPA não deu muita demanda. Por quê? Porque na UPA ou era grave demais, como se diz, grave direto pro João XXIII ou era morto, não precisava de ir. Na UPA foi gente passando mal, mas com nervoso, problema de ansiedade, susto, às vezes, pé quebrado, pé torcido porque correu, coisas assim.

Então a primeira coisa que veio na minha cabeça foi que ele ficou traumatizado. Eu tive que lutar com ele durante o último ano. Agora que ele ficou mais tranquilo. Todos os anos eu tinha que sair com ele de Brumadinho.

- E ele faz aniversário justamente no dia 25?

- No dia 25. Então, ele tomou trauma do aniversário dele. Nunca mais ele quis bolo, nunca mais ele quis festa de aniversário, porque ele achava que aquela data já não era a data dele mais. Que dia 25, todo mundo fala, é data do rompimento da Vale.

- E aqui em Brumadinho é simbólico, né? Todo dia 25 tem uma reunião lá na entrada.

- Por causa disso. Ele se desfez da data. Não é meu aniversário. Agora todo mundo fala daquilo lá. Então, ele nunca mais quis bolo. Tomou trauma do bolo dele de 9 anos. Então, a primeira coisa que vem na minha cabeça é isso.

- E ele tá mais tranquilo agora? Em relação a isso?

- Agora tá. Só que agora ele já entrou na adolescência. Quando ele fez 14 anos, ele quis um pula-pula pros colegas da sala dele. Só. Ele falou: Eu não quero nem bolo. Mas hoje eu acho que já é por causa da adolescência mesmo, né? Que ele já não quer mais festa. Mas antes não era por causa disso. Era por causa dessa data que ficou marcada pelo rompimento.

- O que você acha que mudou de Brumadinho de lá pra cá, amiga? Você contou muito da nossa vida, né? Antes dessa data. E a gente sempre tem memórias muito boas, muito agradáveis, muito gostosas. De lá pra cá, o que você acha?

- Tudo. Mudou tudo. Tudo. Mudou pra pior. Porque é... tudo muito caro, tudo muito violento. Igual hoje, a gente não tem mais liberdade de sair de casa. Tem muita gente que veio de fora pra cá. Por quê? Atrás de recursos. Atrás de salário, de indenização. Muita gente de fora veio pra cá pra pegar essa indenização. Inclusive, semana passada um senhorzinho andando na rua Vitor de Freitas ali perto do sindicato, com duas sacolinhas do Super Luna (supermercado de Brumadinho), custando a andar, um rapazinho veio e catou a sacola dele, quase jogou ele no chão e ele ficou lá parado, olhando pra ele. O rapaz não parece ser daqui. Então, por esse golpe que deu, muita gente de fora veio pra cá aproveitando disso. Achando que tem muito dinheiro girando, achando que tem muita gente rica. Não se acha ninguém pra trabalhar em lugar nenhum, setor nenhum, nem doméstico, nem de comércio, lugar nenhum. Tá ruim de emprego? Não tá achando é empregado! O SINE (Serviço Nacional de Emprego), esse final de semana agora, fechou com vagas porque não conseguiu preencher. Então, assim, as pessoas não querem trabalhar mais, não levam mais a sério. A população aumentou muito, tá tudo muito caro, aluguel muito caro, lotes, casa, tudo muito caro. Muita gente diferente.

- E em relação às pessoas, nós, as pessoas mais antigas da cidade, quem mora aqui há muito tempo, como você acha que as pessoas estão?

- A gente está vivendo um mundo de ansiedade. A sensação que dá é que a gente faz muita coisa e no final a gente não fez nada. Cansaço mental, estresse demais, a gente não tá tendo tempo pra mais ninguém, eu não tenho tempo pra ir à casa de ninguém, ninguém tem tempo de ir na

minha casa, alguma coisa assim. Sabe? Muita gente deprimida, todo mundo que eu converso... Eu trabalho na UPA, lá eu vejo muita gente nova dando infarto, às vezes até fulminante e depressão. A minha cunhada mesmo, teve um surto psicótico, síndrome do pânico. Eu tenho um irmão que tá com síndrome do pânico¹³. Então, mudou muita coisa. Tem um conhecido nosso que está com uma espécie de Alzheimer. Não reconhece ninguém, precisa usar fraldas. Logo no início das buscas, como ele era operador de máquinas, ele teve que revirar a lama para procurar os corpos. E ele trabalhava lá, ele conhecia as pessoas. Como que ele tava lá procurando um amigo dele? Já tinha aquele trauma de às vezes a pessoa não ter o psicológico pra tá fazendo aquele trabalho. Eu acho que tinha que ser pessoas preparadas para aquilo. Um bombeiro, uma pessoa da área da saúde. Geralmente o maquinista, ele é uma pessoa mais... Como que eu falo? É... Mais reservada. Por quê? Quem é mais reservado gosta de trabalhar com caminhão, com máquina, que é pra ficar mais sozinho. Igual eu trabalho com pessoas, você trabalha com pessoas. Tem gente que não tem isso. Gosta de trabalhar, mas quer ficar mais sozinho. Aí como pôr uma pessoa dessas pra trabalhar desse jeito? Então, hoje a população de Brumadinho tá toda... Eu acho que tá todo mundo doente, Elaine. Tá todo mundo doente. Antes do rompimento não tinha ninguém desse jeito, não. Tá todo mundo surtado. Depois veio a pandemia que juntou mais um negócio. O surto que eu falo é a depressão, a ansiedade, a correria, a impressão de que a gente corre, corre, corre e tá no mesmo lugar. Eu, Carmen, tô com um déficit de memória muito sério, muito grave. Eu falo que, às vezes, eu tenho, penso que eu tô no início de um Alzheimer. Porque tem coisas que eu esqueço, Elaine, num piscar de olhos. Às vezes eu tô conversando com você, eu esqueço o seu nome. Eu tenho que ficar pensando pra lembrar. Então, assim, o déficit de memória da população, eu acho que tá toda... Não é só meu, não.

III – Nara

- Essa data é para qualquer um que tem a alma de Brumadinho, eu não vou nem dizer que mora em Brumadinho, porque teve gente que morreu e não morava em Brumadinho, né? Mas para qualquer pessoa que tem essa alma do local do acontecimento, que é Brumadinho, ninguém que tenha vivido aquilo, nunca mais, nunca mais vai se esquecer desse dia e desse acontecimento. Então, para qualquer um que tenha vivido aquilo, que tenha a alma de Brumadinho, que seja uma pessoa que é ligada à história de Brumadinho, não consegue lembrar de mais nada ou falar mais nada que não seja o rompimento da barragem da mina de

¹³ O irmão mais velho mencionado por Carmen neste trecho da entrevista faleceu no dia 11 de agosto de 2024, teve um enfarte fulminante em casa. Ele tinha 49 anos, foi empregado da Vale.

Córrego de Feijão. Então, assim, ninguém nunca mais vai ser a mesma coisa. A gente nunca mais vai conseguir falar desse dia como se fosse um outro dia qualquer, lembrar de outras coisas que aconteceram nesse dia, porque provavelmente não foi a única coisa que aconteceu nesse dia. Mas todas as outras coisas que aconteceram nesse ano, nesse dia, nesse mês, elas sumiram. A gente só tem agora a memória daquilo que aconteceu.

Eu lembro de tudo. Lembro cada detalhe. Eu tava no fórum de Brumadinho porque eu esperei o fórum abrir. Meio-dia que é o horário em que o fórum abre. O fórum abriu comigo na porta porque eu tinha um processo importante pra tirar lá e para responder um processo nesse dia. Então, eu fazia tudo assim. Eu chegava no fórum, o processo era físico, eu ia na sala da OAB, que também abria meio-dia, e já falava no processo lá e já devolvia o processo para depois eu fazer as outras coisas que eu tinha que fazer. Então, eu tava no fórum, tinha pegado um processo, já tinha falado no processo. Quando eu fui devolver o processo, tava uma agitação, uma agitação muito grande. E elas falaram assim: Não, a gente vai ter que fechar o fórum. Aí eu fui descobrir por que tinha que fechar o fórum. Mas por quê? Era um dia comum, eu consegui falar no processo e depois aconteceu o que aconteceu e eu fiquei sabendo. Então, a movimentação era para fechar o fórum, diz que ia ter que evacuar a cidade. Até isso, eu ouvi falar no fórum que a juíza ia ter que ir embora. Eles não eram daqui, teriam que ir embora porque senão eles não iam conseguir sair da cidade. Os funcionários que não eram daqui iam ter que ir embora, iam ter que fechar o fórum. Eles não estavam sabendo a dimensão ainda, mas teve um problema lá na barragem, rebentou a barragem, estourou a barragem. Aí, assim, cada hora chegava alguém falando alguma coisa, diz que as pessoas estão desaparecidas, não sabem o que aconteceu, se matou todo mundo, se não morreu ninguém. Ninguém sabia a dimensão, mas tava sabendo que era grave.

Era muito grave o que estava acontecendo e tava um alvoroço. E aí ia ter que fechar o fórum, então pegaram o processo rápido comigo, eu tive que devolver rápido para poder fechar o fórum mesmo. E eu saí de lá assim, meio atônita. Aí eu cheguei em casa, fui embora pra casa, cheguei em casa e fui ligar para o Charle, para falar com ele. Quando eu falei com o Charle, eu falei: Oh Charle, a barragem rompeu, tão falando que a barragem rompeu. Ele perguntou: Que barragem? A barragem do Córrego de Feijão, a barragem da Vale. Aí ele falou assim: Uai, a barragem que eu brincava lá, que eu nadava lá? Aquilo é uma barraginha, menina, uma barraginha, falou assim. Isso não é problema não, o máximo que aconteceu é lavou uma terra lá, jogou um bocado de terra lá, uma coisa assim, isso não vai matar ninguém não... Eu disse assim: -Charle, parece que não, é uma coisa grave, parece que é uma coisa grave. Falei isso, mas não estava sabendo de nada. E aí eu já liguei televisão, já fui para o jornal, já fui para o

computador, já fui pesquisar, já fui conversando com um, com outro, com outro, todo mundo desesperado no WhatsApp, comecei a dar orientação jurídica, se não aparecer, se sumir, se não achar corpo, que não sei o quê, já comecei a dar orientação jurídica. Aí, eu me enfronhei naquilo ali e passei a viver aquela história. Eu não falava de mais nada, não fazia mais nada, não sabia nem o que fazer. Pra mim eu tinha que ficar imersa naquilo ali o dia todo mesmo, era como se fosse uma obrigação minha, inclusive, sabe? E aí eu me enterrei ali naquela história e passei a viver aquilo ali, respirar aquilo ali e até hoje eu ainda vivo aquilo ali.

Brumadinho não é a mesma cidade, não é a mesma rua, não é a mesma pessoa, nada mais é como antes, nada. Porque hoje tudo que move, respira, anda, tem alguma coisa do rompimento da barragem, tem alguma ligação com o rompimento da barragem. Se tem um restaurante novo é porque ele foi para atender os funcionários das obras de recuperação. Se tem uma rua asfaltada, é porque com aquele dinheiro do asfalto foi feita a negociação que a asfaltou. Se tem gente comprando, é porque recebeu indenização. Se tem gente brigando, é porque está brigando por causa da indenização. Se tem muito processo no fórum e os outros processos estão parados, é porque os juízes não estão dando conta do tanto de processo da Vale. Então, tudo, tudo, praticamente tudo. Eu posso te dizer que a minha vida, 99% dela hoje, tem alguma influência do que aconteceu naquele dia. 25 de janeiro de 2019. Tudo, tudo, tudo. Os processos que eu cuido, as pessoas que eu converso, a minha relação com a cidade, tudo mudou e continua transformado a partir daquele dia.

- A gente dividiu a entrevista em duas partes. Você me falou que vive há 55 anos, com exceção dos quatro que você morou fora, aqui em Brumadinho. De 25 de janeiro de 2019 pra cá, a gente tem cinco anos e alguns meses. Você acha que esses cinco anos e alguns meses, eles têm, de certa forma, congelado o que veio antes? Eles têm tomado uma proporção maior do que tudo que aconteceu aqui antes? Pelo menos no tempo presente?

- Com certeza. Eu só tô falando do que veio antes porque você me fez uma entrevista. E eu lembrei e eu fui falar. Mas de lá pra cá, eu não falo de outra coisa. Eu só falo disso. Do rompimento da barragem. De quem ganhou dinheiro, quem não ganhou dinheiro, quem tem imóvel, quem não tem imóvel, se vai comprar um imóvel, se vai alugar um imóvel, se o aluguel aumentou, se o terreno aumentou, se tem muita gente na cidade, se a segurança diminuiu. Tudo gira em torno do que aconteceu naquele dia. Tudo.

A minha vida hoje é 99% do que aconteceu depois daquele dia. Os meus processos, as minhas conversas, as minhas relações, elas vão sempre ter alguma ligação com o rompimento da barragem da Vale. Isso se aplica ao restante da população porque eu estou falando dos meus clientes, eu estou falando dos meus vizinhos, eu estou falando dos meus amigos. Então, eu estou

inserida nessa comunidade. Eu só vejo esse assunto. Eu só vejo essa motivação. Se o prefeito fez o que fez é por causa do dinheiro, se não sei o quê, se no postinho tem um não sei o quê, é por causa do dinheiro. Se as pessoas daqui... A coisa que mais me incomoda, inclusive, é porque algumas pessoas, é... elas... Por exemplo, tem gente que fala que mudou de Brumadinho. Mudou por quê? Porque aqui, agora, todo mundo só pensa no dinheiro da Vale. Entendeu? Então, os comportamentos, a vontade de ir embora, as pessoas, elas não veem mais o Brumadinho de antes. Eu cheguei a ficar triste, incomodada com parentes meus. Eu tenho uma cunhada que perdeu um irmão. Ela não queria nem passar por Brumadinho. A mãe dela mora em Brumadinho, no Eixo Quebrado. E ela vem de Piedade (Piedade dos Gerais) pro Eixo Quebrado, para não ter que passar dentro de Brumadinho. Ela sofre até hoje de passar aqui dentro. E assim, eu fico triste, porque eu falo com ela direto. A minha cidade não tem culpa de nada, não. Ela é vítima, tanto quanto nós somos. E eu fico muito triste. Eu tenho, assim... Eu acho que eu tinha que entrar com uma ação para mim, pedir uma indenização. Eu não vou fazer isso. Advogar em causa própria é uma temeridade. Mas eu tenho esses sentimentos de angústia frequentemente, porque as pessoas dizem que Brumadinho não existe mais. Ah, Brumadinho acabou. Ah, agora aqui o seu povo só pensa em dinheiro. A cidade cresceu demais, descontroladamente, porque tem muita gente de fora, e eu não tenho nada contra quem é de fora. Não tenho. Eu acho horrível quando as pessoas falam isso. Mas aí começou a ter muito assalto, começou a ter muita confusão. Por quê? Nem as pessoas que estão morando aqui, que elas vieram pra cá para trabalhar, então elas são trabalhadoras. Mas as pessoas pensam que circula muito dinheiro aqui e tem muito assalto, entendeu? Pensam não, circula mesmo muito dinheiro. Foram orçamentos ampliados, tudo por causa da indenização. Mas é uma coisa que não se paga nunca. A própria construção do processo indenizatório macula, fere, como me disse uma amiga do Assentamento das Pastorinhas. A história da Toca é um exemplo. Ter que tirar as pessoas de lá para passar a nova adutora da Copasa.¹⁴

É outro transtorno que começou mexendo até em um sítio arqueológico¹⁵. Então, o próprio processo indenizatório cria novas dores, novos dilemas. Aí tem gente que é mal vista, porque está querendo indenização, a pessoa vai lutar por um direito dela e fica mal vista.

É constrangedor você ter que pedir dinheiro em troca de um irmão que morreu, você ter que pedir dinheiro em troca de uma mãe que você perdeu. As pessoas olham para você, acham que

¹⁴ <https://brumadinho.portaldacidade.com/noticias/cidade/cpi-camara-averigua-impactos-das-obras-da-nova-adutora-de-agua-da-vale-e-copasa-1218>

¹⁵ <https://www.brasildefato.com.br/2021/05/20/pf-investiga-destruicao-de-sitio-arqueologico-em-brumadinho-mg-pela-vale>

você ficou rica. É triste você ter, por exemplo, uma viúva que vai ter um novo relacionamento, aí, nas bocas, ela fica mal falada porque ela pegou o dinheiro do marido e se casou com outro. Olha que tipo de sentimento que você vai gerando, ano após ano, e não se fala de outra coisa. Não se fala de outra coisa. E o que a gente falava antes? Por que a gente não fala mais do que falava antes?

A gente é muito pequeno, não sabe de todas as coisas. Eu acho que ainda falta muita coisa para a gente saber. Mas eu fico pensando que... Engraçado, as pessoas falam muito sobre o negócio da teoria da conspiração, quando você tá sempre achando que alguém está contra você, que tá te perseguindo. E muita coisa que a gente falava, a gente pensava assim, nossa, infelizmente não teve alguém para falar assim. E pior que teve. Eles falam que teve: “ah, a barragem vai estourar, vai matar muita gente”. Mas se uma pessoa falasse isso antes da barragem estourar de fato, iam falar que era a teoria da conspiração. E eu já conversei com uma pessoa que fala que aqui ainda tem muito minério, que nós estamos todos em cima de muito minério. E eu fico pensando se daqui a pouco a história da cidade, das origens, essa história mais antiga, essa história antes do rompimento, ela se apaga bastante... É muito mais fácil para um povo deixar de morar aqui, é muito mais fácil para as terras daqui serem vendidas, serem compradas, serem mineradas. Ainda tem muito minério para tirar desse chão. Então assim, mas é teoria da conspiração, será que eu estou ficando louca? Eu não sei. Pra te falar a verdade, eu não sei a quem serve isso não. Mas o fato é que, depois do rompimento, tudo que se fala é do rompimento. É do que ele provocou, do que ele causou, ninguém fala de mais nada aqui não.

IV - Dênis

- Eu estava trabalhando, estava aqui em Belo Horizonte. Eu lembro que eu tinha acabado de chegar do almoço, e eu estava subindo as escadas, me sentei na minha mesa.

Alguém falou assim: - aconteceu um negócio lá em Brumadinho. Eu perguntei: - Aconteceu o quê? Falaram assim: - Olha, estourou uma barragem lá. - Barragem onde? - Lá na Vale.

Eu nem sabia que tinha barragem. Nem sabia que tinha uma barragem lá. Meu irmão não me falava, nunca me falou de barragem, ele trabalhava lá, trabalha lá até hoje. E aí, no início, não dei muita importância, não. Depois é que foi chegando as notícias e tal, aí eu fiquei mais preocupado. E aí eu fiquei preocupado porque meu irmão trabalhava diretamente lá nessa barragem, lá na mina. As notícias foram aparecendo e tal. E aí eu ligando para a minha mãe, minha mãe não atendia, ligando para o meu irmão, e aí, graças a Deus, depois de algum tempo, minha mãe me respondeu, falou que o meu irmão estava dormindo e que tinha acontecido uma

tragédia gigante. E eu só fui perceber o tamanho do negócio mais tarde, quando eu liguei a televisão e vi lá. Ó a lama passou por cima de tudo, destruiu, não sei o quê. E aí eu vi pessoas sendo resgatadas de um helicóptero, uma confusão danada. Foi aí que eu tive a dimensão do estrago.

Até fiquei pensando que, quando falou assim, a barragem estourou na Vale. Eu falei assim, mas lá tem uma barragem de água? Que porcaria de barragem que é essa? Mas nem fiquei muito preocupado. Falei assim, uai, deve ser... deve ter passado por cima de uma ou duas casas. Eu sou de Brumadinho, eu passo lá naquela região o tempo inteiro, quando eu saio de Belo Horizonte e vou para Brumadinho. Eu achei que era uma daquelas lagoas que tinha lá, alguma coisa pequena de sítio. Eu pensei, ah, deve ter passado por cima de um carro, dois e tal. Aí não, aí depois é que a gente foi vendo. Pensei, ah, não, o negócio é muito grande. E eu nem sabia que tinha aquele tipo de barragem, nem sabia que existia.

Depois disso mudou muita coisa. Mudou muita coisa, porque, como o Santa Efigênia é um bairro muito, muito populoso e muito conhecido em Brumadinho, muitas pessoas que lá estavam morreram, ou que trabalhavam na Vale e tal, tinha muita gente lá. E assim muitos amigos, conhecidos, que trabalhavam lá na Vale morreram. Muitos, muitos, muitos. E assim, era uma tristeza muito grande, porque não é só a pessoa que morre, né? É quem fica. E assim, mudou, mudou o sentimento das pessoas. Mudou tudo. Porque, imagina, num bairro, não sei quantas pessoas devem ter no bairro, talvez umas 4 mil, 5 mil pessoas. No mínimo, direta ou indiretamente, 10% trabalhava em alguns segmentos da Vale, seja na mineração, seja no transporte. Bom... (pausa) a vida das pessoas mudou demais. Quem não morreu, perdeu alguém. Então, fica uma tristeza muito grande.

No primeiro dia que voltei ao bairro, não sei ao certo o dia, mas lembro do sentimento de estar lá. Uma, porque é (pausa) uma coisa muito estranha, porque do lado da casa da sua mãe, tem uma senhora que benzeu o meu filho, que benzeu o nosso filho. Ela perdeu dois filhos e perdeu o genro. E é do lado. É impressionante o cheiro da tragédia. É muito perto da gente. Ainda tem o Pelé, que morava um pouquinho pra cima, que eu conhecia muito, conversava muito com ele. E é tudo do bairro. Eu lembro de mais um exemplo, mais lá perto da igreja também, que morreu, que é o Elivelton, que estudou comigo, do marido da Maria Angélica também. Não é do Santa Efigênia, mas é colado. Então, assim, a tragédia andou do lado de todo mundo ali do bairro. Não só do bairro, como da cidade. É muito triste. Então, os primeiros dias... Eu lembro que a gente foi... Eu lembro que teve a tragédia na quarta-feira. No final de semana, a gente esteve lá. A gente foi pra lá. Uma sirene tocou lá na madrugada. Foi um desespero danado. A gente não sabia o quê que tava acontecendo. E aí a gente nem pôde atravessar a ponte. Tivemos

que passar por outro lugar. Quase que a gente não consegue nem vir embora. Tava todo mundo assustado. As pessoas estavam desesperadas. Ninguém sabia o quê que tava acontecendo ao certo... Aonde tava todo mundo... E, assim, ainda não tinha nem achado. Aliás, não achou gente até hoje.

Naquela época, a gente foi lá três dias depois. Tava a conta gotas, né? Não achava todo mundo... foi achando durante o mês, durante o ano, durante as semanas, os meses, os anos. Ainda falta gente pra ser achado. E esse sentimento ainda está lá até hoje.

As memórias antigas de Brumadinho não se apagam. São memórias, memórias que não se apagam. O que pode, talvez, atrapalhar as coisas são as pessoas que conviveram comigo e que não estão mais comigo por causa disso. Denílson, o irmão dele, o Elivelton, essa turma que morreu. Então, não tenho mais o que fazer. Eu não vou, por exemplo, toda vez que eu vou em Brumadinho, que eu vou no supermercado, que eu vou no boteco tomar uma cerveja e tal, que eles sempre estavam lá, o Denílson pagodeiro, que a gente sempre conversava, batia papo e tal, esse povo eu não vou ver nunca mais. Pelo menos, enquanto eu estiver vivo, não.

Eu particularmente volto em Brumadinho porque meus parentes moram lá, né? Os seus parentes também moram lá. A gente tem amigos que moram lá e tal. Então, a gente vai lá para rever e tal. Mas, assim... se eu sair de Brumadinho a pé lá da casa da minha mãe, onde ela mora agora, e descer, vou no Santa Efigênia, depois passar e ir ao centro e voltar, eu tenho certeza de que 95% das pessoas que estão lá eu não conheço, não sei quem que é, nunca vi na minha vida, certamente não os conhecerei nunca. A cidade mudou totalmente.

V - Nádia

Eu estava trabalhando, eu estava numa reunião e eu era a responsável. Aí meu telefone começou a tocar insistentemente. Era de um ex-namorado. Insistentemente. Dei end, dei end, dei end. Aí ele ligou tão insistentemente que eu pedi licença pra atender. Aí, ele: - Nádia, você está bem? - Eu tô, por quê? Porque aconteceu uma tragédia lá em Brumadinho, cê não tá sabendo ainda? Ele, apavoradíssimo. Você não está sabendo, não? Liga aí a televisão. Aí eu interrompi a reunião. E a partir daí foi horrível, horrível (voz embargada, pausa e respira). O Ivan fazia parte, ainda faz, de um grupo de Socorro 4x4. A gente foi lá, eu fui junto com ele. No dia seguinte. E vi tudo de perto.

Todo aquele horror. E... A vila toda destruída. E as pessoas buscando resgate (voz estremecida). Desesperadamente. E os vagões. A gente parou num lugar alto lá. E os vagões de trem todos retorcidos. Aí eu ficava pensando, se fez aquilo com um vagão... (pausa e respira)

terrível. E desde então, minha relação com Brumadinho piorou um pouquinho. Eu deixei de gostar de ir à Brumadinho.

- Acho que você já até respondeu uma parte do que eu ia perguntar. Eu falei no início da entrevista que ela ia se dividir em duas fases. Você percebeu quão brusca foi essa divisão?

- *Completamente. Uma era só de amor. E a outra era de dor. Completamente.*

- Você tem o hábito de falar que é de Brumadinho?

- *Sim. Sim, falo sempre.*

- Depois do 25 de janeiro, o que você percebe na reação das pessoas quando você fala que é de Brumadinho?

- *Primeiro que depois dessa data todo mundo conhece Brumadinho. Antigamente ninguém conhecia. E imediatamente a pessoa já demonstra alguma coisa de dó. Algum sentimento de compaixão. Imediatamente pergunta sobre parentes. Não mais agora, mas no início perguntavam muito. Sua família, como é que vai? Hoje as pessoas não perguntam... aí eu não sei se é por medo, desconforto. Medo não, desconforto talvez. Mas todo mundo imediatamente já tem esse toque de compaixão.*

- Como você se sente em relação a isso?

- *Acho que eu já me acostumei. Antes eu ficava desconfortável. Agora já me acostumei.*

VI - Luciano

- *Eu e a minha esposa tivemos, numa época, uma pequena agência de comunicação aqui na cidade. E a Vale, a gente prestava serviço para a Vale em algumas partes de comunicação.*

Coisas menores, no caso. E algumas vezes a gente chegou a ir nessa mina do Córrego do Feijão atender a Vale, fazer a parte de comunicação, entregar material, fazer montagem de material. Então o pessoal procurava a gente, a gente prestava o serviço tanto de criação quanto de execução do serviço.

Durante esse tempo, eu cheguei a ir algumas vezes à Vale, no Córrego do Feijão. Eles nunca me falaram sobre a barragem. Eu andava lá dentro com o pessoal que me acompanhava lá. A gente fazia os serviços, passamos no refeitório, em frente ao refeitório. Toda aquela parte que foi atingida, a gente andava lá, né? Eu nunca tive conhecimento sobre essa barragem. Nunca foi me dito. E algumas vezes nós estivemos lá dentro. Inclusive com pessoas que a gente encontrava lá dentro e algumas que faleceram no rompimento da barragem. Então já começa por aí, que a gente não tinha nenhum conhecimento de barragem aqui na nossa região. Parece

que era uma coisa que não era muito divulgada ou nada divulgada. E como a gente é leigo, não é a nossa área de atuação, a gente nem imagina que teria isso aqui.

No dia 25 de janeiro eu estava trabalhando na farmácia. E a gente tem um grupo de WhatsApp que é um grupo do comércio da cidade. É um grupo de proteção do comércio da cidade. Então tem policiais militares que participam. Qualquer demanda, qualquer ocorrência, a gente manda nesse grupo e tudo mais. Aí eu recebi um áudio nesse grupo de um policial falando que recebeu uma notícia que a barragem da Vale tinha se rompido. E que a barragem tinha se rompido e não entrou em muitos detalhes, mas disse que tava a maior correria lá na região e tudo mais. Por se tratar de uma cidade pequena, às vezes acontecem alguns boatos aqui que não são verídicos, a primeira coisa que eu fiz foi entrar em contato com um amigo meu, amigo da minha família, que trabalhava na Vale.

Ele era gerente de uma parte lá da Vale. Inclusive ele morava na vila Ferteco, que fica no Córrego do Feijão. Eu fiquei um pouco assustado e pensei assim, antes de eu falar essa notícia com alguém, antes de saber como que eu tenho que proceder, eu vou entrar em contato com esse amigo.

Eu liguei pra ele, ele atendeu o telefone, ele chama Carlos, e falei assim, ô Carlos, eu recebi um áudio aqui falando que a barragem de Córrego do Feijão se rompeu. Isso é verdade, porque eu recebi um áudio aqui no grupo de WhatsApp, foi até um policial e tudo mais. Às vezes é alguma informação equivocada, alguma coisa assim.

Não necessariamente uma informação divulgada, vamos dizer assim, de forma maldosa, mas equivocada mesmo, né? Algum erro de comunicação. Ele me respondeu da seguinte forma: - Ô Luciano, eu não estou sabendo de nada não. Com certeza é boato. Eu não tô no Córrego do Feijão, eu tô numa reunião aqui em Nova Lima. Salvo engano era na região lá onde se chama Mutuca, que a Vale tem mineração lá também.

Ele estava falando comigo no telefone e falou assim: - Não, isso aí é conversa, não sei o que, não tem nada disso não. Na mesma hora que ele tava falando isso comigo, ele falou assim, ô Luciano, perai, perai (a voz fica embargada) ... Eu fico até emocionado, porque foi uma questão muito complicada no dia.

Ele falou assim, não, perai, eu vou desligar e depois eu te ligo. Desligou o telefone. Eu fiquei aguardando o retorno da ligação dele e ele não retornou.

Aí eu tentei falar com ele mais umas quatro vezes no telefone e só dando caixa postal. Aí no dia, aí as informações se confirmaram. Foi uma correria.

A Defesa Civil não sabia orientar a cidade, os comerciantes, a população. Virou um cenário de guerra. Algumas pessoas falando que a barragem ia atingir a região central da cidade.

A gente tem duas lojas na cidade. Uma que é numa rua mais alta e uma bem próxima ao rio. A ponte de entrada da cidade é a parte mais baixa.

E as pessoas falando que a barragem rompeu, que ia levar tudo o que tinha no centro da cidade. As casas, o comércio. E a Defesa Civil mandando todo mundo evacuar o centro da cidade, todo mundo sair na correria.

A gente começou a esvaziar a loja, porque a gente tinha recém-inaugurado essa loja (voz tremida) ... Todo o investimento que a gente tinha feito, toda a parte que a gente estava acreditando em evoluir, em crescer profissionalmente, a gente ficou com medo de ir por água abaixo. Então a gente começou a tirar tudo na correria da loja, os funcionários ajudando a gente.

Enquanto a gente estava retirando, a gente de olho nas informações, de olho no rio, com medo dessa lama chegar e levar tudo. E aí a gente tirou tudo da loja. E teve uma hora que eu estava na outra loja de cima, aguardando mais informações, e o pessoal arrumou uma gritaria na rua, saiu correndo, e a gente achou que a lama estava chegando no centro da cidade. E foi muito boato, foi muita informação falsa. Então a gente ficou nessa tensão, nessa apreensão, sem saber o quê que a gente ia fazer, sem saber como que a gente ia... A gente não tinha preparo nenhum pra lidar com essa situação, a verdade é essa. E depois foram chegando as informações, que tinham pessoas desaparecidas, e as famílias desesperadas pra ter notícia das pessoas, a Vale não sabia informar, o Corpo de Bombeiros não sabia informar.

A gente ficou, assim, jogado à sorte, vamos dizer assim. Então esse foi o 25 de janeiro. E lógico que nos próximos meses, os primeiros meses, vieram as consequências.

A consequência que a gente teve, a primeira, foi a seguinte. Primeiro, quando a gente fez esse procedimento de tirar tudo da loja, a gente ficou uma semana com a loja fechada, porque a gente tirou tudo e teve que remontar a loja toda novamente. Depois veio o baque financeiro, que foi... Lógico que isso perto das mortes e tudo mais, nem se compara, claro.

Mas, como a gente vive disso, a gente ficou muito preocupado, porque a lama passou e interrompeu, interditou a passagem principal das pessoas que saíam do interior do município e vinham para o centro da cidade. E boa parte do que movimenta a economia da cidade são as pessoas do interior, no dia de pagamento e tudo mais. Essas pessoas ficaram isoladas no interior da cidade.

E o acesso para chegar até a cidade era difícilimo. Tinha que dar uma volta enorme, um acesso perigoso, por dentro da mineração, inclusive. Então as pessoas estavam evitando de vir no centro da cidade.

E a Vale só conseguiu liberar esse acesso principal, que foi onde a lama passou, quase 90 dias depois que ela fez uma estrutura, uma ponte. Então o comércio aqui na cidade ficou vazio, sem movimento. Então esse foi o primeiro baque que a gente teve.

Depois veio a questão da indenização coletiva, que eu não sou contra. Eu acho que a Vale tem a obrigação realmente de fazer esse ressarcimento. Só que, em contrapartida, como teve o pagamento retroativo, que quando o Ministério Público obrigou a Vale a fazer esses pagamentos, já tinha passado um tempo do rompimento da barragem, e todo mundo começou a receber retroativo os meses anteriores, essa indenização.

Então a gente teve um problema no comércio em geral da cidade de demissões voluntárias. Os funcionários... Eu, por exemplo, eu perdi 90% dos meus colaboradores porque eles receberam essa indenização coletiva, esse retroativo, e quiseram simplesmente parar de trabalhar, ficar em casa, cada um com seu motivo, mas eles pediram demissão. Não só na minha empresa, mas em todas as lojas, todo o comércio da cidade sofreu com isso, e ainda sofre com a escassez de mão de obra, porque a gente tem uma demanda maior do que a oferta de pessoas para trabalhar, porque as pessoas começaram a receber essa indenização... Por exemplo, a minha gerente, o namorado dela já estava morando em Portugal, aí ela resolveu ir embora para Portugal, a minha farmacêutica na época, o pai dela morreu na Vale, ela depois pediu demissão, não queria mais morar na cidade, se mudou de Brumadinho, foi para a cidade do marido dela, ela se casou depois e foi morar lá com ele no sul de Minas, e assim foi, com todos os funcionários praticamente teve essa questão de saírem, pedirem demissão dos comércios.

Então, a gente começou a ter uma escassez de mão de obra, a gente não conseguia ninguém para trabalhar no comércio, e a gente ficou muito sobrecarregado, porque a gente teve que fazer o papel tanto de gerir as empresas, de trabalhar na parte de gestão e na parte de atendimento também. Durante essa época, eu trabalhava como se trata de farmácia e abre todos os dias da semana, eu e minha esposa a gente trabalhava de segunda a segunda sem folga, e isso foi pelo menos uns seis meses direto assim, trabalhando todos os dias, a gente não estava aguentando mais, mas não tinha o que fazer, porque a gente ia fechar a loja e ir embora para casa e as contas que não paravam de chegar, né?

E aí começaram a vir as empresas terceirizadas para Brumadinho, desde o início do rompimento elas começaram a vir, então aumentou muito a população da cidade, muitas pessoas novas na cidade, e aí começa a ter certos problemas de infraestrutura, porque a cidade não estava adaptada para receber tantas pessoas assim, então começou a ter esse problema estrutural na cidade, locomoção, o trânsito horrível, tudo superlotado, o comércio em geral não conseguia lidar com aquela questão, vieram pessoas do país todo, de norte a sul, culturas

diferentes, entendimentos diferentes, então você não sabia lidar com aquilo, a cidade não tinha infraestrutura para receber aquele tanto de gente de uma vez só... então foi uma parte muito difícil também de adaptação da população, né?

E com essa questão também vieram alguns problemas, porque a população de Brumadinho recebendo essa indenização, que a princípio era de um salário-mínimo ao mês, e hoje em dia alguns bairros continuam recebendo salário, mas a maioria recebe meio salário por pessoa da família. Começou a ter um pouco desse problema tanto da mão de obra, que às vezes um jovem que mora com os pais, que não tem uma despesa tão alta, ele não quer procurar emprego, não todos é claro, mas não quer procurar emprego, ele está recebendo uma mesada que está caindo na conta dele todo mês, o pai e a mãe dá comida, roupa lavada, casa para morar... Ele não quer ter responsabilidade de acordar cedo, de ouvir alguma coisa ou outra que às vezes ele não quer ouvir no trabalho, de ter que lidar com colegas de trabalho, ele não quer ter essa responsabilidade, e aí além desse problema da mão de obra, que a gente ainda tem até hoje, a gente tem essa questão de pessoas de fora que vieram para Brumadinho para trabalhar, a cidade ficou super lotada e muitas pessoas ficaram aqui, e o que eu vejo as pessoas de Brumadinho falar muito é que hoje em dia, eu não sei até que ponto isso é positivo e é negativo, acho que tudo na vida a gente tem que saber analisar, mas as pessoas falam que hoje em dia você anda na rua e você não conhece ninguém, que você antigamente você andava por Brumadinho, às vezes você nem conversava com a pessoa, mas você olhava a pessoa na rua e pensava que aquele ali é fulano, é filho de tal pessoa, você sabia mais ou menos quem que era quem aqui, hoje em dia você anda na rua, você não conhece praticamente ninguém, você não sabe quem que é a pessoa, de onde que veio.

Brumadinho já vem perdendo a sua identidade bem antes do rompimento da barragem, eu acho que não é nem uma questão isolada de Brumadinho, é uma questão da globalização mesmo, tanto que eu citei o Santa Efigênia como um dos bairros que ainda mantém as raízes, a tradição, a cultura e outros bairros já perderam isso, mas isso já começou a acontecer bem antes da tragédia. Então eu vou dar um exemplo do carnaval. O carnaval de rua aqui, antigamente, era um carnaval bem organizado, tinha os blocos tradicionais da cidade. Era uma época em que todo mundo se reunia. Então tinha os blocos tradicionais dos bairros e ali todo mundo, quem era do centro, quem era do Santa Efigênia, quem era do Brumado e por aí vai, se reunia ali nos blocos e participava da festa.

E quem tinha participação ativa nisso eram as pessoas mais antigas da cidade, que faziam questão dessa tradição do carnaval. E isso veio se perdendo ao longo do tempo. E o bairro Santa Efigênia ainda mantém isso.

Não só o Santa Efigênia, mas algumas pessoas ainda mantêm, tentam manter vivo principalmente no carnaval essa questão da tradição da cidade, dos blocos que aqui sempre teve. Mas isso foi se perdendo com o tempo. O bairro Santa Efigênia ainda tá resistindo quanto a isso por causa dessas pessoas antigas ou do que elas passaram para as novas gerações, a importância de manter isso vivo. Então, por isso o Santa Efigênia ainda mantém a tradição.

Só que depois do rompimento da Vale, foi tão desgastante, foi tão traumatizante para todas as pessoas, todos os moradores da cidade, que as pessoas que tinham uma certa paixão pela cidade, um certo carinho, que tinham um sentimento bom pela cidade, acabaram desgostando, acabaram enterrando isso com elas. Então, hoje em dia tinha gente que era apaixonada por Brumadinho, que gostava daqui que tinha vontade de ficar aqui o resto da sua vida que atualmente, fala assim: - ah Brumadinho não é mais o mesmo! As pessoas têm vontade de mudar daqui, não gostam mais daqui, entendeu? Por causa dessa questão, de toda essa memória que o rompimento da barragem traz à tona o tempo todo nas pessoas. Eu mesmo, eu já gostei mais daqui do que eu gosto hoje, eu ainda gosto, eu ainda vivo aqui porque eu tenho uma empresa que tem 105 anos de tradição e que eu sou a quarta geração. Se eu tivesse um negócio que eu tivesse começado há cinco anos, há dez anos, depois de tudo, desse trauma, tudo que a gente passou, era bem provável que eu pensaria seriamente (em sair).

E aí, essas pessoas que eram entusiastas, que gostavam da cidade, da tradição, de tudo o que a cidade representa, boa parte delas, perdeu essa vontade de ver a cidade prosperar, de estar aqui e tudo mais. Eu digo isso porque, até mesmo quando a gente viaja, você tá em outro estado, alguma coisa assim, às vezes a pessoa pergunta, - ah, de onde você é? E você fala: - de Brumadinho. Eles olham pra você com dó, com olhar de piedade, sabe, assim. E aí pergunta, aí você tem que voltar a falar tudo de novo, você tem que falar inúmeras vezes, ah, como que a cidade tá? Já recuperou? Como que tá lá? Aí você tem que ficar explicando, sabe? É muito chato isso.

Quando o Inhotim abriu as portas aqui em Brumadinho, apesar haver algumas críticas quanto ao Inhotim, mas se você for olhar de modo geral, é um projeto muito interessante que trouxe visibilidade pra Brumadinho. Quando o Inhotim abriu as portas, isso de modo geral, com algumas exceções, deu um pouco de orgulho para as pessoas de Brumadinho.

Porque às vezes você tava em outra cidade, ou você tava assistindo um jornal, aí passava uma reportagem mostrando o Inhotim, falando onde que tava localizado, que era em Brumadinho e tudo mais. No início, eles não focavam tanto. A mídia, até o próprio Inhotim, não fazia muita questão de associar Brumadinho ao Inhotim. E isso incomodava muitas pessoas daqui, inclusive eu.

Mas conforme o próprio Inhotim, a gestão deles, os coordenadores e a própria mídia foram ganhando consciência e começaram a fazer essa mistura e associar Brumadinho ao Inhotim, isso trouxe um pouco de orgulho pra cidade. Porque Inhotim é conhecido mundialmente, então isso trouxe uma coisa legal pra cidade. Só que eu cheguei a falar isso, cheguei a escrever isso na rede social na época do rompimento. Eu escrevi o seguinte, que Brumadinho ficou reconhecido como sede do maior museu a céu aberto do mundo e hoje ele é conhecido como sede da maior tragédia trabalhista do Brasil. Então a referência mudou, Brumadinho que era conhecida como sede do Inhotim, hoje é conhecida como sede da maior tragédia trabalhista do Brasil.

Hoje em dia, se eu parar pra falar com 10 pessoas de onde eu sou, nove pessoas vão falar sobre a tragédia e talvez uma vai falar sobre o Inhotim.

VII - Nevita

- Ô mãe, eu vou falar uma data pra senhora. Aí a senhora vai me falar o que a senhora lembra quando a senhora ouviu essa data: 25 de janeiro de 2019.

- *Quê que alembro dessa data?*

- É. O que aconteceu dia 25 de janeiro de 2019?

Ela pensa um pouco e responde:

- *Não sei, não.*

- Sabe, não? O que aconteceu aqui em Brumadinho, que mudou a história de Brumadinho todinho?

- *A barragem?*

- É.

- *Foi nessa data?*

- Foi. Foi dia 25 de janeiro de 2019.

- *Foi uma coisa muito triste. Muitos amigos foram embora.*

- A senhora acha que Brumadinho mudou depois disso?

- *Eu acho que Brumadinho ficou muito triste. Depois da pandemia também ficou muito triste. A rua já não é... É muito silêncio. Antes da pandemia e desse desastre, era todo mundo alegre, todo mundo feliz. Quem trabalhava na Vale ganhava bem. Muita gente queria trabalhar na Vale. Mas quase ninguém sabia desse perigo, não. Eles nunca falou nada. Até acontecer. A cidade parece que não é a mesma. O rio Paraopeba está infectado. Na minha época também, quando eu era solteira, tinha o trem que carregava a gente. O trem de passageiros. E agora só tem trem para carregar minério. Quase todo mundo torce para um dia voltar o trem. Tirava*

um bocado de carro da rua. O pessoal gostava de andar de trem, né? Isso aí foi o Fernando Henrique Cardoso. O governo dele privatizou a Vale. Na época, muita gente juntou lá para não deixar. Mas teve briga, teve cacetada e privatizou. No começo, não dava para saber, porque todo mundo achava que ia ganhar dinheiro, né? Mas ninguém sabia desse problema que tinha.

- A senhora gosta de Brumadinho?

- *Eu gosto da minha casa.*

- Mas e da cidade?

- *Da cidade agora não estou gostando muito mais, não.*

- Mas, a senhora já gostou?

- *Já. Já gostei na época que não tinha quase carro, né? Tinha cinema, tinha a farmácia do Sobelardo.*

- *Agora tem a farmácia da Priscila (risos).*

- É. Eles também de vez em quando passam dificuldade lá, porque quando dá enchente, né? Tinha que arranjar um jeito de tirar os resíduos do fundo do rio para tornar voltar o Paraopeba limpinho.

Nesse momento sinto minha mãe já cansada e pergunto, por fim: - A senhora quer falar mais alguma coisa que a senhora não falou ainda?

- *Eu não gosto muito de falar. Tem coisas que eu não gosto.*

Conforme TOURTIER-BONAZZI (2006, p.233) “(...) é preciso levar em conta o cansaço da testemunha, limitar o tempo das entrevistas e evitar perguntas excessivamente meticulosas do ponto de vista cronológico”. Assim terminamos essa conversa.

Durante todas as entrevistas me envolvi profundamente em todas as narrativas. Cada um dos entrevistados que se emocionou, rindo e lembrando velhas histórias e sentiu a dor de um dia inesquecivelmente difícil era eu também. Me inspirei muito em Leandro Seawright e no que ele realizou em seu livro *Vidas Machucadas – História Oral Aplicada*. Neste livro, Seawright trata seus entrevistados como sobreviventes e não simplesmente vítimas.

Na lógica do vínculo, os laços de confiança, de empatia na prática ou de publicidade se fazem aos sons de muitas vozes, da *multivocalidade*. O direito de fala dos sobreviventes não é favor dado por quem escuta, mas conquista de longo alcance que não pode ser submetida ao controle de quem ainda pretende *dar voz*. (SEAWRIGHT, 2023, p.25)

Quando somos olhados com pena e quando as pessoas nos tratam com a condescendência de quem tem uma vida destruída, nos sentimos vítimas. Isso traz a sensação

de impotência que incomoda a todos nós. Portanto, não somos vítimas ou apenas afetados. Estamos reconstruindo uma cidade, somos uma comunidade, queremos ser vistos como sobreviventes.

4 Dizer o indizível e discussão de resultados

*Esse amor e manto salvador
Nesse canto e manto salvador
Vem de olhar o próximo
Esse afeto e manto salvador
Nesse gesto e manto salvador
Vem de olhar o próximo
Coisa do interior.*

Do Interior – Canção de Castello Branco, 2017

Walter Benjamin explorou a ideia de que a linguagem humana é limitada em sua capacidade de representar a realidade em sua totalidade, e que existe um elemento transcendente, "indizível", que escapa à comunicação verbal (BENJAMIN, 1994). Ele buscou formas de acessar e expressar esse indizível através da poesia, da crítica literária e da reflexão filosófica. O que ocorreu no dia 25 de janeiro de 2019 em Brumadinho escapa à linguagem de diversas maneiras. Não é crível que uma empresa mate seus trabalhadores no horário do almoço deles. É tão inacreditável que os próprios narradores duvidam de suas certezas e, por vezes, para não sofrer, podem recorrer ao esquecimento para voltar a viver, como fizeram alguns dos sobreviventes do holocausto, como cita SELIGMANN-SILVA (2003, p.53): “que não sabia de nada, que nunca soube de nada, eu voltei para a vida. Ou seja, para o esquecimento: a vida era o preço”.

A memória, assim como o lugar, é um palimpsesto¹⁶. Quando li o significado da palavra palimpsesto pela primeira vez senti uma conexão imediata com o que Brumadinho significa pra mim. Uma espécie de pergaminho no qual estão escritas diversas histórias e que estão sendo apagadas, uma a uma, para serem escritas outras. A princípio, numa primeira relação com a vida dos brumadinenses, tal explicação pode ser interpretada apenas de forma negativa. A Vale, a mídia em geral, os governos apagariam nossas memórias, reorganizariam nossos pensamentos e nos restaria a resignação. Aceitar que a cidade simplesmente não existe mais. Entretanto, após

¹⁶ Palimpsesto - Pergaminho que teve sua escrita raspada para ser reaproveitado outras vezes." (MICHAELIS, 2023).

ouvir as pessoas com as quais conversei, percebi que não será tão simples assim apagar os rastros do crime. Dentro de cada habitante desta cidade pulsa o afeto, tal qual manto salvador, é ele que torna Brumadinho um lugar ao contrário dos não-lugares já citados anteriormente nessa dissertação (página 59), aqueles da passagem, do provisório. Brumadinho é definitiva para os antigos e atuais moradores e vem se transformando sim, porém, como toda história permanece sendo escrita, tecida por várias mãos. Tal qual Walter Benjamin quando se refere ao historiador como catador de trapos em Seligmann-Silva (2003, p.77), a análise dos relatos segue salvando os tecidos da memória sem distinção entre os que teriam maior ou menor valor.

Das sete pessoas entrevistadas, seis se referiram ao 25 de janeiro sabendo exatamente a que se referia esta data. Exceto aquela de mais idade, minha mãe. O palimpsesto da memória de minha mãe ainda não foi apagado e reescrito totalmente. A data não se fixou com novas grafias. O repetir constante 25, 25, 25, 25 não fez efeito nela. No entanto, nossas memórias do viver na cidade não são memórias individuais. Talvez a de minha mãe seja mais individual do que a nossa no que se refere especificamente a este acontecimento porque, trabalhadores que somos, pessoas economicamente ativas, estamos à mercê de reconstruções cotidianas. Minha mãe, em seu lugar preferido da cidade – sua casa, desde que sofreu um Acidente Vascular Cerebral – AVC não fica tão exposta à data, aos sucessivos dias 25, às celebrações, aos comentários diários, às lutas políticas. “Na verdade, estamos lidando com uma multiplicidade de memórias fragmentadas e internamente divididas, todas de uma forma ou de outra, ideológica e culturalmente mediadas (PORTELLI, 2006, p. 106).”

Enquanto trabalhadores, estamos imersos em um ciclo de reconstrução que nos força a confrontar o trauma diariamente. A cidade se torna um palco onde memórias fragmentadas e divididas, mediadas por ideologias e interesses, se chocam. A divisão das entrevistas em duas partes buscou evidenciar essa visão turva do que observamos, revelando a ambivalência de nossos sentimentos em relação à cidade e o ceticismo quanto à nossa capacidade de reconstrução comunitária. A aparente estabilidade proporcionada pela mineração mascara a incapacidade da comunidade de elaborar o luto de forma saudável, perpetuando um estado de introjeção do objeto perdido, a cidade antes do desastre.

A narrativa oficial da empresa e dos governos sobre reparação e superação contrasta com a persistência da dor e da desconfiança. A cidade, como um corpo em luto (FREUD, 1917), carrega as marcas do trauma, e a melancolia coletiva se manifesta na dificuldade de seguir em frente, como nesse trecho de uma entrevista revela: “*eles vão manipular, vão fazer do jeito que querem. Vai continuar pagando essa mixaria pro povo esquecer o que aconteceu. Ai pra eles vai ser mais cômodo. Entendeu? Como se diz, pagar, calar a boca do povo.*”

É preciso reconhecer a individualidade do sofrimento e a complexidade do processo de cura. A cidade, por sua vez, coletivamente, precisa encontrar formas de elaborar seu luto, integrando as diversas narrativas e permitindo que a dor se transforme em luta e resiliência, mas não tem sido fácil, pois o lastro minerário mantém sua estrutura firme.

A dependência econômica da mineração impede a cidade de elaborar seu luto de forma plena. A estrutura física e econômica se mantém, mas a ferida psicológica permanece aberta, como é possível perceber através das decisões judiciais e negociações supostamente reparatórias.

Em 16 de dezembro de 2022, no julgamento virtual da segunda turma do Supremo Tribunal Federal (STF), foi decidido, pela maioria dos ministros, com voto de desempate de Gilmar Mendes, pelo julgamento da ação penal pela Justiça Federal do que tem sido chamado pela Associação dos Familiares de Vítimas e Atingidos pelo Rompimento da Barragem Mina Córrego do Feijão (AVABRUM) de tragédia-crime e pela Vale, apenas de tragédia. A decisão foi veiculada modestamente pela imprensa e não causou repercussão, a não ser nas bolhas brumadinenses e junto às pessoas que acompanham o sofrimento dos familiares que buscam justiça após quase 4 anos passados do rompimento, considerando que suas 272 joias (como são chamadas as vítimas) não foram todas encontradas, estando ainda desaparecidas na data em que essa dissertação está sendo escrita, três pessoas.

Não é tão surpreendente que o fato não tenha tido repercussão na mídia, tendo em vista que o voto de Gilmar Mendes mudou repentinamente, o que comprova certa eficácia das estratégias de apagamento das memórias do crime do rompimento da Barragem B1 em Córrego do Feijão. Tal apagamento tem relação direta com o discurso preponderante e vigente em Minas Gerais e no Brasil. Um discurso desenvolvimentista, a favor do lucro e da continuidade de suas fontes. O discurso do poder. Um discurso que mesmo embasado em fatos tem condição mítica (PORTELLI, 2006).

Podemos exemplificar, como forma de análise, o uso dos termos tragédia-crime, tragédia e crime, todos se referem ao rompimento da barragem B1 em 25 de janeiro de 2019. Qual é a diferença entre eles? São termos utilizados por diferentes personagens em seus diferentes contextos. SOUZA NETO (2021, p. 171) afirma que “a língua é o meio através do qual refratamos a realidade, compartilhamos crenças, visões, preconceitos, violências e afetos, sem necessariamente estarmos conscientes disso”. Sendo assim, as maneiras de se referir ao dia 25 de janeiro de 2019 retratam diferentes concepções.

A Vale, em todos os seus documentos, utiliza sempre a palavra tragédia. No balanço da chamada “reparação de 2022” consta o seguinte trecho:

“A Vale se solidariza com cada um dos familiares das vítimas do rompimento da barragem, em Brumadinho. Sabemos que são perdas irreparáveis e nos comprometemos a continuar trabalhando para minimizar os efeitos dessa tragédia.”
Disponível em: <https://vale.com/pt/reparacao>.

O significado da palavra tragédia, no dicionário de Caldas e Aulete (2008, p. 967), representa o seguinte: “acontecimento catastrófico; desgraça”. Podemos, sim, afirmar que o que aconteceu é compatível com esse significado, porém, uma tragédia, nesse sentido, pode não ter responsáveis, pode ser consequência de fatalidades, de eventos naturais. A empresa se solidarizou, quer dizer, se disponibilizou, se dispôs a ajudar. Para um estranho ao cotidiano de Brumadinho, aparentemente trata-se de uma atitude louvável, de comprometimento real.

O termo tragédia também foi utilizado em documentos oficiais, como nos relatórios das Comissões Parlamentares de Inquérito da Assembleia Legislativa (MINAS GERAIS, 2021, p. 25) e da Câmara dos Deputados (BRASIL, 2019, p. 11). Os documentos demonstram fartamente que houve responsáveis, que a empresa foi insistentemente avisada dos riscos envolvidos na barragem B1 e, ainda assim, utiliza a palavra tragédia. Cabe ressaltar a importância do trânsito em julgado. A Vale, como pessoa jurídica, ainda não foi condenada, não houve também pessoas físicas condenadas. O processo segue em curso, portanto, para efeitos de legislação, não há crime comprovado de fato. Não caberia a palavra crime em documentos oficiais, não caberia a palavra crime nas notícias da imprensa, não caberia a palavra crime nas bocas dos senhores ministros do STF. Mas ela cabe na boca dos atingidos pelo crime. Ela cabe no vocabulário da população de Brumadinho, que sofre desde o horário de almoço de uma sexta-feira na qual os trabalhadores, no refeitório da empresa, combinavam onde tomariam uma cerveja após o trabalho ou o que fariam no final de semana se estivessem de folga. As palavras que usamos nos definem, as palavras que usam por nós podem nos fazer esquecer a nossa própria versão dos fatos.

Algumas das entrevistas trouxeram a linguagem à tona. Numa delas, com uma professora de Geografia que atua em Brumadinho, surgiu a questão. Ela utilizou a palavra “acidente” para mencionar o ocorrido. Eu questionei o motivo do uso. Segue o trecho da entrevista:

Elaine: As pessoas se referem ao rompimento de diversas formas em várias palavras que as pessoas utilizam o que aconteceu? Na sua opinião, qual seria a palavra mais adequada para esse acontecimento?

Professora L: Eu acho que eu acabo falando muito acidente de forma muito automática, mas, o ideal mesmo seria eu tomar cuidado para falar só rompimento. Só rompimento. Porque se é um... se foi um crime, se foi um acidente assim é uma questão. O pensamento acerca disso, ele é tão... Doloroso para mim mesmo e para as pessoas... assim. Que talvez rompimento seja o caminho mais fácil de fugir talvez

dessa polarização... não sei talvez por que hoje em dia qualquer assunto que se joga na discussão ganha dois lados.”

Palavras escolhidas cuidadosamente têm sido usadas de forma abundante em textos jornalísticos, processos e análises jurídicas e correm também nos burburinhos de Brumadinho, nos grupos de whatsapp, nas redes sociais. Uma narrativa tem ganhado cada vez mais adeptos: a de que a Vale tem feito tudo o que deve e que a população já pode se conformar e aceitar a sua benevolência com resignação. RODRIGUES E SILVESTRE (2020, p. 410) contribuem com essa análise, pois alertam que “as percepções que assumimos de qualquer elemento social nunca são completas, mas, delineadas de maneiras situadas, ideológicas e performativas”. Mais adiante, os autores citam o historiador Harari (HARARI, 2020, *apud* RODRIGUES; SILVESTRE, 2015, p. 33) e reforçam essa tese quando afirmam que os conceitos não existiriam: “fora as histórias que as pessoas inventam e contam umas às outras. Não há deuses no universo, nem nações, nem dinheiro, nem direitos humanos, nem leis, nem justiça fora da imaginação coletiva dos seres humanos.” Repetir o discurso até a população assimilá-lo e passar ela mesma a repeti-lo como se fosse dela, esse é o objetivo da Vale, que vem alcançando êxito na missão, como num trecho do livro *Arrastados*, de Daniela Arbex (2022, p. 306), em que ela cita uma fala que ouviu em depoimento: “A Vale é maravilhosa, minha filha”. Esse casal tinha perdido todos os seus bens e, naquele momento, estava na presença de uma psicóloga da empresa. Num trecho de uma das entrevistas realizadas, a advogada NAP comenta o seguinte:

(...) tem um sentimento que foi provocado, inclusive por essas indenizações, que é o sentimento que a Vale usou como defesa em vários processos e que é o que mais me indigna, o que mais me deixa assim, furiosa mesmo é que a Vale usou isso tanto na defesa dela que ela, em algum momento, fez parecer que ela sofreu um revés. Que aconteceu uma coisa que ela não queria que acontecesse, um acidente, e então que ela tentou o tempo todo ajudar, colaborar, indenizar, que é o que ela faz o tempo todo, e que as pessoas é que são ruins de não verem isso. Que as pessoas é que são ruins de não serem agradecidas, porque se não fosse ela, não teria sido esse reconhecimento da dor das vítimas, dos familiares, que ela se comportou muito bem depois do acidente, que ela está indenizando todo mundo. E quando uma pessoa entra na Justiça, ela quer fazer aquela pessoa, o advogado daquela pessoa, e eu sou advogada de alguns... Então, esse sentimento de que aqui é uma cidade que mora muita gente que quer se dar bem com o dinheiro da Vale, esse sentimento eu tenho que falar muitas vezes dele, porque nem todo mundo enxerga, quando eu falo dele, ainda tem gente que vai concordar com a Vale, sabe? Eu fico incomodada porque eu sou uma excelente profissional, falsa modéstia é bobagem. Eu só faço o que é bem-feito, eu só ajuízo causas para quem tem direito. Eu tenho uma ética muito grande para não pegar uma causa que eu não acredito nela, então eu só defendi pessoas que estavam falando a verdade, e mesmo assim a Vale quer colocar uma mancha sobre a reputação das pessoas aqui de Brumadinho. Como se agora, não tem mais ninguém para trabalhar nessa cidade. O povo rende isso, como se agora todo mundo quer ganhar dinheiro fácil, como se agora todo mundo entra na justiça querendo 100 mil porque não sofreu b* nenhuma e está querendo dinheiro, entendeu? E isso a Vale faz com muita força e pega, tem gente que acredita, você vê gente inocente reproduzindo isso. Então esse é um dano novo, porque agora você ser de Brumadinho é você querer se dar bem com

o dinheiro da Vale, eu sou de Brumadinho, eu nasci aqui, e isso é mentira, isso é mentira. Então eu não posso aceitar isso. E isso eu não sei como se defende disso, é muito complicado.

PORTELLI, em *O massacre de Civitella Val Di Chiana* (2006, p. 109) constata ao verificar o poder dos “constructos ideológicos” que “na verdade, o luto, como a memória, não é um núcleo compacto e impenetrável para o pensamento e a linguagem, mas um processo moldado (elaborado) no tempo histórico.” Através do espaço aberto pelo senso comum, uma narrativa cresce e ganha força a de que a Vale não é algoz, mas vítima e as reais vítimas passam a ser interesseiras e ardilosas.

Entretanto, outros depoimentos revelam uma outra percepção. Um dos entrevistados, comerciante menciona uma dificuldade em contratar mão de obra:

Depois veio a questão da indenização coletiva, que eu não sou contra. Eu acho que a Vale tem a obrigação realmente de fazer esse ressarcimento. Só que, em contrapartida, como teve o pagamento retroativo, que quando o Ministério Público obrigou a Vale a fazer esses pagamentos, já tinha passado um tempo do rompimento da barragem, e todo mundo começou a receber retroativo os meses anteriores, essa indenização. Então a gente teve um problema no comércio em geral da cidade de demissões voluntárias. Os funcionários... Eu, por exemplo, eu perdi 90% dos meus colaboradores porque eles receberam essa indenização coletiva, esse retroativo, e quiseram simplesmente parar de trabalhar, ficar em casa, cada um com seu motivo, mas eles pediram demissão.

Embora tenha considerado o impacto direto em seu comércio, este relato pode ser analisado utilizando o conceito de renda básica universal. BREGMAN (2016) cita diversos defensores da proposta, que variam em um amplo espectro político, desde a esquerda marxista à direita neoliberal. Bergman, no decorrer do livro *Utopia para realistas*, descreve diversas possibilidades da renda básica universal já que em muitos casos, a renda mínima permite que as pessoas invistam em educação ou qualificação profissional, o que pode impulsionar a economia local a longo prazo. Além disso, a renda mínima universal pode ter efeitos positivos na saúde mental e bem-estar das pessoas, ao reduzir o estresse financeiro e a insegurança alimentar. No caso dos funcionários que pediram demissão, é possível que a indenização coletiva tenha proporcionado a busca de novas oportunidades, de se dedicarem a projetos pessoais ou simplesmente se permitirem uma pausa após o trauma do rompimento. No entanto, a carência de planejamento a longo prazo pode interromper o pensamento otimista. Passados cinco anos do ocorrido, Brumadinho ainda é dependente da mineração, seja através das indenizações, seja do emprego na Vale ou do movimento ocasionado pelas obras de reparação.

O fato é que existe o dinheiro, mas a organização social pelo poder público ainda é insuficiente. A indenização por si só não gera estratégias de reconstrução da comunidade. E a

ilusão de que a indenização coletiva seria uma espécie de renda básica esbarra no fato de que ela é temporária, prevista para terminar em 2026. Ou seja, após finalizada, do que viverão os brumadinenses? Terão esquecido todas as consequências da tragédia-crime para a cidade e seus moradores? Como cita ZHOURI (2018, p. 34) referindo-se ao rompimento da barragem de Fundão, em Mariana: há algo a mais nos desastres do que um conjunto de danificações materiais que possam ser mensuradas e equacionadas por meio de indenizações financeiras”.

Conforme alguns dos entrevistados deixaram claro, as indenizações têm sido motivo de divergência e atomização das lutas coletivas. Nesse contexto, é necessário distinguir a memória individual da coletiva e significar os possíveis esquecimentos. Esquecimento que, conforme nos alerta RICOEUR é, “uma inquietante ameaça” à história (2007, p. 423).

Para DELGADO (2006, p. 31), o maior desafio da história oral é:

[...] contribuir para que as lembranças continuem vivas e atualizadas, não se transformando em exaltação ou crítica pura e simples do que passou, mas, sim, em meio de vida, em procura permanente de escombros, que possam contribuir para estimular e reativar o diálogo do presente com o passado.

O esquecimento que começa a ser percebido em Brumadinho já vem sendo vivenciado em Mariana e Tucuruí. Trata-se de um esquecimento proposital, necessário ao capital e à sua manutenção.

A Vale, a Federação da Indústria do Estado de Minas Gerais (FIEMG), os governos municipal, estadual e federal insistem em seguir vida normal após o rastro deixado pela mineração no estado de Minas Gerais e, de maneira mais mortífera, em Brumadinho.

A publicidade da FIEMG trata de estimular tal esquecimento, quando, num vídeo institucional, afirma que: “Somos mineiros. A mineração está no nosso nome, em nossas origens, em nossa História. Está no centro do nosso desenvolvimento” (FIEMG, 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0R85C_Sz9KI). Conforme Hall (1992, p. 50), “Uma cultura nacional é um discurso – um modo de construir sentidos que influencia e organiza tanto nossas ações quanto a concepção que temos de nós mesmos”. A construção de uma identidade ficcional de mineiros atende ao objetivo primordial da FIEMG, que é manter a população pacífica e ordeira e as empresas lucrativas e estáveis.

Enquanto isso, a Vale distribui indenizações e afirma que está cumprindo sua responsabilidade social. Conforme o site da instituição informa, seus valores são:

1. A vida em primeiro lugar
2. Valorizar quem faz a nossa empresa
3. Cuidar do nosso planeta
4. Agir de forma correta

5. Crescer e evoluir juntos

6. Fazer acontecer (VALE, 2019, n.p.).

A recente estratégia de utilizar influenciadores digitais¹⁷ para promover uma imagem "verde" da Vale evidencia uma tentativa de manipular a opinião pública através de um discurso superficialmente engajado.

O discurso da Vale se configura como um exercício de relações públicas, buscando legitimar suas práticas e minimizar os impactos socioambientais de suas operações, visa obscurecer as contradições inerentes à atuação da empresa, substituindo a ação efetiva por uma narrativa cuidadosamente construída.

A análise crítica desse discurso desmascara a lacuna entre a retórica e a realidade, expondo a distância entre os valores proclamados e as ações efetivamente praticadas pela empresa.

Milton Santos afirma que “essa presença do dinheiro em toda parte acaba por constituir um dado ameaçador da nossa existência cotidiana” (SANTOS, 2001, p. 44).

O discurso jurídico também vai por esse caminho de apagamento. Num recurso de revista do processo número 0010097-40.2021.5.03.0026, do Tribunal Regional do Trabalho da 3ª região, a ré argumenta, em desfavor de uma família de atingidos que perdeu um de seus entes queridos:

[...] não há como se imputar qualquer responsabilidade à reclamada/recorrente pelo lamentável acidente narrado na r. decisão. Cabe à reclamada/recorrente esclarecer que todas as operações realizadas na Mina de Córrego do Feijão foram autorizadas pelos órgãos competentes e estavam em consonância com a legislação vigente. A reclamada/recorrente observou fielmente todas as normas de saúde e segurança do trabalho, inclusive, no que diz respeito à manutenção e monitoramento de barragens, bem como na adoção de medidas emergenciais, dentre elas a existência de PAEBM – Plano de Ação de Emergência de Barragens em Mineração –, que contempla plano de evacuação. Ocorre que, diante da rapidez e da magnitude do acidente, nenhuma das medidas imagináveis e previsíveis foram suficientes para evitar a tragédia. Com efeito, a gravidade do acidente não pode ocultar o elevado grau de zelo e de precaução da reclamada/recorrente, na busca incansável de medidas que zelam pela incolumidade do meio ambiente de trabalho e pelo estrito respeito às normas de segurança do trabalho. Não obstante, é fato público e notório que a reclamada/recorrente não tem medido esforços para colaborar com as autoridades competentes (MINAS GERAIS, 2022 p.20).

A Vale procura, com tal discurso, demonstrar que tem feito mais do que o que deveria legalmente, que está fazendo para além de suas obrigações e que qualquer interpretação fora

¹⁷ Adriano Liziereo, criador do instagram Geopanoramas faz uma crítica à empresa que contratou influenciadores para realizar o chamado greenwashing ou maquiagem verde para melhorar sua imagem internacional:

https://www.instagram.com/reel/C9hxiwxcyOc/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

desse discurso seria interesseira e desnecessária. E as identidades brumadinenses que não são ficcionais se colocam à prova nesse discurso. Há os que aderem, há os que o contradizem, porém, esses últimos em números cada vez menores. Essa realidade também é resultado de uma estratégia da empresa que, inicialmente, propôs acordos em somas vultuosas de dinheiro, dificultando a recusa de pessoas que nunca haviam tido acesso a tais quantias.

Com o número de adesões à sua narrativa aumentando, a Vale obtém sucesso. Freud (1921) explica que

[...] quando se fala de psicologia social ou de grupo, costuma-se deixar essas relações de lado e isolar como tema de indagação o influenciamento de um indivíduo por um grande número de pessoas simultaneamente, pessoas com quem se acha ligado por algo, embora, sob outros aspectos e em muitos respeitos, possam ser-lhe estranhas.

A ligação dessas pessoas é o fato de serem brumadinenses ou de terem sido atingidas pelo rompimento da barragem B1 de alguma forma. Quanto maior o número de pessoas defendendo a tese da empresa, maiores as chances do influenciamento ocorrer e tornar-se homogeneizante, interferindo no apagamento das memórias.

SANTOS (2016) afirma que:

Quando um dia se puder caracterizar a época em que vivemos, o espanto maior será que se viveu tudo sem antes nem depois, substituindo a causalidade pela simultaneidade, a história pela notícia, a memória pelo silêncio, o futuro pelo passado, o problema pela solução. Assim, as atrocidades puderam ser atribuídas às vítimas, os agressores foram condecorados por sua coragem na luta contra as agressões, os ladrões foram juízes, os grandes decisores políticos puderam ter uma qualidade moral minúscula quando comparada com a enormidade das consequências de suas decisões (SANTOS, 2016, p. 209).

Nesse trecho, “para ser lido em 2050”, Santos descreve a atualidade. Aos poucos, a memória vai sendo substituída pelo silêncio, a notícia passa a ser outra, apresentam-se soluções que, a curto prazo, parecem suficientes. A população se divide e não compreende o porquê, tal qual uma “colonialidade do poder” que, conforme explicam RODRIGUES E SILVESTRE (2020, p. 412), “institui a política de separar para governar”. Toda luta parece vã em meio a questionamentos que colocam em dúvida o que antes era certeza, a Vale é criminosa, matou 272 pessoas e levou sofrimento e dor a tantas outras.

Entretanto, nem todos são arregimentados pela narrativa da empresa e do poder. A nossa existência cotidiana é o que faz de nós resistência a uma imbricada tentativa de controle, conforme analisa CERTEAU (2014, p. 41), em contraponto a FOUCAULT (1999), em sua obra *Vigiar e Punir*. Para Certeau, se existem sinais de “operações quase microbianas que proliferam no seio das estruturas tecnocráticas e alteram seu funcionamento” também há uma

“antidisciplina”, ou seja, uma reapropriação do que está disponível através da arte do fazer. A presença do dinheiro, em Brumadinho, pretende direcionar o fazer, impedir a criatividade, ordenar futuros, apagar memórias, de modo que a resistência será mantê-las.

E onde começa a resistência senão nas salas de aula? É essencial que a mineração e seus impactos sejam discutidos nas salas de aula de todo o Brasil e principalmente nas salas de aula de Minas Gerais, para que se discuta as diferentes identidades dos mineiros. Para isso, é importante questionar a narrativa em vigor e utilizar o conceito de (des) invenção, que “implica em não desvincular os sujeitos de seus próprios saberes, línguas e culturas” (MAKONI; PENNYCOOK, 2007 *apud* RODRIGUES; SILVESTRE, 2020, p. 413).

Entretanto, como tem sido discutida essa temática nas salas de aula das cidades mineradoras? Há abertura para que os professores e estudantes se manifestem livremente? O conceito de “silêncio pedagógico”¹⁸, que vem sendo discutido por Maria Isabel Antunes-Rocha e Adriane Cristina de Melo Hunzicker (2022), demonstra que, muitas vezes, não há essas possibilidades de debate. As mineradoras exercem influência em todos os setores das cidades nas quais atuam, inclusive na educação. Muitas vezes, são responsáveis por projetos educacionais nessas escolas, como contrapartida à atividade minerária, além de empregar pais, mães e familiares de estudantes e atuar em melhorias de infraestrutura. Conforme HOOKS (2017, p. 239) exemplifica a respeito da discussão sobre as classes sociais, “O silêncio imposto pelos valores burgueses é sancionado por todos na sala de aula”. É preciso coragem para romper o silêncio, é preciso transgredir, utilizar para registro uma memória coletiva formada pelos atingidos pela lama da Vale e não por seus algozes. Explanar o rastro, pois, o lastro já está sendo propagandeado indefinidamente. E como bell hooks¹⁹ propõe, criar “rupturas na ordem estabelecida, que promovem modos de aprender que desafiam a hegemonia burguesa” (ibid, p. 245). Dessa maneira, a resistência tecerá sua estrutura e se fortalecerá quebrando a hegemonia do discurso do poder, fortalecendo e (re) unindo toda uma população num “manto salvador, de olhar o próximo, coisa do interior” (Castello Branco, 2017).

4.1 Tecendo memórias para Brumadinho – o lugar que permanece no afeto

¹⁸ O conceito de “silêncio pedagógico” denomina situações que remetem à pouca presença, nas práticas escolares, de temas relacionados aos aspectos econômicos, políticos, sociais e culturais vinculados às atividades econômicas de grandes proporções.

¹⁹ bell hooks deliberadamente escolheu escrever seu nome em letras minúsculas como uma forma de desafiar as convenções e enfatizar a importância de suas ideias sobre o seu nome próprio. Ela acreditava que essa prática simbólica direcionava o foco para o conteúdo de sua obra, em vez de para sua persona.
<https://www.bellhooksinstitute.com/>

“(...) a criança é pai do homem, e as categorias perceptivas do adulto são de vez em quando impregnadas de emoções que procedem das primeiras experiências. Estes momentos do passado, carregados de emoção, às vezes são captados pelos poetas. Como instantâneos naturais extraídos do álbum de família, as suas palavras nos lembram uma inocência e um temor perdidos, uma proximidade de experiência que ainda não sofreu (ou se beneficiou) do distanciamento do pensamento reflexivo.”

(TUAN, 1930, p.23).

O livro paradidático digital (anexo I) Tecendo Memórias para Brumadinho apresenta-se como um recurso educacional direcionado às crianças e adolescentes que estudam na mesma escola em que eu estudei no passado e aos professores de Geografia, agora meus colegas de profissão. Essa tarefa é carregada de simbolismo, pois todo o meu processo de pesquisa permeou a Escola Municipal Padre Machado situada no Bairro São Sebastião e limítrofe aos bairros Santa Efigênia e Carmo.

A vida da criança e seu referencial de lugar inicial passa pela casa, família e escola. Essas primeiras movimentações pelo mundo vão construindo a percepção do adulto que virá a ser e como Yi Fu Tuan menciona no trecho da epígrafe, um adulto carregado de emoção. SANTOS apud LIMA (2017, p. 162) nos brinda com a seguinte expressão: “Na realidade eu existo porque eu sinto e não porque eu penso... o fato de existir, isto é, de ser cada qual o que é, permite afrontar o mundo através do lugar”. Confesso-me aqui a adulta carregada de emoção e, no livro, atrevi-me a exercer também o papel de poeta, na intenção de captar os momentos do passado das pessoas que entrevistei. Yi Fu Tuan refere-se a uma aproximação da poesia com um tempo de inocência perdida, entretanto, nesse caso, considero que os poemas escritos já estão impregnados de pensamento reflexivo, o que considero como benefício e sofrimento. Sofrimento, porque fica constatada a distância implacável da inocência, o que na maior parte das vezes provoca um sentimento de nostalgia dolorosa, de coisa que não volta mais, que não tem retorno. Como nesse trecho da entrevista de CLM, 46 anos, técnica em radiologia:

mas é porque a minha infância a minha adolescência não volta mais e eu não creio que Brumadinho vai ter... é... não é que não creio, tá muito difícil de viver aqui, do jeito que tá, do jeito que tá a estrutura hoje, a vivência hoje não tá legal. Então eu acho que eu não posso comparar minha infância, minha adolescência que eu vivi lindamente com hoje.

Ela descreve uma Brumadinho diferente da sua infância, da sua adolescência, uma percepção de tristeza e inércia diante do futuro da cidade. Essa inércia acaba sendo um comportamento geral, pois o indivíduo é levado a crer que não detém o poder da mudança. Muitas vezes experienciei este mesmo sentimento. A vontade de deixar Brumadinho para trás, bem como a presente pesquisa, foi uma constante em todo o processo. E senti isso em várias entrevistas que realizei. A própria CLM no trecho a seguir manifesta o desejo de sair da cidade:

(...) eu tô te falando, pra onde que eu vou mandar meu filho quando ele estiver namorando, quando a minha filha quiser sair, pra onde que eu vou mandar ela? Eles vão ter que namorar onde? Dentro de casa? Não tem onde dar uma volta, o que que eles vão fazer? Eles vão pegar um carro, um Uber, não sei o quê, ir pra Belo Horizonte? Fazer alguma coisa bonita? Então hoje se Brumadinho continuar com a estrutura que tem hoje, com as coisas que tem hoje, eu tenho vontade de mudar de vida, mudar daqui procurar algum lugar pra eles.

Outra entrevistada referindo-se à mudança de Brumadinho após o rompimento da barragem da Vale em 2019 justifica assim sua partida da cidade:

“Brumadinho, me tirou muita coisa, me deu um tanto de coisa, que eu guardo, coisa boa, então, tá aqui, mas, mas ao mesmo tempo... Depois foi só tirando (...)” MAF, 46 anos.

Das dez pessoas entrevistadas, três mudaram-se definitivamente de Brumadinho e duas manifestaram o desejo de se mudar e alegaram não colocar em prática por apego a familiares. É o caso de DVS, 48 anos (motorista) que me relatou o seguinte:

“Foi um grande divisor de águas, um grande divisor de águas. Ó, o que me segura aqui é só a (nome da esposa) e o (nome do filho)”.

A sensação de impotência e o trauma que sofreram todos os habitantes, torna mais difícil a resistência. Entretanto, conforme nos diz Paulo Freire (2000, p. 27): “o futuro não nos faz. Nós é que nos refazemos na luta para fazê-lo.”

O futuro de Brumadinho e de outras cidades afetadas pela dinâmica do “dinheiro em estado puro” como se refere Milton Santos em sua obra *Por uma Outra Globalização* (2001, p.56) precisa de pessoas atentas, alertas, partícipes da dinâmica social.

Este livro é uma iniciativa para que a educação assuma o papel formador que lhe compete na esperança de incentivar outras autorias e ações para que seja possível, conforme

as palavras de Célia Regina Neves da Silva citando o legado de Ana Clara Torres Ribeiro (2022, p. 133):

“a construção de cidades como territórios praticados (SANTOS, 1990), lugares potentes e dignos, que resultam de insurgências e (re) existências necessárias nestes tempos atuais marcados pela necropolítica, tempos de negação da vida, tempos de horror aos pobres.”

Confirma-se, portanto, utilizando as palavras de Yi Fu Tuan, o benefício do distanciamento proporcionado pelo pensamento reflexivo, pois, não nos iludiremos com as fábulas contadas a nós por atores, menos interessados no lugar e mais interessados em “espaços que contêm recursos naturais para a exploração capitalista” (ZHOURI e OLIVEIRA, 2010, p.550). Fábulas que, conforme Santos (2001, p. 23) permitem que “o mundo se torne esse mundo confuso e confusamente percebido”. Na mesma obra, Milton Santos nos apresenta a existência de três mundos num só: o mundo tal qual nos fazem crer (a globalização como fábula), o mundo como é (a globalização como perversidade) e o mundo como pode ser (uma outra globalização). Distantes da “inocência perdida”, será possível compreendermos o mundo como ele é, em sua perversidade, e verificar as possibilidades reais de agir na direção do mundo como pode vir a ser. Conforme Paulo Freire (1997) “saber-se condicionado e não fatalistamente submetido a este ou àquele destino abre o caminho à sua intervenção no mundo”.

Num contraponto a FREIRE, SANTOS (2021), ao trabalhar com o conceito de mero-estar oriundo do filósofo argentino Rodolfo Kusch, considera que não se trata apenas de atribuir à educação um papel de criticidade e sim de que faça sentido na vida dos estudantes, de forma que a escola se torne um espaço de construção de sentido e de verdadeira libertação. E isso será possível, segundo ele:

(...) quão mais próxima estiver de sua cultura de origem, na medida em que oferece recursos simbólicos para a concreção na vida desse jovem. Nesse sentido, é importante frisar que não se trata de verificar a relação entre a educação e a cultura, mas de entender a educação como uma instância cultural. Por isso, o mais importante é saber a que cultura a educação responde, pois se ela apenas desloca a cultura dominante para a popular, não terá sentido para o jovem, mas, se por outro lado, ela se conecta àquilo que os estudantes já totalizam simbolicamente, ela tende a ser apreendida significativamente. (SANTOS, 2021, p. 11)

Portanto, agregando tais pontos de vista, o livro paradidático digital Tecendo Memórias para Brumadinho, pretende levar para as salas de aula de 3º ciclo da Escola Municipal Padre Machado, o lugar formado pelos bairros São Sebastião, Santa Efigênia e Carmo, e através deles o território de Brumadinho e o mundo do qual fazemos e somos parte e no qual atuamos na prática do cotidiano. Segundo CALLAI (2014, p. 111) “Os lugares particulares se interligam entre si de forma seletiva e de acordo com os interesses locais, nacionais ou mundiais. O espaço concretiza todas estas relações, e torna-se fundamental estudar o particular, o local”.

Para elucidarmos tais possibilidades no livro paradigmático proposto, faz-se necessário, portanto, detalhar melhor as duas categorias de análise citadas: lugar e território.

Yi Fu Tuan, em seu livro *Espaço e Lugar* (1930) trata do lugar como espaço do vivido, para ele, o lugar é construído através da interação entre o indivíduo e o ambiente, sendo carregado de emoções, memórias e valores. A dimensão psicológica e cultural é central em sua análise, destacando a importância da percepção, da identidade e da cultura na formação dos lugares.

Para SANTOS (2000, p. 129), “os lugares são, pois, o mundo, que eles reproduzem de modos específicos, individuais, diversos. Eles são singulares, mas também globais, manifestações da totalidade-mundo, da qual são formas particulares”.

Considerando uma complementariedade entre as duas concepções, o lugar se revelaria, assim, como um espaço multidimensional, onde se entrelaçam elementos materiais, sociais, culturais e psicológicos, configurando um palco dinâmico e complexo para a vida humana. Conforme FERRARA, 2017, p. 137:

“A percepção do lugar não depende da forma na cidade, mas do olhar do leitor capaz de superar o hábito e perceber as diferenças: um olhar que se debruça sobre a cidade para perceber suas dimensões e sentidos que estabelecem o lugar como fronteira entre a cidade e o sujeito atento.” Conforme a autora, esse olhar atento permite ao sujeito reconhecer as contradições mundiais presentes no seu dia a dia e, ao mesmo tempo, em suas singularidades, manifesta-se como alternativa de sobrevivência ao mundo homogeneizante.

Para CALLAI (2014, p.101):

Cada lugar tem uma força, tem uma energia, que lhe é própria e que decorre do que ali acontece. Esta não vem de fora, nem é dada pela natureza. É resultado de uma construção social, na vivência diária dos homens que habitam no lugar, do grau de consciência das pessoas como sujeitos de um mundo em que vivem, e dos grupos sociais que constituem ao longo de sua trajetória de vida. É resultado do somatório de tempos curtos e de tempos longos que deixam marcas nos espaços. E são também resultado do amálgama dos fixos e fluxos (tratados por Santos).

Sendo tal categoria de análise espacial tão instigante e dinâmica, elegi o lugar como abordagem principal no recurso educacional elaborado. O recorte espacial selecionado foi, durante muitos anos de minha vida, o espaço de vivência no qual estabeleci relações afetivas, conflitos, emoções, interações diversas. Os bairros Santa Efigênia, Carmo e São Sebastião foram lugares e ainda o são na perspectiva da criança e adolescente que viveram em seus arredores nas décadas de 1980 e 1990 e da adulta que o retoma nesta pesquisa.

E o que é um bairro? Para MAYOL (1994, p. 39): “O bairro surge como o domínio onde a relação espaço/tempo é a mais favorável para um usuário que deseja deslocar-se por ele a pé saindo de sua casa.” Trata-se então do resultado mais próximo da divisão entre público e

privado, sendo privado a casa e público as ruas, os prédios, os campos de futebol, as áreas verdes. No entanto, a cotidiana vivência proporciona aos usuários do bairro uma apropriação do espaço, como se o público, nesse caso passasse a ser um prolongamento do privado. O bairro passa a ser “a possibilidade oferecida a cada um de inscrever na cidade um sem-número de trajetórias cujo núcleo irredutível continua sendo sempre a esfera do privado.” Sendo assim, o pertencimento a uma coletividade se concretiza no bairro, porém de certa maneira específica, individual enriquecida pelas primeiras experiências em casa, na família, entre amigos. Experiências do vivido que remetem ao conceito de lugar tanto para Santos quanto para Tuan. Utilizando o recorte espacial selecionado será possível abordar tanto as características de totalidade-mundo a que se refere Milton Santos, quanto a dimensão psicológica e cultural de Yi Fu Tuan e inscrição dos moradores na cidade de Brumadinho conforme a perspectiva de Mayol.

Além da categoria de análise lugar, o conceito de território foi utilizado para construção do livro paradidático digital. Conforme CAVALCANTI (2002, p.60):

A forma dos lugares, expressa pelas paisagens, tem aspectos culturais e subjetivos: uma dimensão estética, uma dimensão afetiva, que tem a ver com a identificação emocional das pessoas com os lugares. O espaço afetivo remete à noção de privacidade, de permissão, de território.

No entanto, a homogeneização pretendida pelo capital, pretende através de suas ações e discursos, apresentar os territórios como recurso (ZHOURI e OLIVEIRA, 2010).

No trecho da entrevista de DLS, ele considera Brumadinho semelhante a Belo Horizonte, por exemplo, quando se refere ao uso do território.

DLS - Por exemplo, se você me perguntasse assim: Olha, você mora em Belo Horizonte e vai em Brumadinho porque sua família mora lá e tal, não sei o quê... Você queria voltar para Brumadinho?

Elaine – Queria?

DLS - Não. Não queria. (risos) Porque para mim Brumadinho hoje é igual aqui. Então assim... Eu falo que é igual aqui porque eu não vejo tanta diferença morar lá como aqui. Hoje. Eu falo isso porque a identificação com os lugares e tal mudou. Mas as lembranças minhas de Brumadinho são excelentes. Eu adoro aquele lugar. Sou apaixonado com ele.

Mas esse é um problema que a gente passa a ter ao longo da vida, né? Lá é igual aqui? É igual. Não tem diferença. Quando eu falo de... de morar, de transporte. De transporte aqui ainda é melhor. Belo Horizonte é melhor. Mas de vida, né? Porque não há nada que Brumadinho seja atrativo igual aqui. Lá me atrai porque minha mãe mora lá, que meus irmãos moram lá, que a família sua mora lá. Todo mundo mora lá. Mas se eu morasse aqui, eu não iria lá morar. Porque não faz sentido mais. Não faz. Talvez isso seja um problema.

Ele considera, como único laço com a cidade, seus familiares e as lembranças que guarda do lugar, entretanto, vários entrevistados confirmaram que não costumam lembrar de

acontecimentos anteriores ao rompimento da barragem com frequência. Nos últimos cinco anos estão imersos em reestruturações e discussões a respeito do ocorrido. É um constante mal-estar imposto à cidade após a tragédia-crime. Como nas entrevistas de NAP e MAF:

Eu só tô falando do que veio antes porque você me fez uma entrevista. E eu lembrei e eu fui falar. Mas de lá pra cá, eu não falo de outra coisa. Eu só falo disso. Do rompimento da barragem. De quem ganhou dinheiro, quem não ganhou dinheiro, quem tem imóvel, quem não tem imóvel, se vai comprar um imóvel, se vai alugar um imóvel, se o aluguel aumentou, se o terreno aumentou, se tem muita gente na cidade, se a segurança diminuiu. Tudo gira em torno do que aconteceu naquele dia. Tudo. A minha vida hoje, ela é 99% do que aconteceu depois daquele dia. Os meus processos, as minhas conversas, as minhas relações, elas vão sempre ter alguma ligação com o rompimento da barragem da Vale. NAP, 55 anos, advogada.

Em outro trecho, NAP relata:

Eu estou falando dos meus clientes, eu estou falando dos meus vizinhos, eu estou falando dos meus amigos. Então, eu estou inserida nessa comunidade. Eu só vejo esse assunto. Eu só vejo essa motivação. Se o prefeito fez o que fez é por causa do dinheiro, se não sei o quê, se no postinho tem um sei o quê, é por causa do dinheiro. Se as pessoas daqui... A coisa que mais me incomoda, inclusive, é porque algumas pessoas, é... elas... Por exemplo, tem gente que fala que mudou de Brumadinho. Mudou por quê? Porque aqui, agora, todo mundo só pensa no dinheiro da Vale. Entendeu? Então, os comportamentos, a vontade de ir embora, as pessoas, elas não veem mais o Brumadinho de antes. Eu cheguei a ficar triste, incomodada com parentes meus. Eu tenho uma cunhada que perdeu um irmão. Ela não queria nem passar por Brumadinho. A mãe dela mora em Brumadinho, no Eixo Quebrado. E ela vem de Piedade (Piedade dos Gerais) pro Eixo Quebrado, para não ter que passar dentro de Brumadinho. Ela sofre até hoje de passar aqui dentro. E assim, eu fico triste, porque eu falo com ela direto. A minha cidade não tem culpa de nada, não. Ela é vítima, tanto quanto nós somos.

MAF, vítima direta do rompimento, perdeu o esposo que era funcionário da Vale e que, no momento do rompimento, estava almoçando no refeitório da empresa. Ela mudou-se da cidade e revela sua angústia:

(...) eu acho que ela (a Vale) quer apagar... Apagar a história, né? Apagar tudo que existiu. Apagar todas as pessoas que existiram. E, assim, ela... É como se não tivesse acontecido nada, né? Ela substitui as pessoas... Coloca outras pessoas ali... Que não sabem nada da história da cidade... Mata, de certa forma... que seja... na depressão... porque você morre com depressão, né? Você não quer lembrar... então, você mata a sua memória. (...) Quando você faz aquela curva... Para entrar na cidade... Você sempre dá um... Um negócio... Deve ser assim... Também que tem o Brumadinho escrito ali... Daquela forma que ficou... Depois que tudo aconteceu... MAF, 46 anos.



Fonte: Wikimedia Commons Contributors

Data da foto: 23/07/2013

Fonte: Portal da Cidade de Brumadinho

Data da foto: 08/01/2024

A Vale vem desterritorializando a população de Brumadinho através de estratégias individualizantes. Conforme SANTOS (2001): “O consumo, tornado um denominador comum para todos os indivíduos, atribui um papel central ao dinheiro nas suas diferentes manifestações; juntos, o dinheiro e o consumo aparecem como reguladores da vida individual.”

Inicialmente a oferta de acordos individuais acabou enfraquecendo a luta da comunidade enquanto cidade afetada. A população se dividiu entre os que compreendiam que deveriam aceitar os acordos individuais para ter acesso à indenização rapidamente, foi o discurso utilizado pela empresa:

Cerca de 13 mil pessoas impactadas pelo rompimento da barragem B1, em Brumadinho, e pelas remoções realizadas em decorrência do aumento de nível de emergência de barragens já celebraram acordos de indenização com a Vale. Somados, os acordos firmados superam o valor de R\$ 3 bilhões. O avanço das indenizações reflete o compromisso da Vale em concluir os processos de indenização e promover uma reparação integral. (Vale S.A., 2022).

Assim como SANTOS (2011) analisa a transformação do cidadão em consumidor insatisfeito na formação da sociedade brasileira, Brumadinho vê-se numa situação semelhante na qual, uns contra os outros, os seus habitantes estão se alienando da própria realidade na qual “A reivindicação de uns não raro representa um agravo para a de outro. A força da alienação vem dessa fragilidade dos indivíduos, quando apenas conseguem identificar o que os separa e não o que os une” (ibid, p.93).

Praticamente todas as entrevistas que realizei fizeram menção às indenizações de forma negativa, o que revela a ausência de uma perspectiva de coletividade, “ações individualizadas de compra e venda” conforme denominam Vainer; Araújo (apud ZHOURI; OLIVEIRA, 2010, p. 556).

Pressuposta a essa visão reside a imagem de indivíduos atomizados, imagem esta que obscurece a existência de coletividades organizadas politicamente em torno da resistência e da defesa de seu território. Dessa invisibilidade das coletividades e, especialmente, de seu papel de sujeitos políticos resultam a desqualificação e o esvaziamento das mobilizações locais. (ZHOURI; OLIVEIRA, 2010, p. 557)

Paralelamente a isso, a desterritorialização ocorre quando a população passa a desconhecer o seu lugar de vivência, conseqüentemente o seu território. Não se trata de uma desterritorialização de deslocamento forçado apenas, mas sobretudo de desidentificação. O cidadão deixa de sentir pertencimento em relação ao seu território ou até mesmo sente repulsa e migra em busca de alternativas que apaguem a dor e o desconforto. “Desterritorialização é

frequentemente uma outra palavra para significar alienação, estranhamento, que são também desculturização” (SANTOS, 2011, p. 139). Assim, a luta pelo bem comum fica invisibilizada, senão inexistente.

Conforme CAVALCANTI (2002): “A luta pelo direito à cidade, aos seu lugares, ao consumo mais autônomo e consciente de seus lugares e objetos, ao ambiente, é assim, um exercício da cidadania”. Porém, sem pertencimento e sem poder sobre o território não há cidadania plena.

Ou seja, não há coletividade organizada em benefício da cidade de Brumadinho, enquanto território, atualmente. O conceito de território é utilizado aqui conforme a perspectiva de Milton Santos:

(...) é o território que constitui o traço de união entre o passado e o futuro imediatos. Ele tem que ser visto – e a expressão é (...) de François Perroux como um campo de forças, como o lugar do exercício, de dialéticas e contradições entre o vertical e o horizontal, entre o Estado e o mercado, entre o uso econômico e o uso social dos recursos. (SANTOS, 1999, P. 19)

A Associação de Familiares de Vítimas e Atingidos pelo Rompimento da Barragem Mina Córrego do Feijão – Brumadinho criada em agosto de 2019, segundo informações disponíveis no site avabrum.org.br tem como motivações para sua luta:

Memória – Pela preservação da honra das 272 joias;
 Encontro – Todas as vítimas merecem sepultamento digno;
 Justiça – Pela responsabilização dos culpados;
 Não repetição – A vida precisa ser considerada antes do lucro;
 Direito dos familiares – Reconhecimento dos direitos em todas as esferas.
 AVABRUM, disponível em: <https://avabrum.org.br/quem-somos/> acesso em 31/07/2024.

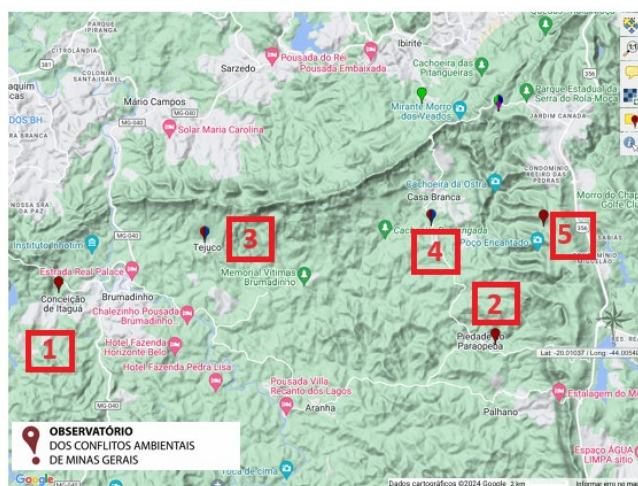
Trata-se de causas fundamentais e que podem ser consideradas coletivas. Tais causas ainda permanecem em disputa. Até a escrita desse texto, nenhum dos indiciados foi punido e três joias ainda se encontram desaparecidas. A Vale continua em atuação no município e seu lucro líquido no segundo trimestre de 2024 foi de US\$ 2,7 bilhões (INFOMONEY, 2024). Embora seja inequívoca a importância de tais embates e enfrentamentos, apresenta-se como em outras lutas sociais a ampliação do espaço das necessidades cotidianas em detrimento do projeto de futuro. Impõe-se a luta por justiça porque a justiça não foi feita, impõe-se a luta pela vida porque o dinheiro é sobreposto a ela, impõe-se a luta por memória porque a estratégia é o esquecimento, impõe-se a luta por encontro porque até mesmo o sepultamento das vítimas desse crime foi-lhes negado, impõe-se o reconhecimento dos direitos porque “os direitos do cidadão foram sendo desvalorizados em favor do usuário” (BALBIM, 2017, p. 178). A vida é

pressionada no tempo-espaço da sobrevivência, na urgência. Conforme SOUZA (2017, p.32) “O território da rapidez reflete o mandar e o da lentidão o fazer. O primeiro comanda o território como um todo, o segundo obedece.”

Além da justa e indispensável luta da AVABRUM, não têm prosperado movimentos sociais de grande relevância na cidade. O mapa dos conflitos ambientais no estado de Minas Gerais, organizado pelo Grupo de Pesquisas em Temáticas Ambientais – GESTA da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG aponta cinco áreas de conflitos ambientais nos limites do território de Brumadinho.

OBSERVATÓRIO DE CONFLITOS AMBIENTAIS

MAPA DOS CONFLITOS AMBIENTAIS



<https://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/observatorio-de-conflitos-ambientais/mapa-dos-conflitos-ambientais/> acesso em 31/07/2024

Entretanto, apenas a área representada pelo número 4 está diretamente ligada ao rompimento da barragem da Vale no Córrego do Feijão e foi organizada por moradores do distrito de Casa Branca, distante 37 km da sede urbana de Brumadinho. Segundo informações disponíveis no Observatório dos conflitos ambientais de Minas Gerais, tal movimento já existia anteriormente ao rompimento da barragem, desde 2011, mantendo-se ativo, porém direcionado à participação da comunidade de Casa Branca.

Portanto, proporcionar o (re) conhecimento do lugar como espaço de pertencimento é objetivo do livro digital. Reconhecer parte da história dos bairros, a memória dos antigos e atuais moradores, potencializar os estudantes/sujeitos como atores sociais conscientes de sua ação no tempo-espaço é uma forma de garantir a “(re) construção do território como lugar-território de reprodução social e esfera de pertencimento que desafia os propósitos ordenadores e homogeneizadores dos Estados-nação e dos seus projetos de desenvolvimento” (Ibid., p. 557). Além disso, a compreensão do papel de todos enquanto pertencentes possibilitará a busca de possibilidades de garantir o direito à cidade, já que “a territorialidade humana pressupõe

também a preocupação com o destino, a construção de futuro, o que entre os seres vivos, é privilégio do homem" (SANTOS, 2001, p. 19).

Passado, presente e futuro estarão contidos no recurso educacional, sendo o passado relatado por atuais e antigos moradores dos bairros, o presente através do estudo de textos e relatos dos próprios estudantes e o futuro no vir a ser que é proposto aos estudantes através da continuidade da escrita, no convite a permanecer tecendo memórias e, além disso, na ação, no projeto, que conforme explica Ana Clara Torres Ribeiro (2017, p. 44): “contém a rebeldia da ação e, portanto, contém o princípio da liberdade, que resiste, por exemplo, à globalização perversa, como nos propõe Milton Santos (...)”.

Tal recurso propõe também uma abordagem concreta e sensível do rompimento da barragem nas aulas de Geografia da Escola Municipal Padre Machado.

Em entrevista com uma professora de Geografia, ela me relatou que, apesar de existir a necessidade da abordagem da questão ambiental e da exploração mineral em vários temas das aulas, o rompimento não é temática principal do planejamento curricular e explicou o motivo.

(...) exploração de recursos minerais (no sexto ano) e em tantas outras etapas também. A gente lida com economia brasileira e acaba tendo que falar muito dessa exploração, dessa extração mineral, né? Eu trato de maneira mais genérica. Quando tem que citar a empresa Vale, eu cito a empresa Vale como uma empresa grande que é, multinacional e tal. Eu evito tocar no assunto do rompimento. Por ser uma ferida muito aberta. Eu... Sabe, quando eu toco no assunto do rompimento? Quando algum aluno faz alguma pergunta a respeito, então se eles fazem alguma pergunta nesse sentido eu respondo assim, com o maior cuidado possível, mas tento não protelar muito, sabe. Tento não estender muito assim... Eu... olha, eu vou te falar, eu não sei se é a melhor decisão. Não sei se eu tenho um caminho certo ou uma forma certa de abordar. Mas é a forma que me deixa mais confortável, sabe? Como professora para tatear esse assunto. Porque a gente tem atingidos de todos os níveis como alunos, né? Ele pode ser um atingido assim direto, né? Ter perdido um parente muito próximo de primeiro grau por exemplo. Como pode ter visto, ouvido histórias ou perdido parentes que nem são tão próximos. Mas, de alguma forma todo mundo ali foi afetado.” LCCL, 39 anos, professora de Geografia.

Trata-se de preocupação genuína da professora ao revelar um cuidado na abordagem do tema, entretanto, ela mesma, num trecho anterior da entrevista, demonstra consciência da necessidade de acesso à informação pela população:

eu acho que essa transparência (sobre o ocorrido), eu acredito muito que todo mundo devia saber, devia ter, devia visualizar na sua cabeça um mapa da cidade. Esse mapa tinha que existir, ele tinha que estar circulando nas redes sociais com o mapeamento de todas as barragens, de todas as minas, todas as barragens e a manchinha da zona quente de todas as barragens para que as pessoas saibam o que fazer, saibam quem procurar onde procurar.

Uma das ferramentas principais da Geografia é o mapa. Conforme CALLAI (2014, p.77) “Cabe-nos, na Geografia, conseguir trabalhar com o mapa como resultado da síntese de um determinado espaço, seja produzindo-o a partir de observações, de informações e de dados coletados, seja fazendo sua leitura para conhecer determinado lugar.”

Na própria fala da professora já existe a proposta de um trabalho com os estudantes. Através de trabalhos de campo, de observações e descrições do meio, da comparação de paisagens e da construção de maquetes, mapas e conclusões a partir das atividades propostas. A melhor maneira de “visualizar na cabeça um mapa da cidade” seria vivenciando esse processo. “O olhar espacial é o modo de fazer Geografia (o método a usar), é como devemos estudar a realidade. Uma realidade que tenha a ver com a vida dos alunos” CALLAI (2014, p.80).

A secretaria municipal de educação da Prefeitura de Brumadinho poderia proporcionar encontros de professores de Ciências Humanas com o objetivo de refletir sobre a temática da ruptura da barragem da Vale, de chegar a conclusões sobre como trabalhar o tema em sala de aula, de municiar os professores e proporcionar troca de experiências e palestras com autores e movimentos, mas, pelo que conversei com a professora, até então, os encontros pedagógicos não apresentaram tal proposta.

A gente tem reuniões no início do ano de trabalho com o corpo docente da prefeitura. Então, por exemplo, os professores de Geografia, História, os professores de Ciências Humanas, sempre no início do ano têm algum encontro nessas datas que são destinadas à reunião. São os dias escolares, né? Então até tem um tempo destinado ao planejamento do ano ou destinado alguma dinâmica ou tem algum profissional que vai falar... Nos últimos anos tem sido destinada essa sequência assim, de uns primeiros dias de preparo mesmo. Mas de quando eu entrei para cá, não me lembro assim de nada assim tão direcionado para isso (rompimento) para formação dos professores de Geografia e tal...

Conversei com outra professora de Geografia de Brumadinho e perguntei a respeito da abordagem do tema nas salas de aula. Ela me respondeu o seguinte:

É imprescindível trabalhar esse tema em sala de aula, principalmente porque foi um crime que aconteceu, que impactou diretamente e indiretamente a vida de todos os moradores da cidade, tanto no sentido de perdas de vidas humanas, quanto no sentido ambiental, em todos os aspectos, em relação ao rio, em relação às matas, à vegetação, em relação ao ar. Então, é extremamente importante trabalhar esse tema. A geografia é uma ciência que lida diretamente com a ação do homem no espaço. Portanto, como você não tratar esse assunto em sala de aula? Sendo que, na essência, é necessário você ter noção do prejuízo, do impacto e ter noção e objetivo de impedir que isso continue acontecendo. Então, é imprescindível, essencial, é importante, é necessário trabalhar esse assunto em sala de aula. Se está sendo trabalhado em sala de aula, em Brumadinho, por alguns professores, por alguma escola, isso não tem ficado em evidência, não tem se tornado público. Então,

eu não tenho informação de que isso tenha sido feito, que esteja sendo feito esse trabalho, infelizmente.

A Vale, ela é uma empresa poderosa que acabou deixando... a situação ficou cômoda pra ela, né? Porque a população, ela recebe o dinheiro, então ela evita (o assunto). Ela une o útil ao agradável, de certa forma. Não que tenha alguma coisa agradável nisso tudo aí, porque até pra receber o dinheiro, quando se tem um ou vários conhecidos que perderam a vida... A gente se sente mal de receber o dinheiro, esse dinheiro. Mas a maioria das pessoas, no geral, acaba se acomodando com o dinheiro que recebe e acaba evitando até falar do assunto, né? Porque já é um assunto difícil de ser falado.” JAF, 57 anos, professora de Geografia.

Os relatos das professoras suscitam a discussão da possibilidade de um “silêncio pedagógico” conforme definem HUNZICKER e ANTUNES-ROCHA (2022), o termo foi cunhado em projetos de pesquisa e extensão realizados por professores atuantes nas escolas de Mariana e outros municípios atingidos pelo rompimento da barragem de Fundão. Conforme os estudos realizados, foi constatada uma escassez, na prática docente, do trabalho com temas relacionados à mineração e seus impactos. O estudo identificou que esse silenciamento é recorrente em escolas próximas a complexos minerários.

HUNZICKER, ANTUNES-ROCHA e FANTINEL (2020) relatam a mesma situação na Escola Municipal Nossa Senhora das Dores, no povoado de Córrego do Feijão, distrito de Brumadinho. Segundo as autoras, a partir da escuta dos professores da escola

verificou-se que os projetos pedagógicos das escolas e das redes nas quais se vinculam fazem recortes quando se trata de trabalhar a dinâmica econômica, política, social, cultural e geográfica que caracteriza um território cuja principal atividade produtiva é a mineração. Nos relatos foi possível perceber que a mineração geralmente é abordada em seus aspectos históricos e nos benefícios que poderia trazer para a região.

As duas professoras entrevistadas por mim mencionaram em seus relatos a Vale como empresa grande, poderosa, multinacional, o que corrobora a análise realizada pelas autoras. Além disso, a presença da empresa é constante nos projetos realizados na cidade, sejam resultado de contrapartida, financiamento cultural ou mesmo iniciativas anteriores ao projeto, como é o caso da Estação Conhecimento - EC, organização privada com finalidade pública e gerida pela Fundação Vale. Na Estação do Conhecimento, são praticadas atividades educativas diversificadas pelas crianças e adolescentes de 6 a 18 anos, oriundas das escolas públicas de Brumadinho no contraturno escolar. Segundo o Projeto Político Pedagógico da EC de Brumadinho, elaborado pela Fundação Vale:

A ausência de distanciamento histórico não nos permite avaliar com clareza o impacto do ocorrido no desenvolvimento de crianças e adolescentes do município. Entretanto, ao construir coletivamente este Projeto Político Pedagógico (PPP), a equipe da Estação Conhecimento remete ao trágico caso do rompimento da barragem para reafirmar que suas práticas, a partir de então, se comprometem com o

desenvolvimento integral de crianças, adolescentes e suas famílias. Para isso levam em conta suas histórias, memórias e o que tal fato acarreta nos dias atuais, respeitando os contextos de vida, buscando superar os traumas de cada um e se colocando como um equipamento disposto a cumprir sua função social no território de Brumadinho. PPP – Estação do Conhecimento, Fundação Vale, Brumadinho – MG disponível em: https://educacaoeterritorio.org.br/wp-content/uploads/2021/11/PPP-EC-Brumadinho-compactado_compressed.pdf acesso em 31/07/2024

O discurso apresentado atribui um aspecto de fatalidade ao rompimento e alega ausência de distanciamento histórico para avaliar com clareza o impacto do ocorrido nas crianças e adolescentes do município.

O documento defende a necessidade de distanciamento para uma avaliação clara do impacto do rompimento da barragem, sugerindo que a proximidade temporal impede uma análise isenta e objetiva. SCHRAMM (2014) oferece subsídios importantes para essa discussão. Ao traçar um panorama da influência das ciências sociais na historiografia, o autor destaca a busca por um distanciamento que permitiria a construção de sistemas teóricos capazes de "sobreviver" a realidade empírica e estabelecer leis gerais do comportamento humano. Essa busca, enraizada no positivismo de Auguste Comte, pressupõe a possibilidade de um conhecimento objetivo e neutro, livre das particularidades do pesquisador e das contingências do tempo presente. No entanto, o autor também aponta que a crença na objetividade e no distanciamento se revela um "fetiche", uma ilusão que mascara a inevitável subjetividade. Como argumenta o autor, "a cultura humana, além de só fazer sentido para seres humanos, também depende de seres humanos vivos e pensantes para poder existir".

Nesse sentido, a ausência de distanciamento histórico não deveria ser vista como um obstáculo, mas sim como uma oportunidade para construir um conhecimento histórico mais rico e complexo. A proximidade temporal permite o acesso a testemunhos vivos, memórias recentes e uma comunidade em processo de reconstrução, elementos que podem enriquecer a narrativa histórica e, como proposto no recurso educacional, a partir da história oral, ouvir os relatos dos estudantes e seus familiares para, junto a eles, verificar em que medida estão sendo impactados e como podem ser construídas políticas públicas para minorar esse impacto aqui e agora e não no tempo do desejado "distanciamento histórico".

A forma como o documento se refere ao "trágico caso do rompimento da barragem" demonstra que o acontecimento é tratado como fatalidade, diferente da abordagem da AVABRUM, por exemplo, que utiliza o termo tragédia-crime (<https://avabrum.org.br/a-tragedia-crime/>) ou de moradores como uma das pessoas que entrevistei, que não identificarei nesse momento, que denomina de assassinato o ocorrido em 25/01/2019. Transcrevo o nosso diálogo a seguir:

“- Então vou te perguntar, vou ser mais direta. Foi crime? Foi acidente? Foi tragédia?

- *Foi assassinato mesmo. Foi assassinato planejado.*”

Torna-se um desafio e quase um impedimento para os professores falarem de determinados assuntos em sala de aula já que a empresa está embrenhada em toda a vida da cidade e até mesmo o poder público estabeleceu parcerias e acordos com ela. Segundo HUNZICKER, ANTUNES-ROCHA e FANTINEL (2020) ainda sobre a Escola Municipal Nossa Senhora das Dores:

A relação entre as empresas de mineração e as escolas foi pontuada por quase todos os professores com os quais conversamos. Referida como parceria, a relação quase sempre envolve oferta de cursos, doação de materiais, apoio aos eventos, dentre um conjunto de pequenas ações cotidianas que possibilita a presença de uma trama de fios cujas pontas não se consegue localizar.

Sendo assim, faz-se necessário e urgente construir opções de projetos educacionais entre os próprios professores, refletindo com eles sobre a construção da sua autonomia e da autonomia dos seus estudantes rumo a uma educação libertadora. Paulo Freire em *Pedagogia do Oprimido* afirma que:

A ação política junto aos oprimidos tem de ser, no fundo, “ação cultural” para a liberdade, por isto mesmo, ação com eles. A sua dependência emocional, fruto da situação concreta de dominação em que se acham e que gera também a sua visão inautêntica do mundo, não pode ser aproveitada a não ser pelo opressor. Este é que se serve desta dependência para criar mais dependência. FREIRE, 1997, p.73

É fundamental pensar no olhar espacial como modo de fazer Geografia, que conforme CALLAI (2014, p. 80): “supõe desencadear o estudo de determinada realidade social, verificando as marcas inscritas nesse espaço.”

Cada profissional da Geografia e das Ciências Humanas como um todo, deve ser convidado a dialogar sobre a cidade, refletir sobre os impactos que tem percebido em sua profissão, o que tem ouvido dos estudantes, como eles têm caminhado após o rompimento da barragem e sequencialmente nos anos de pandemia.

Tais reflexões são fundamentais para construção intrínseca do sentido de abordar, em sala de aula, os impactos da atividade minerária tanto para a população de Brumadinho quanto para o Quadrilátero Ferrífero em Minas Gerais, o Brasil e o mundo.

Dessa forma, será construído coletivamente o objetivo da Geografia de estudar o global através do local e aproximar a educação do interesse e da realidade dos estudantes e da sua comunidade.

5 Considerações Finais (ou provisórias)

Esta dissertação se propôs a investigar os impactos do rompimento da barragem em Brumadinho nas memórias afetivas de seus moradores, incluindo a narradora/pesquisadora e produzir um livro paradidático digital como recurso educacional. A pesquisa, enraizada nas metodologias da História Oral e da Autoetnografia, buscou registrar e amplificar as experiências e percepções dos moradores sobre a cidade antes, durante e após a tragédia de 25 de janeiro de 2019. Alicerçada em autores como MEIHY e SEAWRIGHT (2021) e PORTELLI (1997 e 2006), a História Oral permitiu a coleta de narrativas que transcenderam os fatos, revelando as emoções e os significados atribuídos pelos moradores à sua vivência cotidiana.

A Autoetnografia possibilitou uma imersão no contexto, entrelaçando a experiência pessoal da pesquisadora com as histórias dos participantes. Foram utilizados como referenciais ELLIS e BOCHNER (2000), que a definem como um gênero autobiográfico de escrita e pesquisa que conecta o pessoal ao cultural, expondo um self vulnerável. Também MAGALHÃES (2018), que define a autoetnografia como metodologia que permite o envolvimento do pesquisador e possibilita transpor para o estudo as experiências emocionais.

Os relatos colhidos evidenciaram uma profunda transformação na relação dos moradores com Brumadinho. A ruptura abrupta do cotidiano, a perda de entes queridos e a transformação da paisagem geraram um trauma coletivo que se manifesta em sentimentos de luto, medo, insegurança e desterritorialização. A cidade, antes um lugar de pertencimento e afeto, tornou-se para alguns um espaço de dor e estranhamento. O conceito de lugar, como espaço de práticas e vivências, ajuda a compreender essa transformação. O rompimento da barragem alterou não apenas a paisagem física, mas também o tecido social e as relações dos moradores com seu entorno, direcionando-os para um "não-lugar" marcado pela perda e pela incerteza. SANTOS (2001) e CARLOS (2001) contribuíram para essa análise, ao destacarem a fragilidade dos indivíduos diante da lógica racional e homogeneizadora do capital, que impõe um modo de vida e de pensar, silenciando as vozes dissonantes e apagando as marcas da história e da cultura local.

No entanto, a pesquisa também revelou a força da memória e da resiliência. As lembranças da infância, das brincadeiras nas ruas, das festas e dos encontros comunitários resistem ao tempo e à tentativa de apagamento. A cultura popular, expressa nas festas tradicionais e nas manifestações artísticas, emerge como um elemento de resistência e de reconstrução da identidade local. Essas práticas cotidianas, como as descritas por CERTEAU

(2014), atuam como formas de resistência à homogeneização e ao apagamento da memória, mantendo viva a identidade de Brumadinho.

O livro paradidático digital "Tecendo Memórias para Brumadinho" materializa o objetivo de preservar e transmitir essas memórias. Ao reunir narrativas, poemas e ilustrações, o livro convida os estudantes a se conectarem com a história de sua cidade e a refletirem criticamente sobre os impactos da mineração e a importância da luta por um futuro mais justo e sustentável, alinhado com as propostas de FREIRE (1996) para uma educação emancipadora. O livro também se alinha com a visão de CERTEAU (2014) sobre a importância das narrativas e das práticas cotidianas na construção da memória e da identidade de um lugar.

As "Considerações Finais" deste trabalho não representam um ponto final, mas um chamado à continuidade da pesquisa e da ação, por isso as considero provisórias. A memória de Brumadinho, assim como a de outras cidades marcadas por tragédias socioambientais, precisa ser mantida viva. Mas, não aquela memória da “celebração vazia, rapidamente confiscada pela história oficial” (GAGNEBIN, 2006, p. 55), mas uma rememoração a partir da totalidade das memórias vividas em Brumadinho e não apenas os últimos cinco anos e oito meses. Como ficou claro nas entrevistas, as memórias anteriores ao rompimento da barragem são muitas vezes silenciadas e, ao contrário devem ser fonte de pesquisa, devem constar em livros didáticos, em memoriais, em documentos, acervos históricos. Isso é possível através do testemunho, da história oral testemunhal.

Como pesquisadora participante e narradora, as vozes dos sobreviventes foram coletadas e eu não fui embora, apesar de ter sentido dor. Lendo Jeanne Marie Gagnebin (2006) e Márcio Seligmann-Silva (2003) compreendi o significado da literatura de testemunho e sobre a chamada Era testemunhal. É doloroso falar sobre o trauma, porém, mais doloroso ainda é perceber que não querem nos ouvir. Os dois autores citam Primo Levi e seu sonho no campo de concentração, no qual relata que, na volta pra casa, em liberdade, ao tentar contar às pessoas o horror do que viveu, ninguém o ouve e um dos interlocutores levanta-se e vai embora. Na interpretação de GAGNEBIN (2006, p. 57):

Testemunha também seria aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: não por culpabilidade ou por compaixão, mas porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente.

A escrita já foi considerada como “rastro privilegiado que os homens deixam de si mesmos” (ASSMANN, apud GAGNEBIN 2006, p. 111). A palavra rastro, que está no título

dessa dissertação, pode ser interpretada como uma tentativa de imprimir as narrativas orais, transcrever as memórias dos brumadinenses, mas sobretudo, ela quer dizer que algo aconteceu e deixou sinais. Deixou marcas que deverão ser levadas em consideração quando a história for contada e recontada. Assim como em uma investigação minuciosa, onde cada pista é meticulosamente analisada, os relatos, as vivências, as cicatrizes e o sofrimento dos testemunhos compõem o rastro da mineração na cidade. Um rastro que, muitas vezes, o perpetrador tenta apagar.

Ao historiador, ao geógrafo, ao professor cabe o papel de testemunha, aquela que não vai embora e permanece tecendo memórias que inspirem a luta por justiça, reparação e transformação social. Ao resgatar e valorizar as memórias e as identidades locais, a educação pode contribuir para a construção de um futuro justo, sustentável e democrático, em que a voz de cada indivíduo e da comunidade da qual faz parte, seja ouvida e respeitada.

Finalizo citando Conceição Evaristo em seu poema A roda dos não ausentes:

“E da história que me resta
estilhaçados sons esculpem
partes de uma música inteira.
Traço então a nossa roda gira-gira
em que os de ontem, os de hoje,
e os de amanhã se reconhecem
nos pedaços uns dos outros.
Inteiros.”

O poema de Conceição Evaristo me remete a imagem a seguir, um bordado, cuja fotografia foi cedida gentilmente à minha pesquisa pela prima da minha amiga Maria Angélica, Glória Martins Coelho. Ela bordou para a exposição Histórias do Vivido²⁰ que aconteceu em 2021, no Museu Inhotim.

²⁰ Mais informações sobre a exposição em: <https://g1.globo.com/mg/minas-gerais/noticia/2021/10/12/inhotim-comemora-15-anos-com-mostra-de-bordados-de-atingidas-pela-tragedia-em-brumadinho.ghtml>



Foto: Acervo pessoal – Glória Martins Coelho

Ela descreve assim o que bordou para o projeto:

O relato é da família Martins e Coelho, representado por Glória Martins Coelho, em forma de mandala, considerando a vida como ponto central. Em seu entorno, o desenvolvimento do ciclo da vida. Glória descreve como se vivia em Brumadinho há 60 anos atrás. As crianças tinham pés de fruta, flores, pássaros, borboletas coloridas, árvores como espaço para viver a vida de criança. Ainda aproveitava os ventos produzidos pela natureza para soltar pipas. Girando no círculo da vida, o melhor lugar para visitar era a casa do vovô, o Zé Doceiro, para saborear os gostosos doces que fazia.

Na adolescência, juntamente com os irmãos, dedicou aos estudos, sempre interagindo com os animais e a natureza.

A fase adulta é o resultado do Ciclo da Vida não terminado, mas um pouco mais definido. É a constituição de novas famílias, continuando a árvore genealógica. Pais, filhos, animais e plantas, músicas, dança, livros e até o time do coração fazem parte da nova etapa do ciclo da vida que ora se inicia, a continuidade. (Glória Martins Coelho)

O cotidiano de Brumadinho, nossa roda gira-gira, permanece nos lembrando dos que não estão ausentes. Daqueles que permanecem conosco em nossas lembranças, nossas dores, no nosso ciclo da vida e em nossa luta, que esperamos, não seja vã. Sigo acreditando, ainda que timidamente, num futuro no qual viver seja melhor que exportar.

REFERÊNCIAS

- ARBEX, Daniela. **Arrastados**: os bastidores do rompimento da barragem de Brumadinho, o maior desastre humanitário do Brasil. 1 ed. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2022.
- AUGÉ, Marc. Não lugares: **Introdução a uma antropologia da supermodernidade**. Tradução Maria Lúcia Pereira. Campinas, SP: Papirus, 1994. - (Coleção Travessia do Século).
- BENJAMIN, Walter. **Sobre o conceito de história**. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 222-232. (Obras escolhidas, v. 1)
- BENTO, A. (2012, abril). Investigação quantitativa e qualitativa: Dicotomia ou complementaridade? **Revista JA** (Associação Académica da Universidade da Madeira), nº 64, ano VII (pp. 40-43). ISSN: 1647-8975.
- BICUDO Maria Aparecida V. Pesquisa qualitativa: significados e a razão que a sustenta. In **REVISTA PESQUISA QUALITATIVA**. Sociedade de Estudos e Pesquisa Qualitativos. Ano 1. N.1. São Paulo, 2005. pp. 7 – 26.
- BOGDAN, R.C.; BIKLEN, S.K. Dados Qualitativos. In BOGDAN, R.C.; BIKLEN, S.K. **Investigação qualitativa em educação - uma introdução às teorias e aos métodos**. Porto: Porto Editora, 1994. P.147- 202
- BOYM, Svetlana. **The Future of Nostalgia**. New York: Basic Books, 2001.
- BRASIL. Câmara dos Deputados. **Rompimento da barragem de Brumadinho**: Relatório final da CPI. Relator Deputado Rogério Correa. Brasília, 2019. Disponível em: <https://www.camara.leg.br/internet/comissoes/cpi/cpibruma/RelatorioFinal.pdf> último acesso em 23/12/2022. Acesso em: 15 set. 2023.
- BREGMAN, Rutger. **Utopia para Realistas**: Como Construir um Mundo Melhor. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- AULETE, Caldas, 1823-1878. Dicionário Caldas Aulete da língua portuguesa: edição de bolso – 2ª ed – Rio de Janeiro: Lexikon Editora Digital, 2008.
- CALLAI, Helena Copetti. Estudar o lugar para compreender o mundo. In: CASTROGIOVANNI, Antônio Carlos (org.). Ensino de Geografia: práticas e textualizações no cotidiano. Porto Alegre: Mediação, 2014. p. 71-114.
- CARLOS, Ana Fani Alessandri. org Espaço-tempo na metrópole: a fragmentação da vida cotidiana. São Paulo: Contexto, 2001.
- CARVALHO, Cláudio; RODRIGUES, Raoni. **Fundamentos do Direito à Cidade**. João Pessoa, PB: Editora Porta, 2023.
- CASTELLO BRANCO. **Do interior** [canção]. Álbum Sintoma. São Paulo. Independente, 2017.
- CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia e Práticas de Ensino. Goiânia: Alternativa, 2002.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano**: 1. Artes de Fazer. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. 22 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.

CORALINA, Cora, 1989-1985. Melhores poemas/Cora Coralina; seleção e apresentação Darcy França Denofrio. 2ª ed. ver e ampliada – São Paulo: Global, 2004. – Coleção melhores poemas/ direção Edla Van Steen.

DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História oral**: memória, tempo e identidades. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

EVARISTO, Conceição. A roda dos não ausentes. In: EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Rio de Janeiro: Malê, 2017. p. 12.

FIEMG. **Somos mineiros. E esse é o maior motivo para seguir em frente**. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=0R85C_Sz9KI. Acesso em: 23 dez. 2022.

FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade**: Curso dado no Collège de France (1975-1976). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: Editora UNESP, 2000. p. 27.

FREUD, Sigmund. **Psicologia de massas e análise do Ego**. Obras Completas, vol.XVIII. Rio de Janeiro: Imago, 1921.

FREUD, Sigmund. Luto e melancolia. In: _____. **Obras completas**, volume 14. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. p. 237-270.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar, escrever, esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2009.
GAMA, Fabiene. A autoetnografia como método criativo: experimentações com a esclerose múltipla. **Antropologia & Arte**, v. 2, 2020. Disponível em: <http://journals.openedition.org/aa/5872>. Acesso em: 17 set. 2024.

GESTA - Grupo de Estudos em Temáticas Ambientais. **Mapa dos Conflitos Ambientais**. Disponível em: <https://conflitosambientaismg.lcc.ufmg.br/observatorio-de-conflitos-ambientais/mapa-dos-conflitos-ambientais/>. Acesso em: 31/07/2024.

HALBWACKS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

HALL, S. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. 10 ed. Rio de Janeiro: DP&CA, 2005.

HOOKS, Bell. **Ensinando a transgredir**: a educação como prática da liberdade. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2017.

HUNZICKER, A. C. M.; ANTUNES-ROCHA, M. I. A prática do silêncio pedagógico no contexto minerário. **Revista Brasileira de Educação Básica**, v. 7, n. Especial – Educação e Desastres Minerários, p. 1-9, jan. 2022.

INFOMONEY. **Vale (VALE3) tem lucro líquido de US\$ 2,7 bilhões no segundo trimestre, alta de 210%.** 2024. Disponível em: <https://www.infomoney.com.br/mercados/vale-vale3-resultados-segundo-trimestre-2024/>. Acesso em: 31 jul. 2024.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade.** São Paulo: Centauro, 2016.

LEFEBVRE, Henri. **A Revolução Urbana.** Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1999.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória.** 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1996. p. 535.

LIMA, Nilo. Geografia cidadã - contribuindo para a emoção como categoria de análise para a geografia. In: SOUZA, Maria Adélia de (org.). **Território brasileiro: usos e abusos.** Arapiraca: EDUNEAL, 2017. p. 157-163.

MAGALHÃES, Célia Elisa Alves de. **Autoetnografia em contexto pedagógico:** entrevista e reunião como locus de investigação. Veredas Online – Temática, Juiz de Fora, v. 22, n. 1, p. 16-33, 2018.

MAIA, Andrea Casa Nova (org.). **História oral e o direito à cidade: paisagens urbanas, narrativas e memória social.** Rio de Janeiro: Letra e Voz, 2019.

MANZINI, Eduardo J. **A entrevista na pesquisa social.** Didática, São Paulo, v. 26/27, 1990/1991, p. 149-158.

MEIHY, José Carlos Sebe; SEAWRIGHT, Leandro. **Memórias e narrativas:** História Oral Aplicada. São Paulo: Contexto, 2021.

MELO, Elomar Figueira. Incelença do amor retirante [canção]. Rio de Janeiro: Som Livre, 2016. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nKneL4Y9Xh8>. Acesso em: 17 set. 2023.

MINAS GERAIS. Assembleia Legislativa de Minas Gerais. **Opção pelo risco:** causas e consequências da tragédia de Brumadinho: A CPI da ALMG. Belo Horizonte: Scriptum, 2021.

MINAS GERAIS. Tribunal Regional do Trabalho da 3ª região. Recurso de revista do processo nº 0010097-40.2021.5.03.0026 Disponível em: <https://pje-consulta.trt3.jus.br/consultaprocessual/>. Acesso em: 16 set. 2023.

NARRADORES de Jávê. Eliane Caffé. Produção de Vânia Catani e André Montenegro. Rio de Janeiro: Bananaveira Filmes, 2004. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Trm-CyihYs8>. Acesso em: 16 set. 2023

PORTAL DA CIDADE BRUMADINHO. **Brumadinho terá 4 dias de programação para marcar os 5 anos da tragédia.** 08 jan. 2024. Disponível em: <https://brumadinho.portaldacidade.com/noticias/cidade/brumadinho-tera-4-dias-de-programacao-para-marcar-os-5-anos-da-tragedia-4609>. Acesso em: 31/07/2024.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. In: FERREIRA, Marieta de Moraes; AMADO, Janaína (org.). **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 103-130.

PORTELLI, A. **Tentando aprender um pouquinho**: algumas reflexões sobre a ética na história oral. Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História, [S. l.], v. 15, 2012. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/11215>. Acesso em: 18 set. 2023.

RICOEUR, Paul. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas, SP: Unicamp, 2007.

RODRIGUES, M. D.; SILVESTRE, V. P. V. Interculturalidade crítica e educação linguística: problematizando (des)invenções. **Cadernos De Gênero E Diversidade**, Universidade Estadual de Goiás, v. 6, n. 3, p. 407-429, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.9771/cgd.v6i3.38340>. Acesso em: 16 set. 2023.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A difícil democracia**: reinventar as esquerdas. São Paulo: Boitempo, 2016.

SANTOS, Gustavo Alvarenga Oliveira. Contribuições de Kusch para a educação, cultura e vida escolar. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 16, n. 36, Ahead of Print, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.20500/rce.v16i36.42924> Acesso em: 11 set. 2024

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização**: do pensamento único à consciência universal. 6 ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SANTOS, Milton. **O espaço da cidadania e outras reflexões**. Organizado por Elisiane da Silva, Gervásio Rodrigo Neves e Liana Bach Martins. Porto Alegre: Fundação Ulysses Guimarães, 2011. (Coleção O Pensamento Político Brasileiro; v.3).

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. **O Brasil: território e sociedade no início do século XXI**. 9. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006.

SCHRAMM, J. F. História, tempo presente e o fetiche do distanciamento nas ciências sociais. **Revista Desafio**, v. 2, n. 2, p. 67-83, 2014.

SEAWRIGHT, Leandro. **Vidas Machucadas: História Oral Aplicada**. São Paulo: Contexto, 2023. 192 p.

SELIGMANN-SILVA, M. **História, Memória, Literatura: o testemunho na era das catástrofes**. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.

SOUZA, Maria Adélia de (org.). **Território brasileiro: usos e abusos**. Arapiraca: EDUNEAL, 2017. 616 p.

SOUZA NETO, Maurício José de. Por que pensar hoje em uma educação linguística antirracista? Limites, tensões e possibilidades. **Paraguaçu revista de estudos linguísticos e literários**. v. 1, n. 1, p. 168-191, ago. 2021. Disponível em: <https://www3.ufrb.edu.br/seer/index.php/revistaparaguacu/article/view/2042>

TOURTIER-BONAZZI, Chantal. Usos e abusos da história oral. In: _____. Arquivos: propostas metodológicas. Porto Alegre: Artmed, 2006. cap. 19. p. 209-236.
 VALE. Site da empresa. 2019. Disponível em <https://vale.com/pt/reparacao>. Acesso em: 23/12/2022.

Vale S.A. **Acordos de indenização individual com a Vale superam R\$ 3 bilhões.** Disponível em: <https://vale.com/pt/w/vale-d%C3%A1-in%C3%ADcio-%C3%A0s-negocia%C3%A7%C3%B5es-para-indeniza%C3%A7%C3%B5es-individuais-ou-por-grupo-familiar>. Acesso em: 02/08/2024.

VERSIANI, Daniela Beccaccia. Autoetnografia: uma alternativa conceitual. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 37, n. 4, p. 57-72, dez. 2002.

WIKIMEDIA COMMONS. **Brumadinho MG Brasil - Portal da Cidade - panoramio.jpg** [s. l.], 2008. 1 fotografia, color. Disponível em: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Brumadinho_MG_Brasil_-_Portalda_Cidade-_panoramio.jpg?uselang=pt-br. Acesso em: 31 jul. 2024.

ZHOURI, Andréa. Desenvolvimento e conflitos ambientais. **Revista Desenvolvimento e Meio Ambiente**, v. 22, p. 545-555, 2010.

ANEXOS

[ANEXO I – Recurso Educacional \(em pdf\)](#)

ANEXO II – Encarte para o professor

O livro paradidático digital

Caros (as) colegas professores e professoras de Geografia;

Me dirijo a você que sabe mais do que ninguém como é desafiador o dia a dia na sala de aula. Sei o quanto é doloroso tocar nesse assunto, porque também já precisei fazê-lo. Mas, justamente por isso, precisamos exercer nosso papel de participantes ativos nesse processo de rememorar. Isso não pode se repetir e a sala de aula é a condição para que a sociedade se fortaleça e impeça a repetição.

Através da educação, nós faremos o futuro e ninguém o fará por nós.

Obrigada por se comprometer! Um abraço! Elaine

O presente livro paradidático digital foi dividido em quatro partes.

Na primeira parte apresento Brumadinho a partir do presente e introduzo a cidade a partir do meu ponto de vista, para isso, utilizo um texto de minha autoria: Minha pequena grande Brumadinho.

Texto I - Minha pequena grande Brumadinho

Em seguida, trago as contribuições de entrevistados e dos próprios estudantes com questões direcionadas a eles e que abrem as oportunidades de discussão.

Na segunda parte, trago textos de dois brumadinenses importantes e conhecidos no município:

Texto II - O dia mais feliz da história de Brumadinho

Texto III – Brumeiro

A partir destes textos, assim como na primeira parte, foram propostas atividades direcionadas aos estudantes do 3º ciclo.

Na terceira parte, apresento os bairros que são o recorte espacial da pesquisa e passo a palavra a algumas de minhas entrevistadas, que contarão histórias de suas vivências e andanças nos Bairros Santa Efigênia, Carmo e São Sebastião e na Escola Municipal Padre Machado.

Além disso, apresento personagens importantes para o recorte espacial apresentado. Assim como na primeira e segunda partes, também foram propostas atividades relacionadas aos relatos.

Enfim, na quarta parte, que denominei de Nostalgia, Saudade e Memória, procuro homenagear a cidade e os seus habitantes através dos diversos relatos que ouvi e dos meus próprios sentimentos antes, durante e ao finalizar as entrevistas. Neste momento do recurso digital, apresento textos autorais escritos e ilustrados em cocriação com as pessoas que entrevistei. Nádia Michele Rodrigues, a NMR e Maria Angélica Firmino, a MAF contribuíram voluntariamente para o projeto com seus maravilhosos trabalhos artísticos.

A seguir descrevo as quatro partes do recurso educacional proposto.

I. Minha pequena grande Brumadinho

O primeiro texto é de minha autoria e foi utilizado em 2023 com minha turma de 6º ano do Ensino Fundamental de uma escola da rede privada de Belo Horizonte. Nesta turma, estudava Cristal (nome fictício), de família proveniente de Brumadinho, filha de um casal de amigos meus. Um dos tios maternos de Cristal foi uma das vítimas do rompimento da barragem de Brumadinho. Minha preocupação era o tema a ser trabalhado. Não poderia deixar de lado, subestimar os estudantes (como se eles não fossem perceber que pulei uma unidade didática prevista) e simplesmente “pular” o conteúdo. E, principalmente, eu como brumadinense e professora de Geografia considero fundamental a reflexão a respeito do tema. Então, como trabalhar tal tema? Considerei que a melhor estratégia era falar da minha dor e, ao mesmo tempo do meu amor pela cidade e pela minha área de atuação. Demonstrar minha fragilidade me aproximaria ainda mais da Cristal e dos meus outros estudantes, que saberiam que aquele tema nos sensibilizava e, por conseguinte, também sensibilizaria a eles. Como diria Dona Ivone Lara: “Eu vim de lá, eu vim de lá pequenininho...”

Alguém me avisou pra pisar nesse chão devagarinho...”

E devagarinho, eu introduzi o assunto. Foi uma manhã emocionante e talvez, por isso mesmo, produtiva. Minha querida Cristal contribuiu muito para a discussão. O pai dela também trabalha numa mineradora e ela relatou aspectos sobre o trabalho do pai durante a conversa. Fizemos toda uma discussão sobre escala, hierarquia urbana, impactos ambientais e os estudantes participaram ativamente. Ou seja, um tema que muitas vezes é visto com receio, foi trabalhado de maneira agradável e produtiva.

Após o rompimento da barragem, muitos pontos de vista do senso comum tomaram proporções prejudiciais ao ensino da Geografia, por exemplo o que percebemos na fala de NMR em sua entrevista:

“Elaine - Depois do 25 de janeiro, o que você percebeu quando você fala com as pessoas que é de Brumadinho?

NMR - Primeiro que depois dessa data todo mundo conhece Brumadinho. Antigamente ninguém conhecia. E imediatamente a pessoa já demonstra alguma coisa de dó. Algum sentimento de compaixão. Imediatamente pergunta de parente. Não mais agora (2024), mas no início perguntava muito. Sua família, como é que vai? Hoje as pessoas não perguntam... aí eu não sei se é por medo, desconforto. Medo não, desconforto. Talvez. Mas todo mundo imediatamente já tem esse toque de compaixão.

Elaine - Como você se sente em relação a isso?

NMR – (pausa) Acho que eu já acostumei. Antes eu ficava desconfortável. Já acostumei.

Elaine - Você repara também que tem um desconhecimento das pessoas quando elas sentem esse sentimento de compaixão, por exemplo. Muitas pessoas acreditam que os nossos bairros, Santa Efigênia, Carmo e São Sebastião, por exemplo, foram diretamente atingidos.

NMR – Sim.

Elaine - Muitas pessoas, quando a gente fala que é de Brumadinho, já olham talvez com compaixão de certa forma achando que aquilo ali tudo foi...

NMR – Foi... Brumadinho, que destruiu a cidade de Brumadinho.

Geralmente o sentimento de compaixão é acompanhado de uma espécie de imediatismo. A pessoa compassiva quer te ajudar, mesmo que você não precise e, por isso muitas vezes não pergunta, não busca informações. Isso é observado no texto de HUNZICKER, ANTUNES-ROCHA e FANTINEL (2020) nas entrevistas com os professores do Córrego do Feijão:

O incômodo com o grande número de voluntários, de doações e oferta para desenvolvimento de atividades, a princípio compreendida como uma ação de solidariedade, pode constituir-se como obstáculo à compreensão dos problemas e busca de soluções, pois muitas vezes a motivação para as ações situa-se na dimensão caritativa, dificultando a construção de redes colaborativas organizadas pelos próprios atingidos. Na roda de conversa, os participantes informaram que não tinham tempo sequer para conversar com os alunos e/ou entre si, pois nos primeiros meses o tempo escolar era ocupado pela presença de interessados em realizar algum tipo de ação com estudantes.

Eu, enquanto professora, sempre fui abordada pelos meus alunos após eles descobrirem que eu vinha de Brumadinho. Num diálogo com uma ex-aluna após uma excursão realizada por sua turma anos após eu ter sido sua professora, ela me mostrou uma foto próxima ao Inhotim, o museu de arte contemporânea e, na sua impressão, a lama tinha chegado ali perto, quando na verdade, a lama passou pelo Rio Paraopeba, mas não chegou sequer perto das partes mais altas da cidade, onde fica localizado o museu e os bairros Santa Efigênia, Carmo e São Sebastião. Fomos atingidos enquanto cidade, porém de diversas outras maneiras, não pela lama, mas pelas consequências que ela carregou consigo, visíveis e invisíveis.

Meu objetivo ao trabalhar esse texto, portanto, foi gerado de um incômodo tal qual o de NMR. Falar sobre o ocorrido da perspectiva de brumadinenses era urgente, principalmente em sala de aula e sobretudo nas salas de aula de Brumadinho. Assim, elaborei minha atividade a partir do texto que dá início a este recurso digital.

II. Você conhece Brumadinho?

O segundo e o terceiro texto são de autoria de dois cidadãos importantes para Brumadinho, o Sr Abelardo Duarte Passos, político, farmacêutico e advogado já falecido, conhecido por todos como Sô Belardo ou Sô Abelardo e por quem, principalmente os mais velhos têm muito respeito e gratidão, como no trecho da entrevista de minha mãe, Nevita Alves Paraguai – 80 anos:

Nevita - Da roça para cá, eu tive um problema de reumatismo. Eu fiquei de cama, fiquei acamada.

Elaine - Quando a senhora veio para cá, não é?

Nevita - É. Eu tinha torcido o pé e aí começou um reumatismo. Ficou nos dois pés, inchou, inchou muito, eu ficava de cama. Não aguentava fazer nada. Meu braço pulava assim de vez em quando.

Elaine - Mexia sozinho?

Nevita - É. Depois, com o tempo, quando o Sobelardo (Sr Abelardo) e o Sô Afrânio, eles me receitou um remédio e eu melhorei.

Naquela época, o acesso aos médicos era raro e difícil para a população de Brumadinho, então, recorria-se ao farmacêutico. A farmácia São Geraldo é tradicional na cidade e até hoje mantém suas portas abertas, tendo em uma de suas lojas um pequeno museu com as relíquias utilizadas por seu fundador. O texto do Sô Belardo conta o dia emancipação de Brumadinho, segundo ele, o dia mais feliz da história da cidade.

O próximo autor é músico e ainda reside em Brumadinho. Leci Strada é reconhecido praticamente por todos os brumadinenses da minha geração, pois em nossa adolescência, nas décadas de 1980 e 1990 eram comuns os festivais de música na cidade, nos quais ele era figura praticamente certa. Os mais jovens certamente não o conhecem na mesma proporção e como ele tem uma relação muito estreita com o Bairro São Sebastião onde reside parte de sua família, será uma excelente oportunidade para os estudantes conhecerem-no e à sua obra. A música Brumeiro, escolhida para o recurso educacional é uma declaração de amor à Brumadinho e fala de sua paisagem, de suas serras de sua bruma, coisas que todo brumadinense conhece e com as quais convive.

III. Três bairros no entorno da Escola Municipal Padre Machado

Nesta parte do recurso, a intenção é que os estudantes da escola conheçam o entorno com propriedade. Percebe-se atualmente em Brumadinho uma movimentação intensa de veículos, o que tem tornado menos comum as andanças de antigamente. Propiciar o usufruto da cidade, principalmente realizado a pé é importante para garantir o direito à locomoção, o direito ao passeio, à deriva, o direito à cidade. Nas palavras de SILVA e AULA (2021, p.19): “Diversos

modos de experienciar a cidade registrados em caminhadas trazem à luz demandas de pertencimento, direito à cidadania e direito a andar no ambiente urbano.”

Dessa forma, apresento as ruas em mapas e conto as histórias ligadas a elas nas narrativas das entrevistadas. É presença constante nas entrevistas a memória do brincar na rua, do andar a pé, coisas que atualmente têm se tornado mais raras, como afirma MAIA (2021, p.7):

(...) o aumento da mobilidade dos bens e das pessoas está afetando meio ambiente, experiências do lugar e a forma de compartilhar histórias. A história oral de um lugar envolve memórias individuais relacionadas a certos locais. Memórias que, no turbilhão das transformações contemporâneas, restam muitas vezes desconhecidas.

Neste momento, a história oral testemunhal entrará em ação e os estudantes serão convidados a conhecer a realidade de estudantes como eles, mas que frequentaram aquela escola em outro momento do tempo histórico.

IV. Nostalgia, saudade e memória

A frase de um cartoon de Rafael Correa²¹ explica a minha opção nesta parte do recurso educacional:

“E agora o que faremos? Poesia, esses canalhas não suportam poesia.”

Transformar as diferentes narrativas, minhas e de meus entrevistados, em poemas foi uma forma de relatar, através do texto escrito, as memórias e os sentimentos que dão título à quarta parte do livro paradidático.

FRANCO citada por Seligmann-Silva (2003, p. 352) afirma que cabe à literatura: “lutar contra o esquecimento e contra o recalque, isto é, lutar contra a repetição da catástrofe por meio da rememoração do acontecido”. Esta obra traz vários artigos, de vários autores sobre a chamada literatura de testemunho que, conforme o organizador Seligmann-Silva afirma, se opõe à historiografia tradicional para a qual o testemunho não teria credibilidade por tratar-se de experiência privada/pessoal do passado. Numa análise da obra de Walter Benjamin, Seligmann-Silva afirma que a historiografia baseada na memória: “testemunha tanto os sonhos não realizados e as promessas não cumpridas como também as insatisfações do presente” (SELIGMANN-SILVA, 2003, p. 389).

Portanto, tendo como referência a literatura de testemunho, ousou escrever em homenagem à população de Brumadinho e, para isso, conto com a contribuição dos meus

²¹ Cartum de Rafael Correa disponível no instagram

https://www.instagram.com/p/CjQiz7dLOjQ/?utm_source=ig_web_copy_link&igsh=MzRIODBiNWFIZA==

entrevistados e especialmente com suas imagens e artes que completam os fios da tecitura das nossas memórias, pois, segundo SEAWRIGHT (2023, p.27): “Desatar a vítima, isto é, desfragilizar o ser humano agredido é compreender suas vidas machucadas quando se retira da força das histórias a capacidade e a potência para reconstruir destinos de comunidades”.

Ao final desta parte e consequentemente do livro, convido os estudantes a continuarem tecendo as memórias e, assim darem continuidade à escrita dessa história com autonomia e cientes de seu papel ativo como partícipes da história e geografia de Brumadinho. Convido você, professora, professor a seguir conosco reconstruindo nosso lugar de afeto, nossa cidade, Brumadinho.